

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO
BÁSICA

ELIZIANE CRISTINA PEREIRA VALENTIM FERREIRA

BRINCADEIRAS DE RUA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Vivências e Inclusão

BAURU

2022

ELIZIANE CRISTINA PEREIRA VALENTIM FERREIRA

BRINCADEIRAS DE RUA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Vivências e Inclusão

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Faculdade de Ciências, Campus de Bauru – Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica, sob orientação do Prof. Dr^a. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger.

BAURU

2022

Ferreira, Eliziane Cristina Pereira Valentim.
Brincadeiras de Rua na Educação Infantil: Vivências
e Inclusão / Eliziane Cristina Pereira Valentim Fer-
reira, 2022

133 f. : il.

Orientadora: Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista (Unesp). Faculdade de Ciências, Bauru, 2022

1. Educação Física. 2. Brincadeiras de Rua. 3. In-
clusão. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade
de Ciências. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ELIZIANE CRISTINA PEREIRA VALENTIM FERREIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 29 dias do mês de novembro do ano de 2022, às 09:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ELIZIANE CRISTINA PEREIRA VALENTIM FERREIRA, intitulada **"BRINCADEIRAS DE RUA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Vivências e Inclusão"** e produto educacional **"Brincadeiras em Ação e TJT DIVERSÃO E INCLUSÃO (Tabuleiro de Jogos Tradicionais)"**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / UNESP Faculdade de Ciências de Bauru SP, Prof. Dr. MARCOS GARCIA NEIRA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada / Universidade de São Paulo - SP, Profa. Dra. DENISE APARECIDA CORREA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / Câmpus de Bauru - SP. Após a exposição pela mestrande e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER



AGRADECIMENTOS

Sentindo uma imensa alegria quero agradecer e talvez palavras não consigam expressar minha gratidão, mas com toda certeza são sinceras.

Primeiramente agradeço a Deus por tudo em minha vida, e por esse sonho realizado.

Ao meu amado esposo Alexandre por todo zelo, incentivo e pela disposição em todos os momentos dessa jornada chamada vida.

Aos meus queridos pais Ilton e Judite que com muita sabedoria e paciência ao longo da vida me apoiam, me orientam e são meus exemplos de pessoas e profissionais.

A minha irmã Cássia por todo apoio.

Aos meus sogros João e Dirce por todo carinho.

Aos meus familiares e amigos que sempre se alegram com minhas conquistas.

Aos meus alunos que durante todos esses anos deixam um pouquinho de si e me ensinam muito.

Aos professores e colegas do programa de pós-graduação (PPGDEB) por todo ensinamento e vivências compartilhados.

A equipe EMEI Marieta, alunos e familiares que participaram desta pesquisa tornando a possível.

A querida professora Dr^a Denise pelos maravilhosos momentos compartilhados no estágio docência e ao professor Dr. Marcos pelos ensinamentos durante o acompanhamento da disciplina, e por terem aceito o convite para compor a banca de qualificação e defesa, por suas valiosas contribuições para a pesquisa.

Minha gratidão especial para a professora Dagmar, minha orientadora por ter acreditado e depositado sua confiança em mim, é uma honra poder ser sua orientanda.

RESUMO

A Educação Física Infantil possibilita que as brincadeiras sejam abordadas e que contribuam com o desenvolvimento integral das crianças. A escola é um ambiente multicultural, onde temos a participação de centenas de indivíduos e cada um com suas singularidades. Hoje em dia observamos que muitas crianças desconhecem as brincadeiras que faziam parte do repertório de diversão de gerações anteriores. Nesse sentido, a presente pesquisa abordou a temática de estudos referente às brincadeiras de rua atrelada à inclusão escolar. Dessa forma, será que as brincadeiras de rua ressignificam o ensino e a aprendizagem da Educação Física Escolar, na perspectiva da inclusão? Mediante o exposto, esse estudo objetivou analisar os processos educativos desencadeados pelas brincadeiras de rua na perspectiva da inclusão entre crianças com e sem deficiência na educação física escolar, na Rede Pública Municipal de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa pautada pela pesquisa-ação e para coleta de dados utilizou-se como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados à luz da revisão de literatura e conforme a análise de conteúdo. Constatamos no âmbito da pesquisa que os professores de Educação Infantil trabalham as brincadeiras de rua sem correlacionar com a inclusão escolar e que os mesmos sentem dificuldades em desenvolver essa temática. Concluímos a necessidade de novas abordagens em relação às práxis educativa para auxiliar e contribuir com o processo de inclusão, e dar novos significados as brincadeiras de rua que são patrimônio cultural brasileiro no contexto educacional. Enfim, apresento os produtos educacionais, objetivando fomentar a inclusão no ambiente escolar e propagar as brincadeiras de rua.

Palavras-chave: Educação Física. Brincadeiras de Rua. Inclusão.

ABSTRACT

Physical Education in early childhood allows games to be addressed and contribute to the integral development of infants. School is a multicultural environment, where we have hundreds of individuals being part of it, each one with its singularities. Nowadays we notice that many kids ignore the street games that were once part of the previous generation's leisure activities. For that matter, the current study approached the theme of studies related to street games coupled with school inclusion. Therefore, do the street games re-signify the teaching and learning of School Physical Education, from the inclusion perspective? Based on the above, this study to analyze the education process initiated by the street games from the inclusion perspective among children with and without disabilities in school physical education, in the Municipal Public School system of a town in the countryside of São Paulo State. It is a qualitative research guided by research-action and the semi-structured interview was used as a research instrument to collect data. Data were analyzed based on literature review under content analysis. We could see that on the context of the research, teachers from Early Childhood Education perform the street games without correlating them with school inclusion and they find difficulties to develop this topic. We conclude therefore, the need of new approaches in relation to educational praxis to assist and contribute to the inclusion process, and give new meanings to street games, which are part of the Brazilian cultural heritage on the educational scenario. Finally, I present the educational products aiming to promote inclusion in the school environment and disseminate the street games.

Keywords: Physical Education. Street Games. Inclusion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Questão do Formulário.....	49
Figura 2. Questão do Formulário.....	50
Figura 3. Brincadeiras da entrevista com funcionárias.....	53
Figura 4. Brincadeiras relatadas pela família.....	54
Figura 5. Respostas das crianças.....	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Perfil das professoras entrevistadas.....	33
Tabela 2. Respostas do questionário a partir do SIM brincam na rua.....	44
Tabela 3. Respostas do questionário a partir do NÃO brincam na rua.....	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Síntese das ideias do princípio de igualdade.....	27
Quadro 2. Questão do Formulário.....	49

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Taxa de inclusão dos estudantes com deficiência na Educação Infantil.....	21
Gráfico 2. Matrículas de estudantes com deficiência na Educação Infantil.....	22
Gráfico 3. Porcentagem da população, por tipo e grau de dificuldade e deficiência....	23
Gráfico 4. Número de matrículas de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades em classes comuns ou especiais exclusivas...	23
Gráfico 5. Percentual de alunos matriculados com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades que estão incluídos em classes comuns.....	24
Gráfico 6. Questão do Formulário.....	44
Gráfico 7. Questão do Formulário.....	47
Gráfico 8. Questão do Formulário.....	47
Gráfico 9. Questão do Formulário.....	48
Gráfico 10. Questão do Formulário.....	48
Gráfico 11. Questão do Formulário.....	51
Gráfico 12. Questão do Formulário.....	51
Gráfico 13. Questão do Formulário.....	52
Gráfico 14. Questão do Formulário.....	52

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO	17
1 Educação e Inclusão para além de direitos e garantias	21
1.1 Inclusão	27
1.2 Educação Física no processo de inclusão	30
2 Percurso da Pesquisa.....	33
2.1 Universo da Pesquisa	33
2.2 Participantes da Pesquisa.....	34
2.3 Seleção da turma	37
2.4 Procedimentos para a Coleta de Dados	38
2.5 Procedimentos para Análise dos Dados	39
3 O lúdico e suas possibilidades.....	41
3.1 Ludicidade na Educação Física Infantil.....	41
3.2 O brincar na atualidade	43
3.3 Jogos Populares.....	45
4 O brincar e a deficiência na oralidade dos funcionários escolares e familiares.....	47
4.1 Perfil das crianças participantes.....	47
5 A práxis da inclusão de crianças com deficiência no ensino regular na perspectiva das professoras de Educação Infantil.....	62
5.1 A inclusão no ensino regular	62
5.2 As crianças e a inclusão escolar	66
5.3 Brincadeiras de rua como práxis educativa	69
6 Considerações Finais	74
REFERÊNCIAS.....	76
APÊNDICES.....	82
APÊNDICE A - Delineamento do Produto	82
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais	95
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para professores e funcionários	96
APÊNDICE D - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	97
APÊNDICE E - Questionário entrevista das crianças	98
APÊNDICE F - Formulário do Google para os pais	99
APÊNDICE G - Roteiro da Entrevista	104
APÊNDICE H - Transcrições das entrevistas Professores de Educação Infantil	105
APÊNDICE I – Questionário Unidade Escolar	124
APÊNDICE J – Questionário para a Secretaria Municipal de Educação	126

APÊNDICE K - Cronograma das aulas	129
---	-----

ANEXOS130

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP	130
--	-----

APRESENTAÇÃO

Estou professora de Educação Física da Rede Municipal de Ensino em uma cidade do interior de São Paulo há mais de 10 anos e atuando com o público de educação infantil.

Sempre fui uma criança ativa, brincava na rua com meus amigos e aos fins de semana com os primos/ familiares, geralmente na casa dos meus avôs. Nessa fase da infância a atividade física também estava presente: fiz aulas de dança, natação e aos 9 anos comecei a praticar handebol no ginásio municipal que ficava localizado no bairro em que morava. Ali nasceu uma paixão pelo esporte, no decorrer dos anos participei de muitos torneios/campeonatos. Treinar era uma atividade prazerosa e que cada vez mais eu me dedicava.

Dessa forma fui me desenvolvendo, destacando e no ano de 2005 fui convidada para jogar por um time e também fiz a peneira em um clube da capital e tive a oportunidade de representar esse time neste ano.

Lembro-me que ser goleira de handebol era o que desejava por muitos anos de minha vida e na famosa pergunta do que gostaria de ser quando crescer, essa foi a escolha por muito tempo, também me recordo de falar outras profissões.

No Ensino Médio e jogando o esporte amador comecei a refletir muito se seria isso que gostaria de exercer como profissão. Com o decorrer do tempo percebi que ser jogadora era algo que amava quando estava na presença de algumas pessoas, nas vivências que tive em minha cidade. Estar defendendo um grande clube me fez experimentar o esporte de outra maneira: alta performance, rendimento, stress, entre outros.

Em época de vestibular (2006) e não mais atleta amadora decidi prestar para o curso de fisioterapia, fiz provas em 2 faculdades públicas e não consegui ingressar. Na cidade que resido o curso era ofertado de forma integral em uma faculdade privada, sendo assim não tive a possibilidade de cursar, pois precisava trabalhar e cursar no período noturno.

Foi então em 2007 que decidi prestar o vestibular para Educação Física com o pensamento inicial que era uma ponte para a fisioterapia. Meu sonho era de poder

contribuir com a qualidade de vida das pessoas, pensava nas reabilitações e em tudo que poderia agregar para as pessoas que precisassem de mim.

Porém em 2008 iniciei a graduação em Educação Física de 4 anos na época em licenciatura e depois cursei mais 1 ano de bacharel.

Com isso fui me envolvendo com as disciplinas e no ano de 2012 já formada em licenciatura tive a oportunidade de prestar o concurso para professora e passar.

Embora tenha cursado Educação Física nunca havia passado pela minha cabeça a possibilidade de trabalhar com a licenciatura e com a educação infantil. Trabalhava em uma empresa no setor financeiro e não via a necessidade de migrar de área.

Assim sendo, em julho de 2012 optei por ter essa experiência e iniciei a minha jornada como professora e nesse mesmo ano finalizei o bacharel.

Com o término da graduação já dei sequência nos estudos com a pós em Atividade Física Adaptada e Saúde, com o handebol presente em grande parte da minha vida, optei por estudar sobre o esporte adaptado e conforme conhecia mais esse universo, mais me apaixonava.

Na escola com o decorrer dos anos também tive a oportunidade de trabalhar com o público de inclusão, tive alunos com paralisia cerebral, mielomeningocele, surdez, entre outros.

Compartilhar experiências com eles me fez perceber a importância da escola no processo de inclusão e na vida de todas as crianças.

Dessa forma sempre busquei me aperfeiçoar profissionalmente para poder ser o melhor para os meus alunos, não a melhor, mas a que com amor e carinho sempre busca contribuir com eles.

No ano de 2017 fiz o curso de intérprete e tradutora de Libras e pude conhecer muitas histórias e ter acesso a muitas informações.

Com o desejo de continuar os estudos pensava o que mais poderia buscar para me atualizar, especializar e foi nesse momento que o Mestrado foi uma possibilidade, busquei me informar e conforme pesquisava só aumentava meu interesse em cursar.

Da possibilidade nasceu um sonho que em 2020 realizei e agora com muita alegria estou a alguns passos de concluir.

Nesta pesquisa trago as brincadeiras de rua por entender que o brincar deve estar presente na vida de todas as crianças independente das condições físicas, psicológicas e ou sociais que possuem, e por significar para mim algo prazeroso e com inúmeras lembranças positivas. Que inclusão deve ser trabalhada desde a infância para que nós seres humanos possamos ser mais solidários uns com os outros e que o respeito deve existir independente de quem você seja.

Percebo o quanto ainda se faz necessário continuar a trilhar nesse caminho de estudos, pois quanto mais aprendo vejo o quanto ainda não sei, e o quanto ainda posso aprender, ser e fazer para meus alunos.

Ressignificar as brincadeiras de rua em contexto educacional e inclusivo pode ser uma possibilidade para que você também leitor (a) tenha experiências únicas e maravilhosas, talvez difíceis? Não sei, apenas deixo em palavras o pouco que consegui transmitir diante da complexidade que é viver e ser professora.

INTRODUÇÃO

Está cada dia mais escasso visualizar crianças brincando na rua como acontecia antigamente em nossa sociedade. É cada dia mais abundante enxergar as crianças fazendo o uso de recursos tecnológicos por meio de tablets e celulares para se comunicarem e brincarem.

Um dos fatos responsáveis por essa mudança se dá pelas novas gerações serem conhecidas como nativos digitais, que conforme Presnsky (2001), Palfrey e Gasser (2011) esse público utilizam as ferramentas digitais para diversos contextos.

Segundo Friedmann (2006) e Kishimoto (2016) os processos de urbanização e industrialização foram modificando nossos costumes com o passar do tempo. Com isso o brincar na rua também foi se alterando. As brincadeiras e jogos sofreram mudanças ao longo do tempo pela redução do espaço físico e do tempo disponível para realizar essas vivências, com o crescimento das áreas urbanas, falta de segurança, expansão da indústria e outras opções mais atrativas como a tecnologia.

Dessa maneira, essa nova geração brinca em locais diferentes da rua e muitas vezes desconhece as brincadeiras tradicionais que uniam, divertiam e permitiam que crianças de gerações passadas explorassem um repertório de atividades características da cultura da infância.

As aulas de Educação Física propiciam que brincadeiras, jogos, danças, lutas, esportes, ginásticas, entre outras sejam desenvolvidas com as crianças.

A BNCC (2018, p.213) destaca que:

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo.

Além das atividades específicas do componente curricular, os relacionamentos interpessoais vivenciados nas aulas possibilitam que as crianças acessem significados em relação à valores como respeito, solidariedade, cooperação, empatia, entre outros.

No ambiente escolar é possível observar a diversidade de sujeitos que compartilham esse local diariamente e, diante da minha experiência quando se trata de pessoas com deficiências e/ou limitações, constato que as crianças desconhecem a nomenclatura ou até mesmo o porquê dos colegas e amigos possuírem determinadas características.

Nesse sentido é imprescindível que se aborde essa temática com as crianças não somente para disseminar informações verídicas a respeito de cada deficiência e/ou limitação, mas também no sentido de poder valorizar as diferenças e valores da nossa sociedade.

Como campo de inspiração a Educação Física Cultural se fez presente neste estudo quando o mesmo já estava em andamento, contribuindo para ampliar o contexto vivenciado.

Segundo Neira (2016, p.90)

Na perspectiva cultural, os participantes assumem a autoria curricular. Obviamente, professores e alunos possuem responsabilidades e atribuições distintas. Enquanto os docentes selecionam o tema de estudo, organizam as atividades de ensino, conduzem o processo e interpelam os estudantes, estes, com seu repertório, significações e posicionamentos pessoais e coletivos, reconstroem os conhecimentos veiculados, conferindo-lhes novos significados, sugerem, alteram, propõem e enriquecem as aulas, participando ativamente de muitas maneiras.

Assim sendo, a prática corporal tematizada já estava definida como brincadeiras de rua e com o aprofundamento acerca do currículo cultural as situações didáticas foram permitindo dar novos significados para a pesquisa.

A ludicidade é composta por várias características positivas nos aspectos cognitivos e sociais como apresentado pelos autores (FRIEDMANN, 1995, 2006, 2012; HUIZINGA, 2000; KISHIMOTO, 2010, 2016; NISTA-PICCOLO, 2012; KLISYS, 2015) e durante a pesquisa bibliográfica constatamos que na literatura é possível encontrar sobre essas práticas, mas é escasso quando atrelado a inclusão.

Diante desses exemplos, averiguamos a necessidade em incentivar o desenvolvimento de atividades com brincadeiras de rua e a inclusão no ambiente escolar.

Outro fator relevante é que as brincadeiras fazem parte do patrimônio cultural brasileiro, representam diversas tradições e costumes.

A Constituição Brasileira de 1988 em seu Art. 216, *in verbis*:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988).

As brincadeiras fazem parte da nossa cultura popular, preservá-las é preservar nossa identidade e dar novos significados a essa prática social.

Na pesquisa optamos por utilizar os termos jogos e brincadeiras tradicionais/populares pelo fato das brincadeiras de rua se enquadrarem em aspectos como: serem passados de geração em geração, possuir variedades de nomes, regras dependendo da sua localização, indivíduos, comunidade a qual pertencem.

Assim a presente pesquisa definiu como Objetivo Geral: Analisar os processos educativos desencadeados pelas brincadeiras de rua na perspectiva da inclusão entre crianças com e sem deficiência na educação física escolar, na Rede Pública Municipal de uma cidade do interior do Estado de São Paulo.

Destacamos, os objetivos específicos da pesquisa que são:

- Propiciar a vivência de brincadeiras de rua no espaço escolar;
- Fomentar as brincadeiras de rua atrelada a inclusão.
- Preservar as brincadeiras de rua como patrimônio cultural brasileiro.

Foram desenvolvidos 2 produtos educacionais, a proposta inicial era o vídeo documentário com as crianças, que foi o primeiro a ser executado, porém com o decorrer da pesquisa viu-se a necessidade de criar um novo produto para atender as exigências do Programa da Pós, então por fim foi desenvolvido o jogo de tabuleiro, através dos dados obtidos em nossa pesquisa, por intermédio de entrevistas aos professores, funcionários e familiares analisados junto ao referencial teórico elaboramos a proposta de ressignificar as brincadeiras de rua de maneira inclusiva no ambiente escolar.

Considerando esses fatores e as dificuldades relatadas por profissionais da área em desenvolver essa temática, esse estudo é relevante para que novas abordagens em relação às práticas educativas contribuam para que o docente em sua atuação profissional possa conduzir através de seus saberes uma educação eficiente e inclusiva.

A investigação está estruturada em seis capítulos.

O primeiro capítulo apresenta as legislações e indicadores que compõem o sistema educacional brasileiro e políticas de inclusão. Posteriormente dialoga com autores sobre a inclusão escolar e por fim, um panorama da Educação Física presente na BNCC, Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil e PCNs.

O segundo capítulo descreve a trajetória durante a construção desta pesquisa, abordando a metodologia do estudo, o universo da pesquisa, os participantes, os aspectos éticos, a seleção da turma, os procedimentos para coleta e análise dos dados.

O terceiro capítulo se refere às brincadeiras, jogos e suas características.

No quarto capítulo o brincar e a deficiência na oralidade dos funcionários escolares e familiares.

No quinto capítulo contém as análises das entrevistas das professoras participantes do estudo baseado nos procedimentos propostos por Bardin (2011).

No último capítulo são apresentadas as considerações finais, que trazem reflexões a respeito de todo o estudo.

1 Educação e Inclusão para além de direitos e garantias

Neste capítulo apresentamos legislações e indicadores que compõem o sistema educacional brasileiro e políticas de inclusão. Posteriormente dialogamos com autores, como Aranha (2002), Booth e Ainscow (2012), Capellini e Rodrigues (2012), Facion (2012), Mantoan (2003), Ropoli et al. (2010), Santos et al. (2014) e Winnick e Porreta (2017) sobre a inclusão escolar.

Por fim, um panorama da Educação Física presente na BNCC, Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil e PCNs.

A Constituição Federal de 1988, documentos e declarações desenvolvidos pelos Direitos Humanos e Declaração de Salamanca de décadas atrás definem que “todos têm direito à educação”. No Brasil a Lei de Diretrizes e Bases 9394/1996 e a Base Nacional Comum Curricular estabelecem aprendizagens essenciais para uma educação básica eficiente.

O ensino é a incorporação da criança na vida escolar como sua primeira experiência acadêmica, onde terá novos desafios, vivências e aprendizagens em grupo, que antes só ocorria e era desfrutado com seus familiares e amigos.

Mantoan (2003, p.23) define a escola comum sendo:

o ambiente mais adequado para se garantir o relacionamento dos alunos com ou sem deficiência e de mesma idade cronológica, a quebra de qualquer ação discriminatória e todo tipo de interação que possa beneficiar o desenvolvimento cognitivo, social, motor, afetivo dos alunos, em geral.

Esse local segundo Cordeiro e Oliveira (2020, p.9) [...] tem grande importância, pois a escola é um dos principais espaços de socialização.

Em relação a educação inclusiva os autores Ropoli et al. (2010, p.8) apontam que,

A educação inclusiva concebe a escola como um espaço de todos, no qual os alunos constroem o conhecimento segundo suas capacidades, expressam suas idéias livremente, participam ativamente das tarefas de ensino e se desenvolvem como cidadãos, nas suas diferenças.

Similarmente, Capellini e Rodrigues (2012, p. 45)

A educação inclusiva, então, é um processo em que se amplia a participação de todos os estudantes nos estabelecimentos de ensino regular. Trata-se de uma reestruturação da cultura, da prática e das políticas vivenciadas na escola de modo que estas respondam à diversidade de alunos, inclusive

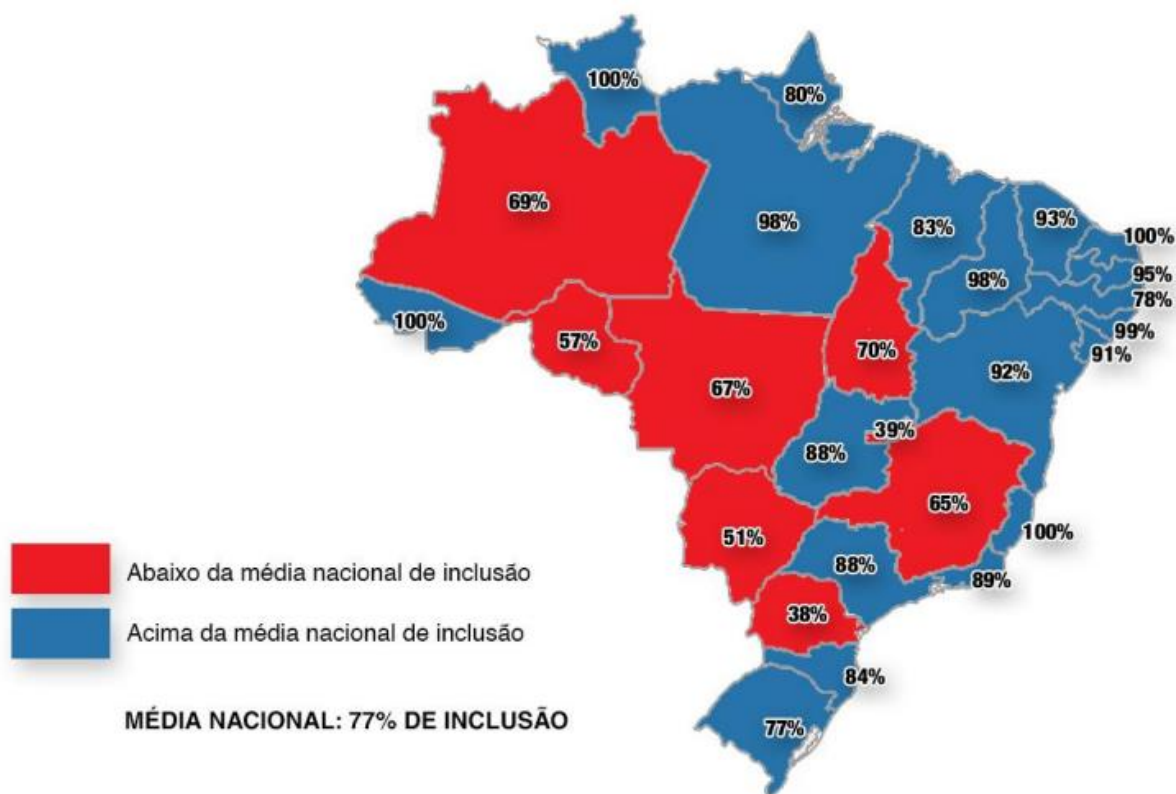
aqueles com deficiência. É uma abordagem humanística, democrática, que percebe o sujeito e suas singularidades, tendo como objetivos o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos.

Atualmente, por questões de segurança pública, tecnologia e novas mídias digitais, modificou-se e reiventou-se as formas, interesses e as necessidades de relacionamentos e interações sociais. Sendo assim a escola é considerada um local que deveria ser seguro, embora não seja uma realidade de todos os espaços escolares e permite a inserção em um universo multicultural.

Dentro desse ambiente temos a participação de centenas de crianças e cada uma com suas peculiaridades e é provável que em dado momento se tenha a presença de indivíduos que possuam alguma deficiência. Para esse público nada é diferente em relação à garantia de qualidade de ensino, porém dentro das vivências é necessário se transpor barreiras cotidianamente como acessibilidade, educação de qualidade e profissionais qualificados.

Segundo os principais indicadores da Educação de Pessoas com Deficiência disponibilizado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Censo Escolar MEC/INEP para o público de Educação Infantil no Brasil a taxa de inclusão dos estudantes com deficiência nessa etapa de ensino é de 88% no Estado de São Paulo, conforme pode-se observar no gráfico.

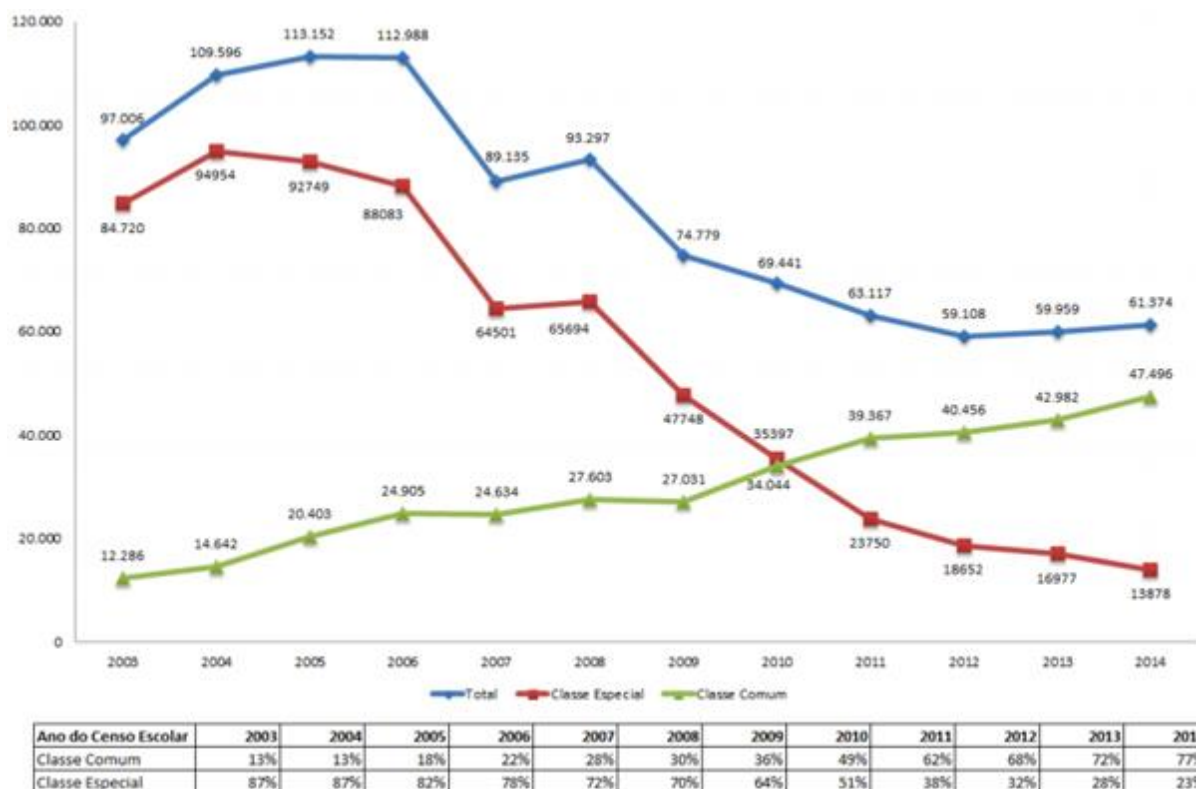
Gráfico 1. Taxa de inclusão dos estudantes com deficiência na Educação Infantil



SECADI/Censo MEC/INEP

A saber as matrículas de estudantes com deficiência no Ensino Infantil no ano de 2014 teve-se um total de 61.374, dessa quantia 47.496 estão matriculados em Classe Comum dando um percentual de 77%.

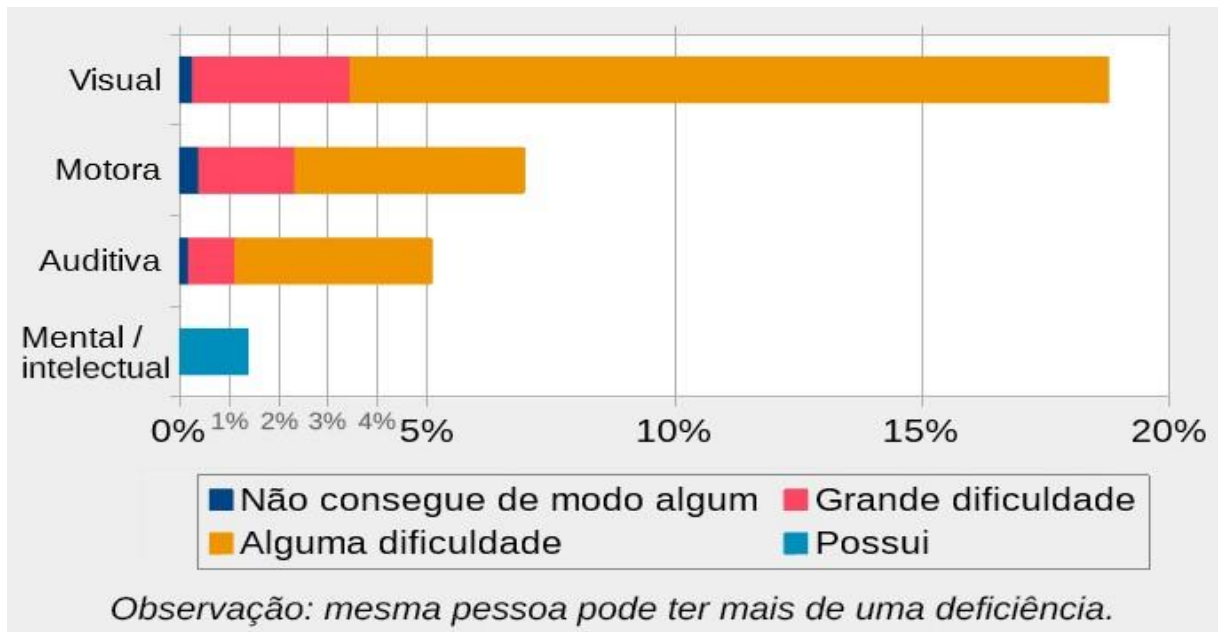
Gráfico 2. Matrículas de estudantes com deficiência na Educação Infantil



Fonte: SECADI/Censo MEC/INEP

Conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) sobre o Censo de 2010 averiguou-se que 45 606 048 milhões de pessoas que corresponde a 23,9% da população brasileira se declararam ter pelo menos uma das deficiências investigadas (deficiências visual, auditiva, motora, mental ou intelectual). A pesquisa tentou identificar através da percepção da população as suas dificuldades em enxergar, ouvir e locomover-se, mesmo utilizando acessórios como óculos, aparelho auditivo ou bengala.

Gráfico 3. Porcentagem da população, por tipo e grau de dificuldade e deficiência

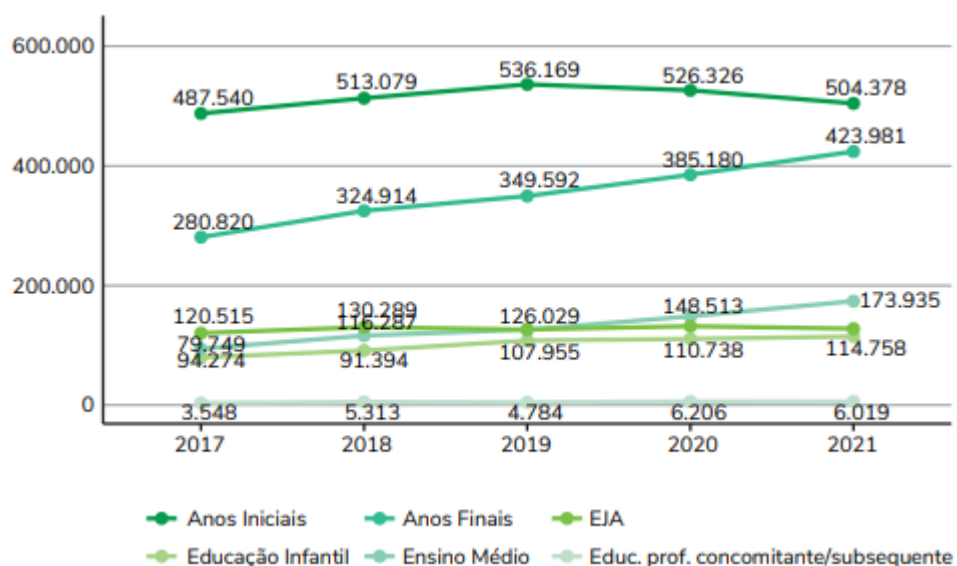


Fonte: IBGE/CENSO DEMOGRAFICO (2010)

De acordo com o Censo Escolar da Educação Básica 2021 houve um aumento de matrículas da Educação Especial chegando a 1,3 milhão, um aumento de 26,7% em relação a 2017.

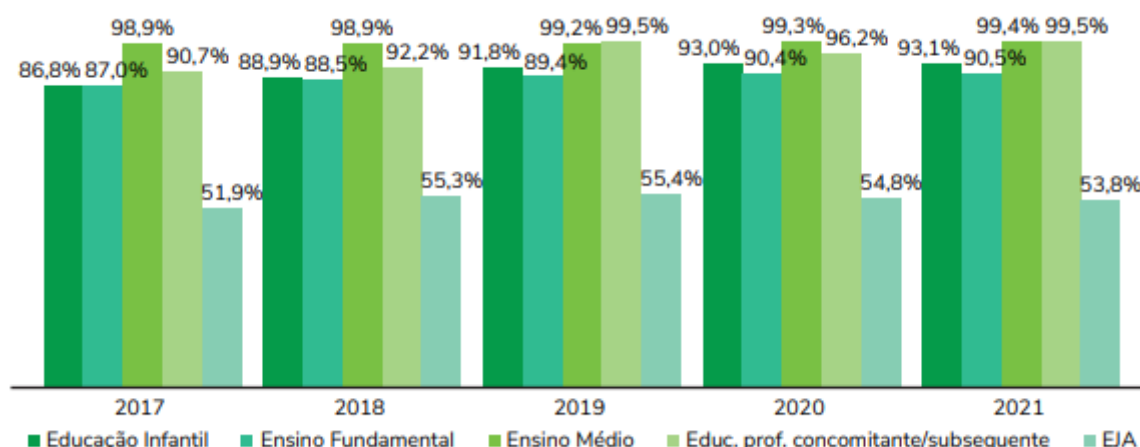
Os estudantes com deficiência matriculados na Educação Infantil foi de 114.758 ressaltando o crescimento ao longo dos anos.

Gráfico 4. Número de matrículas de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades em classes comuns ou especiais exclusivas



Fonte: Elaborado por DEED/INEP

Gráfico 5. Percentual de alunos matriculados com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades que estão incluídos em classes comuns



Fonte: Elaborado por DEED/INEP

Os dados da figura acima apresentam que a matrícula de alunos com deficiências em classes comuns tem aumentado gradualmente para a maioria das etapas de ensino.

Observa-se que em todos os níveis de ensino, exceto o EJA há mais de 90% de alunos incluídos em classes comuns em 2021.

A Educação Infantil é responsável pelo maior aumento na proporção de alunos incluídos de 2017 a 2021.

Os gráficos acima evidenciam que as pessoas que possuem alguma deficiência estão e sempre estiveram presentes em nosso sistema de ensino, denotando um aumento gradativo desse público em salas comuns.

Contudo, para que todos tenham uma educação de qualidade se faz necessário que ao longo desse processo escolar todos os sujeitos inseridos nele (gestores, professores e funcionários) devem buscar formas para garantir o sucesso almejado.

1.1 Inclusão

No cotidiano escolar, de acordo com Facion (2012, p. 55) "o direito que garante o acesso escolar não é o mesmo que garante o ensino de qualidade, ou ainda, que a "escola para todos" não é a "escola de todos".

Diversos fatores podem ser verificados, como por exemplo, falta de instrução dos familiares, ambientes sem adaptações e até mesmo pela necessidade de se ter uma formação continuada pelos profissionais.

Segundo o Art. 2º da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, *in verbis*:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Entretanto, Mantoan (2003) ressalta que integração e inclusão apesar de ter semelhanças no seu significado, expressam situações diferentes e se fundamentam em posicionamentos teórico-metodológicos divergentes.

A autora destaca que a integração se refere à inserção dos alunos com deficiências em escolas comuns, mas que também pode-se designar a alunos agrupados em escolas especiais, classes especiais, grupos de lazer ou residências para as pessoas com deficiência.

Na integração escolar, nem todos os alunos com deficiência cabem nas turmas de ensino regular, pois há uma seleção prévia dos que estão aptos à inserção. Já na inclusão todos os alunos independente das suas condições, devem sem exceções frequentar as turmas do ensino regular (MANTOAN, 2003).

Integração e inclusão possuem sentidos distintos segundo Sassaki (2006, p.42)

Integração significando 'inserção da pessoa com deficiência preparada para conviver na sociedade' e a inclusão significando 'modificação da sociedade como pré-requisito para a pessoa com necessidades especiais buscar seu desenvolvimento e exercer a cidadania'.

Para efeito de informar nos Estados Unidos da América,

Inclusão significa educar alunos com deficiência em um ambiente educacional geral. O movimento de inclusão foi incentivado e é compatível com as disposições do LRE (Ambiente Menos Restritivo) associadas ao IDEA (Lei de Educação para Indivíduos com Deficiência). A educação no LRE exige, na medida máxima apropriada, que as crianças com deficiência sejam educadas com crianças sem deficiência. No entanto, de acordo com as disposições do LRE no IDEA, um continuum de ambientes alternativos (incluindo ambientes segregados) pode ser usado para a educação de um

aluno se esses forem os ambientes mais apropriados. (WINNICK E PORRETA, 2017, tradução nossa).

Os autores também citam que “Nos Estados Unidos hoje, todos, exceto uma pequena porcentagem de alunos com deficiência frequentam escolas com colegas sem deficiência. Essa é a realidade da inclusão e é por isso que são necessários educadores devidamente preparados.” (WINNICK E PORRETA, 2017, tradução nossa).

“Um dos principais objetivos do IDEA é garantir que todas as crianças com deficiência tenham à sua disposição uma educação pública gratuita e apropriada que enfatize a educação especial e serviços relacionados para atender às suas necessidades específicas.” (WINNICK E PORRETA, 2017, tradução nossa).

Conforme determina a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015, no Art. 27, *in verbis*:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (BRASIL, 2015).

Atualmente foi instituído a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida, através do DECRETO Nº 10.502, DE 30 DE SETEMBRO DE 2020, onde consta no Art. 4º os objetivos da Política Nacional de Educação Especial, e no

II - promover ensino de excelência aos educandos da educação especial, em todas as etapas, níveis e modalidades de educação, em um sistema educacional equitativo, inclusivo e com aprendizado ao longo da vida, sem a prática de qualquer forma de discriminação ou preconceito; (BRASIL, 2020).

Em relação à inclusão, a escola deve ser um local onde acolha todos sem distinção e discriminação de etnia, gênero, religião, classe social, condições físicas e psicológicas, garantindo e valorizando a diversidade e singularidades de todos os indivíduos, para que tenha a participação de todos de forma igualitária.

Mantoan (2003, p. 38) “[...] o sucesso da aprendizagem está em explorar talentos, atualizar possibilidades, desenvolver predisposições naturais de cada aluno. As dificuldades e limitações são reconhecidas, mas não conduzem nem restringem o processo de ensino.”

Segundo o PNEE (2020, p.21) “o princípio da inclusão não pode ser dado como atendido apenas com a presença do educando em sala de aula, mas deve ser avaliado também o sucesso dos estudantes em seu processo de aprendizado e benefícios decorrentes desse processo ao longo da vida”.

Ropoli et al. (2010, p.9) “A escola comum se torna inclusiva quando reconhece as diferenças dos alunos diante do processo educativo e busca a participação e o progresso de todos, adotando novas práticas pedagógicas”.

O conceito de participação de acordo com Santos et al. (apud BOOTH; AINSCOW, 2012)

A participação não se resume a isso, mas começa com um simples estar presente. A participação envolve dois elementos relacionados com ação ou atividade participativa além da participação em si. A pessoa participa não só quando está envolvida em atividades comuns, mas também quando se sente envolvida e aceita. A participação diz respeito a estar junto e colaborar com os outros. Diz respeito ao engajamento ativo na aprendizagem. Diz respeito ao envolvimento nas decisões da vida de alguém, inclusive a educação e os vínculos com ideias de democracia e de liberdade. [...] A participação envolve *diálogo* com os outros à base de igualdade e, portanto, exige que se deixem propositalmente de lado as diferenças de status e de poder. A participação aumenta quando o engajamento reforça um senso de identidade; quando somos aceitos e valorizados por nós mesmos (BOOTH; AINSCOW, 2012 , p. 22-23).

Sobre a inclusão devemos nos atentar pois deve-se garantir que isto ocorra verdadeiramente, estar apenas integrado em um ambiente escolar e não ter condições de proporcionar ao aluno a aprendizagem e o desenvolvimento necessário o mesmo estará sofrendo exclusão.

Perante essas considerações, Capellini e Rodrigues (2012, p. 86) sintetizam no quadro abaixo as ideias do princípio de igualdade defendida por Aranha (2002) onde pode -se observar a diferença de integração X inclusão.

Quadro 1. Síntese das ideias do princípio de igualdade Capellini e Rodrigues (2012)

Princípio da Normatização	Princípio da Igualdade
Integração	Inclusão
Objetivos: ✓ Desenvolver a pessoa com deficiência ✓ Integrá-la à comunidade, quando estiver “pronta”, segundo a avaliação social vigente	Objetivos: ✓ Identificar as necessidades especiais presentes na população ✓ Analisar a realidade do contexto social (em todos os setores que o constituem)

	✓ Promover os ajustes e implementar os suportes que se mostram necessários para atender o conjunto dessas necessidades ✓ Promover e favorecer a inserção imediata e contínua da pessoa com deficiência, na comunidade, independente do tipo de necessidade especial que apresente
Pressuposto: pessoa diferente, vivendo entre pessoas supostamente iguais	Pressuposto: pessoas diferentes, convivendo respeitosamente, na diversidade

1.2 Educação Física no processo de inclusão

A Educação Física é Componente Curricular obrigatório da Educação Básica presente na área das linguagens, na Educação Infantil através da BNCC tem seus direitos definidos de aprendizagens essenciais para o desenvolvimento da criança assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, no qual está dividida em cinco campos de experiência: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação.

Conforme determina a Resolução CNE/CEB nº 07 14/12/2010 Art. 31º

Do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, os componentes curriculares Educação Física e Arte poderão estar a cargo do professor de referência da turma, aquele com o qual os alunos permanecem a maior parte do período escolar, ou de professores licenciados nos respectivos componentes. (BRASIL, 2010).

Sendo assim, é possível observar que em muitas redes de ensino municipais o componente curricular de Educação Física não possui o professor especialista licenciado já no Ensino Infantil e Fundamental I.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil estabelecem na Resolução CNE/CEB nº 5 17/12/2009 Art. 4º

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009).

A definição para a cultura de acordo com o documento Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN),

[...]é o conjunto de códigos simbólicos reconhecíveis pelo grupo: neles o indivíduo é formado desde o momento da sua concepção; nesses mesmos códigos, durante a sua infância, aprende os valores do grupo; por eles é mais tarde introduzido nas obrigações da vida adulta, da maneira como cada grupo social as concebe. (BRASIL, 1997, p.132)

Todos os sujeitos envolvidos nesse processo de ensino possuem uma identidade repleta de cultura corporal com diversas manifestações da cultura do grupo ao qual pertencem.

A Educação Física permite que sejam trabalhadas diferentes vivências corporais como brincadeiras, jogos, danças, lutas, esportes, ginásticas, entre outros. Todas as situações didáticas vivenciadas podem contribuir para a construção de empatia, solidariedade, respeito, conhecer o novo o outro e assim talvez compreender as diversidades.

No PCN Educação Física

[...] concepção de cultura corporal amplia a contribuição da Educação Física escolar para o pleno exercício da cidadania, na medida em que, tomando seus conteúdos e as capacidades que se propõe a desenvolver como produtos socioculturais, afirma como direito de todos o acesso a eles. Além disso adota uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busca o desenvolvimento da autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos. (BRASIL, 1997, p. 24)

De acordo com Aguiar; Duarte, 2005. p. 228

Com o princípio da Inclusão, a Educação Física escolar deve ter como eixo fundamental o aluno e, sendo assim, deve desenvolver as competências de todos os discentes e dar aos mesmos condições para que tenham acesso aos conteúdos que propõe, com participação plena, adotando para tanto estratégias adequadas, evitando a exclusão ou alienação.

As crianças e jovens na convivência escolar podem ter diferentes experiências, boas: dignificantes e construtivas, e/ou ruins: fracasso e exclusão social (Capellini e Rodrigues, 2012).

Nesse contexto o professor deve se atentar às propostas que serão direcionadas para cada turma, tendo zelo ao selecionar os conteúdos para que não sejam excludentes e/ou selecionem e privilegiem um determinado grupo, reconhecendo que cada educando merece oportunidades iguais.

Na prática pedagógica da Educação Física Cultural não se controla todas as situações que ocorrem durante as aulas, mas de acordo com Neira (2016, p. 94)

O bom andamento dos trabalhos depende da participação, mas não de forma alienada, nem tampouco restrita às vivências corporais. O envolvimento nas atividades propostas ocorre de maneira diferenciada: é possível participar sugerindo, experimentando, discutindo, produzindo, planejando etc. Consequentemente, atribui-se à proposta um caráter aberto, não determinista, não linear e não sequencial; limitado e estabelecido apenas em termos amplos, que tecem a todo momento uma rede de significados a partir da ação e interação dos seus participantes.

Portanto, em sua abordagem pedagógica o profissional não deve se limitar ao movimento das práticas corporais descontextualizadas, por exemplo.

2 Percurso da Pesquisa

Neste capítulo, descreveremos a trajetória durante a construção desta pesquisa. Com isso, abordaremos a metodologia do estudo, o universo da pesquisa, os participantes, o perfil dos alunos, os aspectos éticos, a seleção da turma, os procedimentos para coleta e análise dos dados.

2.1 Universo da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma Rede Municipal de Ensino do interior de São Paulo que possui 8 unidades municipais, sendo 3 EMEIEF, 2 EMEI e 3 Creches. A rede educacional contava no ano de 2021 com 128 professores e 2205 alunos matriculados. Todas as escolas possuem professores especialistas para ministrarem as aulas de Educação Física, sendo 6 efetivos e 3 contratados. Atualmente na grade curricular as aulas semanais de Educação Física por turma são: 1 no Ensino Fundamental e 3 no Ensino Infantil.

A escola em que foi desenvolvida a pesquisa é de Ensino Infantil localizada na zona urbana, atendendo crianças do próprio bairro e também de outros em período integral. A maioria são filhos de trabalhadores do setor público e privado. Possuía no ano letivo de 2021 aproximadamente 161 crianças matriculadas (1 criança com deficiência auditiva e 1 sem diagnóstico definido) sendo: Maternal II- 52 alunos (3 anos); 1ª Etapa- 56 alunos (4 anos) e 2ª Etapa -53 alunos (5 anos). Para atender a demanda do público, a unidade escolar contava com 11 professores, 3 professores nos Maternais; 3 professores nas 1ª Etapas; 3 professores nas 2ª Etapas; 1 especialista em Educação Física, 1 especialista em Arte, 1 diretora, 1 secretária escolar, 2 A.D.I, 5 monitores escolar, 1 merendeira e 3 servidores geral, somando no total 24 integrantes.

Conforme consta no Projeto Político Pedagógico da escola - PPP (2021) em 1985 iniciaram as atividades e o prédio era composto por 1 salão dividido em dois banheiros e uma cozinha. Do lado externo foram construídos um barracão e um parquinho infantil.

Com o passar dos anos a unidade passou por reformas e ampliações, atualmente possui 10 salas de aula, secretária/diretoria, banheiros dos alunos

(masculino e feminino), 1 banheiro dos funcionários, lavanderia, depósito de material escolar, pátio coberto, sala de professores, refeitório e cozinha. Consta ainda no documento a necessidade de ampliação de espaço para: biblioteca, quadra, mais banheiros para funcionários e alunos, mais salas de aula, sala de vídeo e brinquedoteca.

As aulas de Educação Física são realizadas no pátio que possui cobertura. Nesse espaço temos 1 pilar e 1 escada com 4 degraus que dão acesso a 1 sala de aula.

Kowaltowski (2011, p.61) salienta que,

a educação de qualidade depende de um ambiente de ensino com um grande número de componentes que devem trabalhar em sintonia com o objetivo de aprofundar e ampliar o aprendizado dos alunos. O ambiente depende das características das pessoas presentes, do sistema educacional adotado, do suporte da comunidade e da infraestrutura disponível. A escola também depende da qualidade dos espaços que abrigam as atividades pedagógicas desenvolvidas. A Arquitetura escolar, por isso, tem um papel fundamental ao propiciar um ambiente de ensino adequado, considerado o terceiro professor.

Nesse sentido, pontuo que o prédio escolar em que a pesquisa foi desenvolvida é desprovido de recursos como ambiente projetado com segurança, conforto e funcionalidade para atender todos que dele usufruem.

2.2 Participantes da Pesquisa

A pesquisa contou com a participação de um grupo representativo social de alunos, familiares, professores e funcionários em 2021, totalizando 42 pessoas. Para a escolha da turma o critério foi que a sala possuísse crianças sem e com deficiência.

Sendo assim a turma que atendia ao critério anterior foi a 1ª Etapa B do Ensino Infantil com idade de 5 anos, onde havia 18 estudantes matriculados e 14 alunos participantes, sendo 6 meninos e 8 meninas entre quatro e cinco anos. A maioria destas crianças já participaram das aulas de Educação Física com a professora pesquisadora desde o Maternal, pois ela trabalha na escola em questão há quase 10

anos. Devido a Pandemia do COVID-19¹ 26% dos pais e/ou responsáveis optaram por não enviarem as crianças à escola mesmo após o retorno presencial obrigatório.

Embora a escola atenda em período integral e por ter sido um ano letivo atípico, o horário de aula ocorreu em apenas 1 período conforme estabelecido pela Secretaria Municipal de Educação seguindo a Resolução SEDUC, de 14-10-2021 e a Deliberação CEE 204/2021, que fixam normas para a retomada das aulas e atividades presenciais no Sistema de Ensino do Estado de São Paulo.

Quando as aulas ocorriam de maneira remota² a participação das crianças quase não acontecia, apenas 2 alunas desse grupo participaram da maioria das aulas online que eram disponibilizadas no grupo de WhatsApp 1 vez por semana às quartas-feiras.

A turma frequentava as aulas na parte da tarde e os dias de educação física eram terça-feira (2 aulas/50 minutos cada) e quinta-feira (1 aula) após o retorno presencial, que ocorreu a partir do dia 14 de setembro de 2021 com esquema de revezamento planejado pela unidade escolar de acordo com a quantidade de crianças.

Conforme estabelecido pela Educação de São Paulo a volta obrigatória as aulas presenciais foi a partir do dia 18 de outubro de 2021 ainda em esquema de revezamento e conforme anunciado a partir de 3 de novembro foram implementadas mudanças, como a não obrigatoriedade do distanciamento de 1 metro e a descontinuidade do revezamento entre os alunos.

Diante dessas medidas a maioria dos estudantes começaram a frequentar novamente as aulas presenciais, no dia 4 de novembro convidei e expliquei para a classe sobre os objetivos e metas da nossa pesquisa. Em 08 de novembro foi entregue o Termo de autorização (TALE/TCLE)³ para levarem para casa, assim os pais e/ou responsáveis tomaram ciência acerca da pesquisa e assinaram o documento. No dia 9 de novembro iniciamos o trabalho.

¹ COVID-19: doença que se manifesta em seres humanos, após a infecção causada pelo vírus SARS-CoV-2 (síndrome respiratória aguda grave).

² Aula disponibilizada no ambiente virtual onde os alunos acessam por meio da internet.

³ TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para crianças

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A pesquisa também contou com a participação da gestora e um grupo representativo social de professoras que atuam na Unidade Escolar. Das 8 professoras convidadas, 7 concordaram em participar da pesquisa e estão identificadas com nomes fictícios, ressaltando que os nomes escolhidos para representar as entrevistadas foram escolhidos por mim. Pela pesquisa ter a temática inclusiva os nomes se referem a oito atletas que conquistaram medalhas nos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020 realizado em 2021.

O quadro a seguir mostra o perfil do grupo de professoras participantes da pesquisa.

Tabela 1. Perfil das professoras entrevistadas

SEXO	FEMININO			
IDADE	ABAIXO DE 30 ANOS	ENTRE 31 E 40 ANOS	ENTRE 41 E 50 ANOS	ACIMA DE 51 ANOS
	0	3	3	2
FORMAÇÃO ACADÊMICA	MAGISTÉRIO	GRADUAÇÃO	PÓS GRADUAÇÃO	2 OU MAIS PÓS GRADUAÇÃO
	3	8	8	4
TEMPO DE ATUAÇÃO NESTA REDE	0 A 5 ANOS	6 A 10 ANOS	11 A 20 ANOS	21 ANOS OU MAIS
	1	4	1	2
TEMPO DE ATUAÇÃO NESTA ESCOLA	0 A 5 ANOS	6 A 10 ANOS	11 A 20 ANOS	21 ANOS OU MAIS
	1	5	2	0

Fonte: Elaborado pela autora.

É importante ressaltar que tanto o Projeto de Pesquisa, como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais (TCLE – Apêndice B), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para professores e funcionários (TCLE - Apêndice C), e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para crianças (TALE – Apêndice D), foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista – Júlio Mesquita Filho – Faculdades de Ciência – Campus de Bauru, cadastrada na Plataforma Brasil pelo parecer número 4.483.981 disponível no Anexo A, o que garantiu aos participantes o sigilo de sua identidade e também a sua desistência a qualquer momento da pesquisa.

2.3 Seleção da turma

Para a presente pesquisa-ação que segundo Franco (2019, p.363) “é uma pesquisa de caráter social e formativo, associada a uma estratégia de intervenção/formação e que evolui durante o processo, atendendo à dinâmica do contexto social em que se insere”.

Nesse sentido foi necessário selecionar um grupo de crianças (sem e com deficiências) para contemplar os objetivos da pesquisa no que diz respeito a incluir a criança com deficiência por intermédio das brincadeiras de rua; propiciar a vivência de brincadeiras de rua no espaço escolar; fomentar as brincadeiras de rua atrelada a inclusão; preservar as brincadeiras de rua como patrimônio cultural brasileiro.

Assim sendo, a professora (ora como pesquisadora de mestrado profissional) de Educação Física por já ter trabalhado com essa turma no ano anterior já conhecia a maioria das crianças. As aulas presenciais ocorreram por um período curto em 2020 devido à pandemia e a interação com as crianças foi pouca, e com as aulas remotas a participação dos alunos foi baixa. Mesmo assim, foi possível constatar que uma criança apresentava ter algumas dificuldades de comunicação e locomoção e, então, confirmado posteriormente pela responsável que a criança realiza acompanhamentos com especialistas de saúde.

Em seguida, no dia 17 de março de 2020 conforme Decreto Municipal nº 4448/2020 as aulas foram suspensas com a situação que enfrentávamos naquele ano e o isolamento social foi necessário.

Em decorrência disso o Mundo inteiro sofreu grandes impactos negativos.

De acordo com Harari (2021, p.49) “a covid-19 não representa apenas uma crise de saúde. Dela resulta uma grande crise política e econômica. Tenho menos medo do vírus do que os demônios interiores da humanidade: ódio, ganância e ignorância”.

Para Matta et al., (2021, p.16)

muitas das condições enredadas no fenômeno infeccioso que fazem com que a doença tenha repercussões diferentes nos distintos contextos e grupos sociais. Se pensarmos em uma imagem alegórica podemos contrapor a ideia, muitas vezes difundida em meios de comunicação social, de que “estamos todos no mesmo barco”, à percepção mais realista de que estamos, na verdade, no mesmo mar revolto, mas os barcos em que cada um está são muito diferentes: alguns são iates preparados para o mar revolto, outros são simples canoas, e há indivíduos não estão em qualquer tipo de barco, mas à deriva e solitários no mar hostil.

Segundo os autores acima, as ciências sociais possibilitam que o leitor compreenda como as pessoas foram impactadas e de formas diferentes.

Depois de um longo período as aulas retornaram presencialmente e gradativamente nesta Unidade Escolar a partir de 24 de agosto de 2021, essa pesquisa de campo e intervenção pode ser retomada do que estudado em revisão da literatura e levantamento de dados. A primeira tomada de decisão foi escolher uma classe e com isso fomos buscar informações referentes a menina que apresentava a condição limitante.

Tivemos acesso ao prontuário da aluna e fiquei preocupada, pois no documento não havia nada relacionado as suas dificuldades de falar, correr, etc.

Novamente procurei a gestora para comunicar que no prontuário da criança não havia nenhuma informação referente a condição de saúde, e se a mesma já fez ou fazia algum acompanhamento médico.

Diante desta atitude ficou claro a necessidade de se investigar se a estudante havia alguma limitação e/ou deficiências. Então, contactamos a mãe/responsável pela criança/estudante.

Selecionamos essa turma para desenvolver nossa pesquisa pois é muito pertinente com a proposta de inclusão escolar.

2.4 Procedimentos para a Coleta de Dados

Para essa investigação qualitativa que deriva no campo das ciências sociais onde se busca estudar determinadas situações analisamos, descrevemos, compreendemos e classificamos quais brincadeiras de rua e deficiências a turma de Educação Física Infantil já tinha conhecimento e quais passaram a conhecer (RICHARDSON,2017).

Durante as aulas realizamos perguntas: Alguém brinca na rua? E quem não brinca na rua, brinca em casa? Vocês conhecem alguém com deficiência?

As crianças utilizaram um questionário que combinou 1 pergunta aberta e 1 fechada e com contato direto com os entrevistados, elaborado de acordo com a faixa etária (APÊNDICE E) para que pudessem ter participação no momento de entrevistarem os funcionários e a sua família sobre as brincadeiras de rua.

De acordo com Richardson (2017, p. 200) “os questionários cumprem pelo

menos duas funções: descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social”.

Por intermédio do Formulário do Google (APÊNDICE F) foi realizada uma pesquisa com os pais e/ou responsáveis para identificar se as crianças brincavam na rua e outras questões.

Realizamos também a coleta de dados por intermédio da entrevista semi-estruturada que segundo Lüdke e André (1986), Gil (2017) e Richardson (2017) permite ao pesquisador conduzir a pesquisa de maneira mais dinâmica e flexível com 7 professoras onde havia um roteiro de questões pré elaboradas (APÊNDICE G) que permitiu ao entrevistado ter liberdade para expor suas ideias. Foram coletados depoimentos orais com a gestora escolar para identificar as deficiências das crianças e com os professores como desenvolvem o ensino com esse público.

Dessa maneira os depoimentos foram gravados e transcritos e posteriormente analisados.

A pesquisa qualitativa de acordo com Ludke e André (1986, p.13) envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada.

2.5 Procedimentos para Análise dos Dados

Conforme o método de Análise de Conteúdo, segundo Bardin (2011) é uma técnica de investigação que tem o propósito de realizar descrição objetiva e sistemática dos conteúdos que proporcionam a interpretação da comunicação presente ou ausente. Existem 3 momentos que transcorre essa análise: a pré análise; a exploração do material e o tratamento dos resultados.

Ao utilizar esse instrumento das ciências humanas buscou-se como descrito por Bardin (2011, p.44) “A Análise de Conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça”.

Nesse contexto os procedimentos para análise dos dados ocorreram em 3 etapas:

Pré Análise com o objetivo de sistematizar as informações, seguindo a divisão abaixo:

- A partir das informações do Formulário Google da participação dos pais e/ou responsáveis para delinear aspectos do nosso público infantil.

- Em seguida dos vídeos e anotações realizadas em nossas aulas com a turma.
- Logo após os questionários das crianças com funcionários e familiares.
- Por fim as entrevistas com os professores e a direção escolar.

Exploração do material a partir do formulário, questionário, vídeos e transcrição das entrevistas destacando considerações pertinentes coletadas.

Tratamento dos resultados a partir dos conteúdos obtidos e organizados, correlacionando com a literatura específica referente às brincadeiras de rua, inclusão, educação e a legislação pertinente sobre essa temática.

No próximo capítulo abordaremos às brincadeiras, jogos e suas características.

3 O lúdico e suas possibilidades

Neste capítulo, busca-se apresentar ao leitor a magnitude que as brincadeiras e jogos propiciam para o público infantes, e atributos da geração atual.

O terceiro tópico reúne características dos Jogos Tradicionais que permitem uma melhor compreensão do termo definido pelos autores: Friedmann (1995), Huizinga (2000) e Kishimoto (2016).

3.1 Ludicidade na Educação Física Infantil

Conforme determina o artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96 a Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social que visa complementar a educação recebida da família e da comunidade em que está inserida.

Considerando que o componente curricular de Educação Física tem função essencial de contribuir nesse processo, as brincadeiras tornam -se propostas pedagógicas para que as crianças vivenciem e acessem novas possibilidades através do brincar.

Todo o período da educação infantil é importante para a introdução das brincadeiras (KISHIMOTO, 2010, p.1)

Sobre as atividades lúdicas Friedmann (2012, p. 23) afirma que “[...] caracterizam as diversas culturas com seus saberes, suas crenças, seus conteúdos e valores, e levam a marca, a influência de todo o entorno familiar, social, midiático e mercadológico.”

Ainda sobre a relevância do brincar, Winnicott (1975, p.63)

o brincar é o fazer em si, um fazer que requer tempo e espaço próprios, um fazer que se constitui de experiências culturais, que é universal e próprio da saúde, porque facilita o crescimento, conduz aos relacionamentos grupais, podendo ser uma forma de comunicação consigo mesmo (a criança) e com os outros.

De acordo com Kishimoto (2010, p. 1)

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores,

conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens.

Brincando as crianças têm contato com o mundo ao seu redor de maneira prazerosa e experienciam diversas vivências.

Dessa maneira, é de suma importância que o professor oportunize e expanda essas vivências em sua atuação profissional, e se faz necessário propor adaptações para que alunos sem e com dificuldades compartilhem experiências significativas.

Segundo Nista – Piccolo (2012, p. 41)

a aprendizagem acontece por meio de uma interação social somada às oportunidades de experiências significativas que o indivíduo vivencia. Portanto, as características que uma pessoa apresenta são formadas histórica e socialmente e não apenas biologicamente herdadas.

A aprendizagem através do lúdico permite que aspectos como: cooperação, superação e tolerância sejam trabalhadas cotidianamente, pois brincadeiras e jogos contribuem para a formação integral da criança.

Klisy (2015, n.p) “a essência do jogo consiste em relacionar-se com o outro, testando as próprias competências, numa interação em que se aprende a lidar com as relações de competição e cooperação, e a incluir os diferentes pontos de vista referente a uma mesma realidade”.

Podemos considerar que “os atos de brincar facilitam a compreensão do mundo pela criança e, também, da vida e de si mesma, então é possível dizer que o brincar é a base do desenvolvimento cognitivo, emocional, motor e social da criança”. (CAPELLINI E RODRIGUES, 2012, p. 160)

E quando inserido no ensino já em seus primeiros anos de vida, a criança vivencia um rico repertório de atividades que antes não eram realizadas, e a inclusão acontece naturalmente, pois diante das propostas pedagógicas e convivência com o grupo se aprende não somente conteúdos didáticos, mas também valores.

3.2 O brincar na atualidade

Com a situação atípica que o mundo vivenciou a partir de 2019 com a pandemia da SARS-CoV-2 (COVID-19) todos sem exceção se encontraram diante de protocolos de segurança, isolamento e uma nova realidade.

Os impactos que a pandemia gerou são inúmeros conforme as estatísticas disponibilizadas pelo Ministério da Saúde e o Sistema Único de Saúde.

Os desafios postos em relevo pela pandemia não são apenas sanitários. São socioeconômicos, políticos, culturais, éticos, científicos, sobremaneira agravados pelas desigualdades estruturais e iniquidades entre países, regiões e populações (MATTA et al., 2021, p.17).

As crianças em especial estar longe da escola, colegas/amigos e familiares, da vida que estavam habituados viver gerou sentimentos como medo, insegurança, saudade entre outros.

O estudo de Silva et al. (2021) analisou o impacto da COVID-19 na saúde mental das crianças e os principais sentimentos vivenciados por esse público foram medo, tristeza, insegurança, raiva e tédio. Além de sintomas como irritabilidade, mudanças bruscas de comportamento e insônia.

Antes mesmo dessa situação era possível observar o quanto era raro encontrarmos crianças brincando nas ruas e/ou em grupos, pois a sociedade foi se transformando de acordo com as necessidades e interesses da população.

As brincadeiras e jogos sofreram mudanças ao longo do tempo pela redução do espaço físico e do tempo disponível para realizar essas vivências, com o crescimento das áreas urbanas, falta de segurança, expansão da indústria e a oferta de brinquedos mais atrativos, a influência da mídia televisiva. (FRIEDMANN, 2006).

Sob o mesmo ponto de vista Kishimoto (2016, p.28) relata que,

estudos de natureza histórica que situam as brincadeiras infantis ao longo da evolução das novas condições de vida. A industrialização e a urbanização alteraram o panorama das cidades, eliminando os grandes espaços públicos apropriados à expressão lúdica e levando ao esquecimento grande parte das brincadeiras infantis.

Conforme Klisys (2015, n.p) o direito de brincar das crianças estão sendo tirados devido as condições da vida contemporânea sobretudo nos centros urbanos, seja porque estão no mundo do trabalho, falta de espaços com segurança.

Os nativos digitais como é conhecida essa geração, nasceram no mundo digital e o jeito como se relacionam acompanha todas as novidades que esse universo oferece.

Para Presnsky (2001) os nativos digitais se caracterizam por aqueles que nasceram a partir de 1990 e que cresceram cercados pelos recursos tecnológicos fazendo o uso de diversas ferramentas digitais.

Palfrey e Gasser (2011) denominam os nativos digitais sendo aqueles que possuem habilidades para usar as TDIC (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) em diversos contextos para aprendizagem, comunicação, informação e relacionamentos.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2018, estimou que temos 35,5 milhões de crianças em nosso país.

De acordo com a Lei nº 8.069/1990 do Estatuto da Criança e do Adolescente em seu 2º Artigo. “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos[...]”.

A maior concentração delas é na área urbana que corresponde a 83,5% e na área rural 16,5%.

Nos dias atuais essa geração tem um estilo de vida e experiências totalmente diferentes de poucas décadas atrás como a cultura do brincar na rua, as famílias numerosas aos fins de semana se reunindo para celebrar alguma data importante, as brincadeiras que foram passando de geração em geração os relacionamentos interpessoais ao vivo. Na maioria das vezes os relacionamentos se dão através do online.

Pedro e Chacon (2016, p.4)

Nos últimos anos o avanço tecnológico possibilitou a expansão da internet e o acesso a esta, por meio de dispositivos eletrônicos móveis, a qualquer lugar e momento, tornando a internet parte de nossas vidas e principal instrumento de comunicação, entretenimento e busca de informações.

Freire(2011) a uma década atrás já alertava sobre um “novo fato” que estava acontecendo e que não podia ser desprezado.

[...] é possível que a criança saiba mais sobre assuntos veiculados pela televisão e outros meios de comunicação do que sobre as coisas próprias de seu meio social e cultural.
Chegará o dia em que a construção do real efetuada pela criança será inteiramente calcada nos meios de comunicação?
A criança não é um ser passivo à disposição dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação. Ela é capaz de utilizar tais conteúdos para estruturar sua própria realidade. A melhor maneira de garantir que a educação familiar e escolar preserve o vínculo entre conhecimento adquirido e a realidade concreta consiste não em negar os recursos da comunicação moderna, mas em aprender a utiliza-lo. (FREIRE, 2011 p.57)

O brincar é essencial para as crianças, é através dele que ela se comunica com o mundo que a cerca, possibilitando ter diversas vivências. O mundo digital permite o interagir com as pessoas apenas de modo remoto e distante, algumas vezes ocorre por meio do contato visual e/ou auditivo, já no real a comunicação ocorre por meio dos 5 sentidos de maneiras variadas (audição, olfato, paladar, tato e visão).

3.3 Jogos Populares

Em algumas literaturas podemos encontrá-lo como Jogos Tradicionais e representa aqueles que são passados de geração em geração.

Para Friedmann (1995, p.54)

Existe também um tipo de classificação que se encontra na memória de cada um de nós: são aqueles jogos que nossos pais e avós brincaram na infância, e que nos transmitiram. Jogos que não foram tirados de livros nem ensinados por um professor, mas sim transmitidos pelas gerações anteriores à nossa ou aprendidos com nossos colegas. Os jogos que aconteciam na rua, no parque, na praça, dentro de casa ou no recreio da escola. Estes são os **Jogos Tradicionais**.

Os jogos dependendo da localidade, dos indivíduos, da comunidade em que ocorre pode ter outros nomes, sotaques, regras e ainda assim manter o seu conteúdo.

O acervo de brincadeiras passa de geração em geração e se transforma de acordo com os lugares e a época (KLISYS, 2015).

Os jogos e as brincadeiras segundo Huizinga (2000) existem desde as sociedades primitivas e sua primeira característica fundamental é o fato de ser livre.

Os jogos tradicionais fazem parte da cultura humana e de acordo com a sua localidade possuem seus traços.

Existem diferentes classificações para jogos e como o objetivo do estudo não é defini-los, vamos apenas abordar os jogos populares.

Sobre os jogos Kishimoto (2016, p.2) afirma, “A variedade de fenômenos considerados jogos mostra a complexidade da tarefa de defini-lo.”

Portanto, para classificá-los é necessário um olhar atento a forma como se joga/brinca, pois, é possível incorrer em uma análise rasa. Pode-se existir significados distintos para quem brinca/joga e quem o observa.

Friedmann (1995, p.55) evidencia que:

Jogos Tradicionais ilustram a cultura local e que o resgate da mesma é muito importante para o nosso patrimônio lúdico. O Jogo Tradicional é memória, mas é também presente: se observarmos em detalhe o jogo da criança de hoje em comparação aos jogos infantis do começo do século, constataremos que existem, obviamente, grandes diferenças. A televisão e a tecnologia dos brinquedos modernos mudaram, sem dúvida, a brincadeira infantil. A falta de espaço e de segurança nas ruas também modificaram algumas brincadeiras. Amarelinha, pião, papagaio, barra-manteiga, esconde-esconde e inúmeras outras brincadeiras estão hoje presentes na lúdica, muitas vezes sob uma outra forma ou com outra denominação. Mas o conteúdo continua sendo o mesmo.

O papel fundamental que o Jogo Tradicional tem como instrumento para o desenvolvimento das capacidades físicas, motoras, sociais, afetivas, cognitivas e lingüísticas nas crianças. (FRIEDMANN,1995, p.56).

No próximo capítulo foram feitas análises dos dados coletados em relação ao público da pesquisa.

4 O brincar e a deficiência na oralidade dos funcionários escolares e familiares

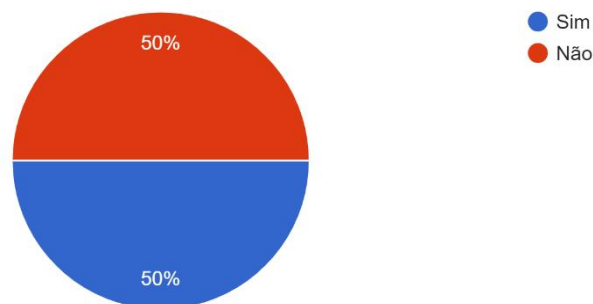
4.1 Perfil das crianças participantes

Quando perguntamos para as crianças se elas brincavam na rua, a maioria respondeu que sim, só que quando questionadas com quem e do que brincavam elas demonstravam uma dúvida ou recorriam ao uso do simbolismo para contar histórias de como era esse momento. Sendo assim criou-se um questionário para que os pais também pudessem participar e nos ajudar com algumas informações.

Segundo Klisys (2015, n.p) “ao brincar, a criança não só transforma a realidade, como se aventura por campos fora dela, muitas vezes imaginando coisas que ainda nem existem”.

Gráfico 6. Questão do Formulário

Seu filho (a) brinca na rua?
8 respostas



Fonte: Elaborado pelo Forms.

Tabela 2. Respostas do questionário a partir do SIM brincam na rua

Respondente	Com que frequência?	Com quem brinca?	Quais brincadeiras?
R5	Sempre	Amigos, primos e pai	Jogo de bola, andar de bicicleta
R6	Quase todos os dias	Mãe, tio, vizinhos	Jogar bola, andar de bicicleta, esconde esconde, pega pega
R7	1 vez no dia, de tarde	Comigo(mãe) e seu primo	Anda de bicicleta, pega pega e com os brinquedos dela de cozinha
R8	Somente com os pais	Com o irmão	Pega pega

Fonte: Elabora pela autora.

Tabela 3. Respostas do questionário a partir do NÃO brincam na rua

Respondente	Por quê?
R1	Acho perigoso
R2	Brinca no quintal de casa, mais na rua tenho medo de carros
R3	Pk aqui á onde eu moro e muito perigoso
R4	Pk eu axu perigoso

Fonte: Elabora pela autora.

Aproveitamos para verificar se as crianças tinham contato com pessoas com

deficiência e perguntamos se alguém tem alguma deficiência/ limitação? Qual?

Tivemos 3 respostas: NÃO e 1 reposta: “tem dificuldade para correr as vezes.” A mãe relatou fazendo referência a nossa aluna.

Em sala quando perguntamos se alguém ali brincava na rua, quase toda a criançada respondeu que sim, após algumas falaram que brincavam de carrinho de rolimã, bicicleta, pega pega e velotrol.

Em seguida questionamos: E quem não brinca na rua, brinca na casa?

Algumas afirmaram fazendo gestos de positivo com a cabeça.

Aproveitamos para indagar: Vocês gostam de brincadeiras?

Teve um coro de SIM em resposta.

O que que você gosta da brincadeira? Perguntamos

Falaram que gostavam de brincar de esconde esconde, velotrol, bicicleta, carrinho de rolimã e pular corda.

Questionados em seguida sobre o que sentiam quando estavam brincando: Qual é o sentimento que você tem quando está brincando?

Muitos disseram que feliz.

Um menino durante nossa conversa falou:

“Tia, o tia a gente pensa que noi tá andando de carrinho de rolimã quando a gente não tem dinheiro pra comprar um”.

Novamente questionamos: Mas quando a gente tá brincando, o que você sente quando você tá brincando?

Responderam feliz, alegria, diversão e inteligência.

Outra pergunta foi: Alguém fica triste na hora de brincar?

Teve novamente um coro só que agora de NÃO.

Indagamos: Ninguém fica triste?

Seguidos de muitos NÃOS uma menina falou:

“Eu fico”.

Questionada sobre porquê de ficar triste quando ela está brincando, disse:

“Porque meu irmão não gosta de brincar comigo, ele só fica na televisão.”

Após um pequeno diálogo outra garota afirmou que também ficava triste, em resposta ao porquê de ficar triste, contou:

“É que...é que...quando...quando que...que eu vou brincar na rua com a minha mãe aí não tinha ninguém pra brincar”.

Em seguida a uma breve explicação um menino falou que ficava triste:

“Porque a “Tatinha” ela não brinca comigo”.

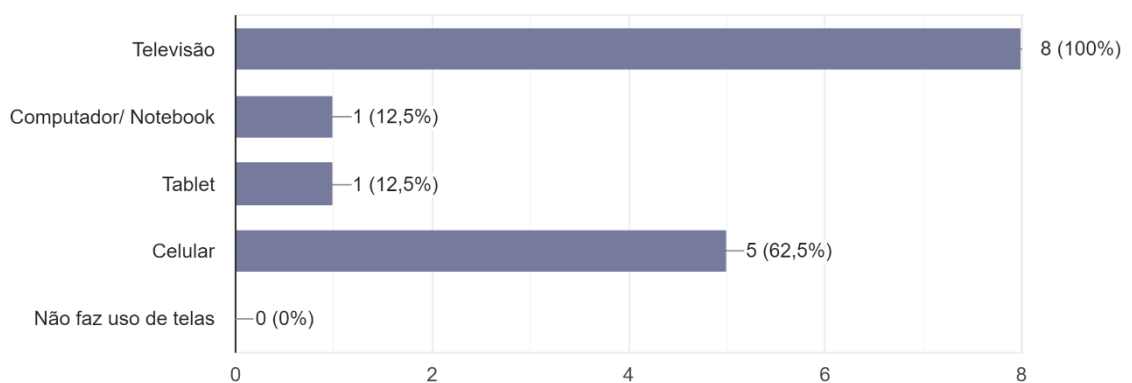
Com as informações acima podemos verificar que fatores como falta de segurança e o sentimento de medo dos pais e/ou responsáveis fazem com que muitas crianças hoje em dia não possam brincar na rua como antigamente, e algumas poucas que brincam relataram sentir tristeza por não ter mais companhias para dividir o momento e a diversão.

Com a tecnologia muito presente em nosso dia a dia e com acesso facilitado inclusive de crianças, achamos relevante averiguar se as crianças fazem uso de ferramentas digitais.

Gráfico 7. Questão do Formulário

Quais das opções abaixo seu filho (a) utiliza ?

8 respostas

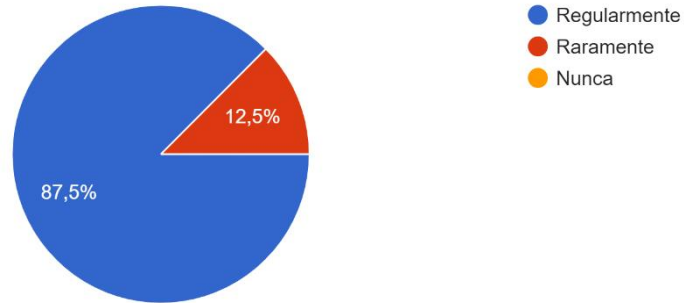


Fonte: Elaborado pelo Forms.

Gráfico 8. Questão do Formulário

Com que frequência?

8 respostas

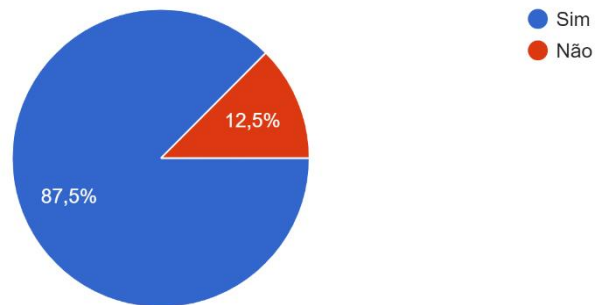


Fonte: Elaborado pelo Forms.

Gráfico 9. Questão do Formulário

Seu filho (a) tem acesso à internet?

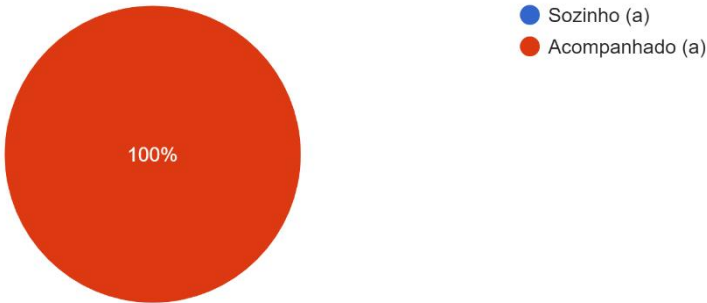
8 respostas



Fonte: Elaborado pelo Forms.

Gráfico 10. Questão do Formulário

Ele (a) acessa:
7 respostas



Fonte: Elaborado pelo Forms.

Quadro 2. Questão do Formulário

Respondente	O que gosta de acessar?	Quais canais, desenhos e/ ou filmes gosta de assistir?
R1	Ver desenhos	Desenhos de princesas
R2	Desenhos e jogos	Beby lave
R3	Yutubi	Yutubi
R4	Joguinho e desenho	Cultura, pocoyo, bubu e as curujinhas
R5	-	Power Rangers , Pocoyo , Peppa Pig
R6	Vídeos no YouTube, jogos e filmes	Aquarela kids
R7	Desenhos do YouTube	Lucas neto e Maria clara jp
R8	Desenho e músicas infantil	Maria Clara e Jp /Galinha Pintadinha/ Patrulha Canina

Fonte: Elaborada pela autora

Com os resultados acima podemos observar que todas as crianças fazem o uso de telas e que a maioria é regularmente. Do acesso à internet apenas 1 menino não tem acesso. Outro fator que pode se observar que a maioria gosta de acessar conteúdos infantis disponibilizados nas mídias digitais.

Figura 1. Questão do Formulário

Quais são as brincadeiras e/ ou brinquedos favoritos do seu filho (a)?



Fonte: Elaborada pela autora.

Da questão acima brincadeiras e/ ou brinquedos favoritos das crianças 2 responsáveis informaram bicicleta, 1 casinha, 1 escolinha, 2 boneca, 2 bola, 2 carrinho, 1 pega pega e 1 esconde esconde e 1 todos os tipos, algumas respostas teve mais de uma brincadeira/brinquedo.

Figura 2. Questão do Formulário

O que seu filho (a) gosta de fazer no tempo livre?



Fonte: Elaborada pela autora

As brincadeiras fazem parte da rotina dos pequenos e no tempo livre é a atividade preferida de todas as crianças. Dos 8 respondentes: 1 citou ir no parquinho,

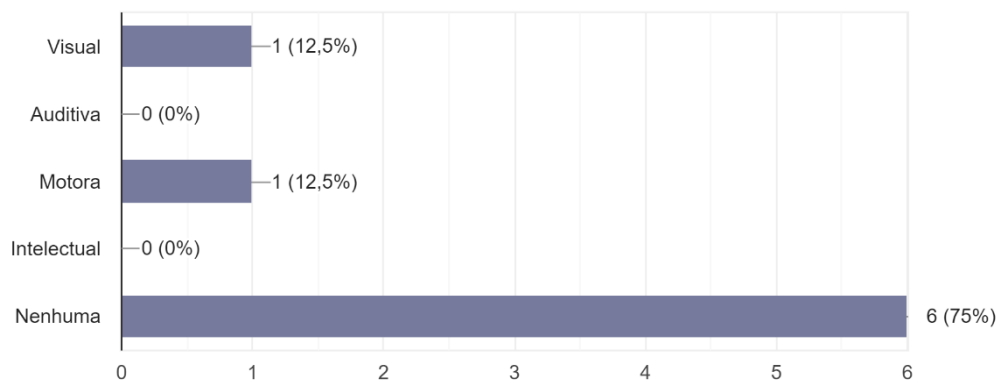
1 desenhar e escrever, 1 andar de bicicleta, 2 assistir e 6 brincar alguns tendo mais de 1 resposta para a questão.

Dando sequência as informações disponibilizadas no questionário verificamos aspectos relacionados a saúde da criança.

Gráfico 11. Questão do Formulário

Seu filho (a) tem alguma das dificuldades abaixo:

8 respostas

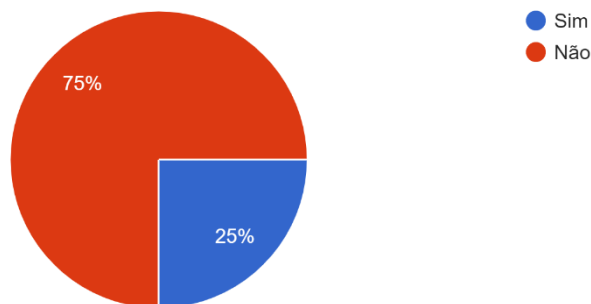


Fonte: Elaborado pelo Forms.

Gráfico 12. Questão do Formulário

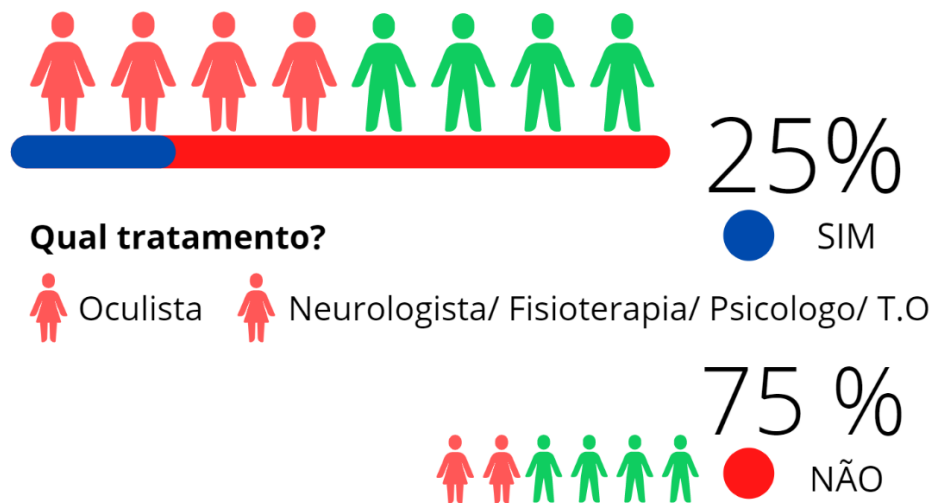
Seu filho (a) fez ou faz algum tratamento de saúde?

8 respostas



Fonte: Elaborado pelo Forms.

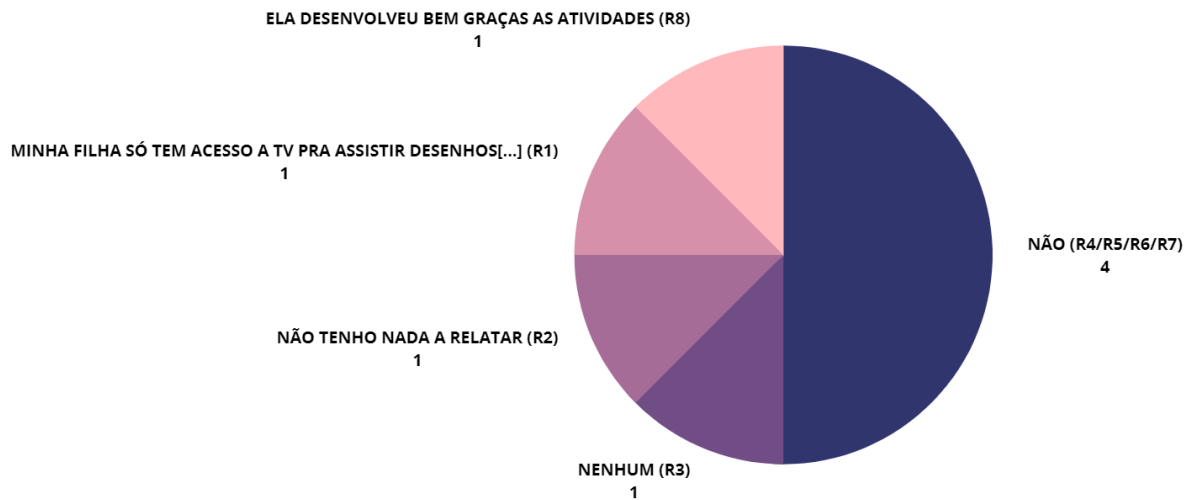
Gráfico 13. Questão do Formulário



Fonte: Elaborada pela autora.

Gráfico 14. Questão do Formulário

Algo que você gostaria de relatar?



Fonte: Elaborada pela autora.

Com essas respostas foi possível confirmar que aluna que possui algumas dificuldades realmente faz o acompanhamento com diversos profissionais além de consulta de rotina na Apae (Centrinho), mas ainda não tivemos a resposta se ela possui algum diagnóstico de deficiência.

Outro aspecto que tomamos o cuidado ao realizarmos as perguntas foi usar o termo pessoas com deficiência/limitações e dificuldades, por ser a terminologia correta

a ser utilizada.

Os alunos por intermédio de um questionário (APÊNDICE E) percorreram pela escola e entrevistaram 9 funcionárias e todas falaram que brincavam na rua quando eram crianças com seus irmãos, primos, vizinhos, amigos, parentes e apenas uma relatou que tinha uma amiga com deficiência que era muda e surda.

Figura 3. Brincadeiras da entrevista com funcionárias



Fonte: Elaborada pela autora.

O questionário também foi respondido pela família das crianças e elas mesmas que entrevistaram, participaram mães, avó, irmã e tio. Dos 11 respondentes apenas 1 relatou que NÃO brincava na rua quando era criança, porque é perigoso. Todos escreveram que não havia ninguém com limitações e que brincavam com amigos, primos, irmãos, vizinhos.

Figura 4. Brincadeiras relatadas pela família



Fonte: Elaborada pela autora.

Na aula seguinte discutimos sobre as informações que coletaram com os entrevistados, como por exemplo quem entrevistaram em casa.

Logo após perguntamos se tinham algumas brincadeiras que eram diferentes para eles e uma aluna disse que não conhecia o bets.

Na lousa fomos escrevendo os dados das folhas com as respostas para que pudéssemos aprofundar e compartilhar com todos.

Informações escritas, perguntamos quais das brincadeiras citadas que eles conheciam ou não.

Figura 5. Respostas das crianças



Fonte: Elaborada pela autora.

Outra questão foi referente uma resposta de que NÃO brincava na rua quando era criança pois era perigoso. Perguntamos: Vocês acham perigoso? Responderam: Sim, por causa dos carros, motos e da entrega. E uma das meninas disse: “Sim. Uma vez...porque é... sabe tia, porque uma vez eu fui, eu fui quase atropelada quando estava andando na calçada”.

Em relação ao relato de que brincava com uma amiga surda indagamos, se essa amiga ela deixava de brincar? Falaram que NÃO. Continuando questionamos como elas se comunicavam? Uma garota falou: “Elas dava sinais”.

Aproveitamos para explicar que não precisamos gritar com os Surdos e que podemos usar as mãos, fazer gestos para nos comunicarmos com eles, brincamos de fazer sinais e propus que fizessem cara de bravo, chamar a professora para comer, avisar a professora que está com sono, convidar a professora para ir embora, dessa maneira eles puderam perceber que os gestos nos permitem se comunicar com os outros.

Enfim, definimos quais brincadeiras iríamos vivenciar e optamos por pular corda, pega pega , pular elástico, cabra cega e mãe da rua.

Dando continuidade em outra aula vivenciamos a brincadeira de elástico, antes de mostrar a forma pela qual eu conhecia, deixei o elástico no chão e fui perguntando como brincava, responderam que pulava por cima, que tinha que segurar e girar o elástico, com 1 pé e conforme iam falando eles iam mostrando e brincando, após um

tempo falei que existia uma outra forma de brincar, na qual eles ainda não haviam brincado e expliquei a brincadeira da forma mais tradicional e da qual eu conheço que é dois amigos segurando o elástico esticado para se poder pular, também orientei uma sequência de pulos e eles foram brincando, ninguém havia brincado anteriormente essa brincadeira e no decorrer foram criando novas formas de pular o elástico.

Crianças brincando de elástico



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

Ao final da aula indaguei se alguém com deficiência conseguiria brincar e observei que as crianças achavam que não, naquele momento apenas comentei que daria e precisaríamos criar um jeito para que todos brincassem.

Percebi que seria importante trazer para a turma as brincadeiras com diversidade cultural, então utilizando o projetor de mídia (data show) selecionei alguns vídeos de brincadeiras com sujeitos, localidade e formas de brincar diversas e antes de mostrar o vídeo questioneei: só criança brinca? Existe só uma forma de brincar? E em seguida fui apresentando os vídeos. O primeiro era uma professora ensinando pular elástico sozinha com o auxílio de duas cadeiras. O segundo foi do Território do Brincar onde mostrava crianças da cidade de Acupe - BA brincando em dupla, em grupo e diferente da forma como tinham brincado na aula anterior.

Dando sequência viram o vídeo de idosas pulando corda na rua de outra nacionalidade, e outro vídeo intitulado de Campeonato Mundial do time da Suécia composto de 3 atletas, pulando 2 cordas ao mesmo tempo. Ainda sobre pular corda mostrei o vídeo de crianças brincando com o cachorro que “batia” a corda com uma menina para o grupo brincar.

Outra brincadeira que consta nos vídeos é mãe da rua, escolhi um no qual uma

família (pai e filhos) brincam em uma área ao lado do prédio e pelo fato de apresentar o nome Dono da rua, e outro de uma professora ensinando a brincar com recortes de imagens da brincadeira e da sua família.

Por fim, um vídeo de crianças na escola ensinando a brincar de cobra cega com tradução de intérprete de Libras, e outro sendo uma animação da Nickelodeon (empresa de entretenimento infantil).

As crianças puderam ter o contato pelos vídeos das inúmeras possibilidades que o brincar oferece. Agora é hora da prática para esse dia vivenciaram as brincadeiras de pular corda e o pega pega queimou que já tinha conhecimento, e puderam experienciar outras formas do qual estavam habituados a brincar.

Para fechar esse ciclo da pesquisa, brincaram de mãe da rua e cabra cega. Em todas as aulas fomos ressignificando o brincar de forma inclusiva.

Abaixo segue como as brincadeiras foram abordadas em primeiro momento em relação a temática inclusiva:

Cabra Cega – deficiência visual

Corda - deficiência intelectual

Elástico - deficiência física

Mãe da rua – deficiência física

Pega Pega Queimou – deficiência auditiva

Porém durante as vivências das práticas corporais e após a filmagem das mesmas, sentiu-se a necessidade de criar um novo Produto Educacional.

Para essa etapa da pesquisa foi pensado em muitas possibilidades até o jogo ser criado e aos poucos ser desenvolvido. Somente em 2022 que ele foi ganhando vida e em agosto pode ser contemplado com as crianças ainda em forma de protótipo.

Crianças brincando de T J T- Diversão e Inclusão



Fonte: Arquivo Pessoal (2022)

O T J T Diversão e Inclusão (Tabuleiro de Jogos Tradicionais) é um jogo de trilha que ao percorrer as casas você pode acessar informações sobre brincadeiras, esportes adaptados, conceitos, símbolos e deficiências.

Na foto acima o envelope sorteado anteriormente a brincadeira foi o envelope de símbolo no qual contava a deficiência visual, no caso ao brincar de elástico foi proposto experienciar de olhos vendados e com um bastão se locomover pelo pátio.

Dentro do brincar existem inúmeras possibilidades para se divertir e ressignificar tais brincadeiras.

O jogo foi aplicado com a turma participante da pesquisa que esse ano está na 2ª etapa de ensino. Porém também já foi desenvolvido com uma turma de Maternal e 1ª etapa.

5 A práxis da inclusão de crianças com deficiência no ensino regular na perspectiva das professoras de Educação Infantil

Neste capítulo, apresentam-se as análises das entrevistas das professoras participantes do estudo, baseada nos procedimentos propostos por Bardin (2011). Primeiramente a análise das perguntas 1 e 2, averiguamos se a inclusão de crianças com deficiência ocorre na escola do estudo, e os sentimentos gerados diante da atuação profissional com esse público. Em seguida, análise das perguntas 3 e 4, como as crianças lidam com o processo de inclusão e o que acham sobre desenvolver essa temática com os pequenos. Após as questões 5 e 6 são analisadas e para finalizar o capítulo a pergunta 7, 8 e 9 para analisar se as professoras utilizam as brincadeiras de rua como conteúdo educacional, e se as brincadeiras contribuem com o processo de inclusão no ambiente escolar.

5.1 A inclusão no ensino regular

Todas as participantes relataram que ocorre a inclusão de alunos com deficiência, e constatamos a necessidade de abordar alguns pontos.

Primeiramente é importante ressaltar que existem formas diferentes ao interpretar o termo inclusão, pois os sujeitos atribuem sentidos de acordo com suas experiências, como observamos nas falas das depoentes:

“[...] Pouco bem pouco né, ocorre sim pouco [...]” (Maria Carolina)

“[...] Eu sinto que...se não ocorreu da forma que ela merecia vamos dizer assim né, mas eu acho que foi feito sim o que é possível [...]” (Raissa)

“[...] Acredito que sim dentro do possível né, é sempre que teve alguma criança com alguma dificuldade foi tentado ao máximo [...]” (Beth)

“[...] Eu acho que a gente não teve muitas crianças né, deficientes da inclusão ... acho que foi mais parte motora mesmo essa inclusão [...]” (Marivana)

“[...] na verdade eu não sei falar em termos de que [...]” (Alana)

“[...] a gente tem aluno que precisava ser incluído, mas isso nem sempre acontece né [...]” (Mariana)

Segundo Tebaldi (2014, p. 43) na Declaração de Salamanca existem quatro

modos de inclusão:

1. Inclusão como colocação: qual o melhor locus para esse educando apreender e se desenvolver como pessoa.
2. Inclusão como educação para todos: defesa pela igualdade de oportunidades, tendendo á uma melhora na área educacional.
3. Inclusão como participação: cada aluno aprende á medida de suas possibilidades, de semelhante forma assiste para que não haja exclusão por: educandos com necessidades especiais, etnias diferentes ou grupos minoritários.
4. Inclusão social: educação inclusiva um meio efetivo para que se alcance a inclusão social.

A inclusão no ambiente escolar se efetiva não somente pelos aspectos sociais, afetivos, se faz necessário estar contribuindo com a formação cognitiva dos indivíduos.

Um sistema educacional inclusivo conforme consta no PNEE (2020, p.48)

é aquele que promove políticas, práticas e esforços considerando tanto a singularidade como a diversidade. Em sentido estrito, um sistema educacional inclusivo é aquele que oportuniza o acesso, a permanência e o êxito na aprendizagem de todas as pessoas, sem exclusão.

Conforme o depoimento abaixo evidenciamos que dependendo da deficiência ocorre a pseudoinclusão.

[...]Atualmente por exemplo tem uma Surda né. É Surda que fala? Então a [...] que é Surda no caso, as atividades, todas as atividades que envolvem jogos... fonológicos que envolve consciência fonológica que exige o campo visual articulatório daí ela fica de fora, só que em termos de socialização ela socializa com as crianças. Por exemplo eu diria que parcial algumas crianças sim outras crianças não e nem todos os quesitos. Porque eu acho que falta uma pergunta também, em que? o que seria inclusão? Em que ela deveria ser incluída, né? Em quais tipos de atividades, igual a [...] se você for pegar por exemplo a coordenação motora fina ela é inclusa se for pegar as atividades de pintura ela é inclusa, agora se for atividades que envolvam essa questão da articulação fono articulatória, daí não porque ela não escuta. (Alana).

Foi enviado um questionário a Unidade Escolar (APÊNDICE I) onde consta a informação que uma aluna da 2ª Etapa apresenta surdez severa. Na questão 3 se as turmas que possuem crianças com deficiência, os professores tem alguém para auxiliá-los? Se sim, quem auxilia? Se não, por quê? Foi informado que “Não. A escola não conta com profissional saiba Libras”.

De acordo com o DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005 que Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras em seu CAPÍTULO IV DO USO E DA DIFUSÃO DA

LIBRAS E DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ACESSO DAS PESSOAS SURDAS À EDUCAÇÃO em seu Art. 14.

As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior.

Sendo assim, mesmo que a escola não possua um profissional habilitado para atender uma aluna com deficiência auditiva é garantido por lei que ela tenha acesso a educação de qualidade e para o Surdo a Libras é reconhecida como língua materna.

Após 20 anos da lei implantada muitos profissionais desconhecem a importância que a Libras tem para a comunidade surda. A sociedade em geral não tem capacitação básica em Libras para se comunicar com as pessoas surdas, esse público enfrenta obstáculos diariamente para exercer sua função de cidadão em nosso país.

Nesse caso a criança não teve seu direito respeitado onde estava apenas integrada no ambiente escolar.

Segundo Facion (2012, p.57) garantir o acesso de alunos com deficiência a classes regulares não necessariamente garante seu sucesso escolar.

Foi solicitado à direção da escola para obter informações com a responsável pela criança com deficiência. Esse contato foi realizado via WhatsApp, a mãe enviou um áudio.

Ela relatou que a filha faz um tratamento na APAE com fisioterapeuta devido uma perninha ser maior que a outra, que a menina tem bastante dificuldade motora. Falou ainda sobre não ter um diagnóstico concluído.

Diante disso, constatamos uma realidade que ocorre em muitos locais, as dificuldades enfrentadas pelas famílias em busca de diagnósticos dos filhos, a escola sem informações necessárias para contribuir com o desenvolvimento dos alunos, uma falha no sistema para obter informações importantíssimas em relação aos estudantes.

Mantoan (2013, p.38) "a inclusão implica uma mudança de paradigma educacional, que gera uma reorganização das práticas escolares: planejamentos, formação de turmas, currículo, avaliação, gestão do processo educativo".

Entretanto, para que ocorra a inclusão é necessário que as unidades escolares, os professores continuem a buscar informações junto aos responsáveis pelas crianças, tenham um olhar atento a cada criança, para que as práticas educacionais atendam a todos.

Retomando as entrevistas das professoras, alguns empecilhos como falta de recursos, estrutura, auxiliares, tempo, teoria versus prática foram citados pelas depoentes.

Essa realidade está presente em diversos estudos, Facion (2012, p. 141) aponta que,

como principais dificuldades e impasses gerados pelo atual modelo de inclusão: a eficácia da metodologia aplicada; a falta de recursos e de infraestrutura; as péssimas condições de trabalho; as jornadas de trabalho excessivas; os limites da formação profissional; o número elevado de alunos por sala de aula; os prédios malconservados; o despreparo para ensinar seus alunos.

A maioria das entrevistadas já teve oportunidade de trabalhar com alunos com deficiência e apenas duas professoras não trabalharam. Em relação a se sentirem capacitadas, duas professoras responderam que sim, três que não, duas que não sabem e uma que depende da deficiência da criança.

Nessa questão também mencionaram a necessidade de estudar mais, a dificuldade no começo, a falta de formação, a sensação de frio na barriga, o sentimento de só vivendo pra saber, de assustada e insegurança, como nos exemplos:

“[...] não vou negar que no começo do ano a gente olha e fala meu Deus, será que eu vou dar conta? como é que vou fazer né [...]” (Raissa)

“[...] eu acho que quando a gente tem um desafio desse a gente vai correr atrás né, então talvez eu não saiba o que faça hoje, mas a gente vai procurar né, pesquisar, estudar pra poder fazer um trabalho bom. [...]” (Marivana)

“[...] Quando você vê um aluno que precisa de inclusão ou vamos falar uma criança com alguma deficiência você já fica, aí meu Deus o que eu vou fazer como vai ser [...]” (Mariana)

De acordo com Mantoan (2013, p. 37)

O convívio com as pessoas com deficiência nas escolas e fora delas é recente e gera ainda certos receios. O preconceito justifica as práticas de

distanciamento dessas pessoas, devido às suas características pessoais (como também ocorre com outras minorias), que passam a ser o alvo de nosso descrédito; essas pessoas têm reduzidas as oportunidades de se fazerem conhecer e as possibilidades de conviverem com seus colegas de turma, sem deficiência.

É possível observar que após 28 anos de implantação dos direitos em Salamanca, a Inclusão Escolar na prática ainda é uma novidade para muitos profissionais.

Devido esse público ter permanecido muitos anos em atendimentos especializados e fora da educação regular.

Em relação a formação continuada podemos verificar que todas possuem pós graduação e das 8 entrevistadas 5 possuem especialização em Educação Especial.

Mantoan (2013, p. 145) salienta que a formação continuada

considera a formulação dos conhecimentos do professor, sua prática pedagógica, seu contexto social, sua história de vida, suas singularidades e os demais fatores que o conduziram a uma prática pedagógica acolhedora. Nessa perspectiva, os professores também são aprendentes.

A formação permanente termo utilizado por Imbernón (2011)

terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc, realizando um processo constante de autoavaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da prática do ponto de vista dos pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes. Isso supõe que a formação permanente deve estender-se ao terreno das capacidades, habilidades e atitudes e que os valores e as concepções de cada professor e professora e da equipe como um todo devem ser questionados permanentemente (IMBERNÓN, 2011, p.51).

Diante das dificuldades encontradas no processo de inclusão a formação continuada permite que os professores reflitam sobre sua prática, adquiram novos conhecimentos, criam possibilidades para desenvolverem e aperfeiçoarem sua prática.

5.2 As crianças e a inclusão escolar

O ambiente escolar permite que todos os indivíduos tenham oportunidades de conviver com a diversidade. Os relacionamentos interpessoais são importantes para que as crianças construam sua identidade cultural, e reconheçam o “eu” e o “outro” sem estereotipar e julgar precocemente os colegas e/ou pessoas.

Diante disso, é preciso promover ações para que elas interajam umas com as

outras e aprendam através de suas diferenças.

Segundo Aranha (1995),

Considerando - se que é no cenário das relações sociais interpessoais que se dá a apreensão do real, a construção do conhecimento, o desenvolvimento do homem e a construção da subjetividade e da própria sociedade, a exclusão do deficiente inviabiliza tanto para os indivíduos, deficientes e não-deficientes, quanto para a sociedade, o trato das diferenças enquanto elementos construtivos da própria natureza humana. (p.70)

Em relação como as crianças lidam com a inclusão todas as depoentes relataram atitudes positivas nesse processo, segue abaixo relatos:

“[...] Aqui na escola? Super de boa. Super eles aceitam, eles ajudam. Uma gracinha, eu não vejo nada, que eles assim não aceitem ou rejeite alguma coisa. [...]” (Maria Carolina)

“[...] Nossa as crianças são super tranquilas quanto a isso. Elas dão assim, é como se... o exemplo assim pra gente, sabe é fantástico eu acho, que as crianças são fantásticas para incluir esses amiguinhos. [...]” (Raissa)

“[...] os amigos normais vamos falar assim, eles são super prestativos né, nossa eles acostumam com e ajudam bastante tentam fazer tudo que você ensina, ah não pode segurar deixe ele andar sozinho eles aprendem bastante isso né. [...]” (Mariana)

“[...] Eu acho que elas lidam bem, elas acolhem bem, ajudam, né.[...]” (Thalita)

“[...]Então uma escola pequena eu acho que é mais fácil né, eles todos se conhecem então todos se tratam pelo nome, então ele sabe que o amigo da sala tal precisa de ajuda e o maiorzinho vai lá e ajuda né, não tem problema.[...]” (Marivana)

Conforme o depoimento de Raissa ela cita que “aprende” com as crianças,

“[...]Inclusive assim ideias que eles dão que a gente às vezes na hora da interação assim coisas que às vezes o professor ficou semana toda pensando, às vezes um amiguinho consegue agir de uma forma. Aconteceu isso comigo, da criança querer brincar eu não sabia como colocar aquela criança brincar, mas daí eles vem acolhem e brincam e faz aquela criança feliz .. você fica olhando e fala meu Deus né, aprendendo com as crianças.[...]”

Fiorini e Nabeiro (2013) citam o treinamento do Colega Tutor como sendo uma estratégia para que os próprios alunos auxiliem o colega com deficiência e o professor. Relatam ainda que muitas vezes o auxiliam ao aluno com deficiência é de forma natural e espontânea pelos alunos.

Seguem partes dos depoimentos onde se fala sobre a facilidade das crianças ao incluir os amigos.

“[...] Para as crianças eu não acho que seja tão difícil né, tive aquela aluninha surda né, mas as crianças parecem que conversavam, batiam na mãozinha e elas interagiam com as outras crianças numa boa. A dificuldade às vezes maior é da gente, como que eu vou passar o conteúdo pra essa criança.”[...]”(Thalita)

“[...] Melhores do que os adultos, porque elas encontram formas de conversar com a [...] que nem a gente entende, por exemplo, ali outro dia ela veio e falou assim para [...] a [...] pegou no braço da [...] eu falei como você sabe, porque ela fez assim (mostrou o movimento e o som). Para eles é muito natural a socialização né, no caso.[...]”(Alana)

“[...]Eu acho que pra criança é mais fácil né, porque a criança ela ainda é inocente, acho que existe mais preconceito de um deficiente do adulto do que da criança, pra criança ela vai ser igual a elas mesmo tendo alguma ...limitação né eu acho que as crianças acolhem sim, crianças com deficiências, eu não sei acredito que sim.[...]”(Silvânia)

De acordo com Kail (2004, p. 379) crianças da pré-escola e do jardim-de-infância costumam encarar as pessoas nos grupos sociais como muito mais homogêneas do que realmente são.

Para o autor, à medida que as crianças compreendem que os grupos sociais são formados por tipos de pessoas diferentes, o preconceito diminui.

Não podemos negar que existe sim o preconceito, mas quando se proporciona experiências para que as crianças tenham contato com outras culturas, tradições, sujeitos, isso contribui para que aprendam sobre respeito, tolerância e valores. Da mesma forma que se viver em um local com pessoas preconceituosas, provavelmente ela também será intolerante e desrespeitosa com as diferenças.

Freire (2011, p.13) enfatiza que o conhecimento do mundo da criança nesse período depende das relações que ela vai estabelecendo com os outros e com as coisas.

Sobre desenvolver essa temática com as crianças todas as participantes disseram ser importante, duas depoentes comentaram que isso permite trabalhar com a questão do preconceito, uma com o respeito como vemos abaixo:

“[...]Eu acho sim, até pra não criar preconceito, né. Porque quando você trabalha isso você mostra quando ele se depara com o coleguinha ou mesmo com o adulto que tem um problema, ele não vai ser aquele “ai mas ele é diferente né”, não, ele vai entender que tem uma dificuldade a mais, mas que dá pra brincar dá fazer as coisas normalmente né, pode tratar a pessoa normalmente né, eu acho muito interessante sim [...]”(Beth)

“[...] Super. Até pra que eles não tenha o preconceito mesmo, mas a criança a primeiro momento ela olha diferente né. A primeiro momento o que é ai vou fazer, a [...] por exemplo eles queriam pegar o andador dela com ela e levar, não você tem que deixar a criança fazer então é importante eu acho e até pra entender as diferenças né [...]” (Mariana)

“[...] Acho que sim. Né, porque depois eles vão, de pequeno já vai né, vai vendo já vai respeitando o amigo e levando isso pro fundamental e pra vida né, começar de pequeno.[...]” (Marivana)

No dialogo abaixo a depoente Thalita faz uma reflexão sobre tematizar as diferenças de modo geral, e não somente sobre a pessoa com deficiência.

“[...] Ai eu não sei se você, falar assim eu acho que inclusão tá bom a pessoa deficiente, tem aquele outro que às vezes é mais... eu acho que, eu acho que não sei, eu acho que você tem que falar pra acolher de uma forma geral todo mundo.[...]”

Pesquisadora: Todas as diferenças

“[...]Todas as diferenças isso. Todas as diferenças é bem isso, né. Porque ninguém é igual né. Você pode né, às vezes se fala, alguém fala um pro outro: olha no espelho tem alguém igual? Cada um com a sua beleza. Eu sempre tento passar isso pros meus alunos, que cada um tem a sua beleza, mesmo quando sabe mais uma coisa e o outro não sabe. Sabe, às vezes ele sabe mais aquilo e o outro sabe mais outra coisa, né.[...]”

5.3 Brincadeiras de rua como práxis educativa

Na entrevista para abordar as brincadeiras de rua perguntamos sobre quais as entrevistadas tinham o conhecimento: mãe da rua, pique esconde, elástico, amarelinha, pega pega, pique latinha, queimada, esconde esconde, brincadeiras com bola, bolinha de gude, areia, bugalha (cinco marias), bets/ taco, pular corda, vivo morto, passa anel foram citadas ao recordar a infância delas, e no momento enquanto relatava algumas expressaram sentimentos de saudades e alegria por meio da fala e/ou de risos.

Questionadas se utilizavam as brincadeiras como conteúdo educacional duas depoentes disseram que não e justificaram.

“[...]Não, não utilizo. Porque as brincadeiras já são mais direcionadas são jogos simbólicos, é peças de encaixe, não utilizo brincadeiras de rua e também porque a brincadeira de rua você tem que ter um espaço físico né pra levar as crianças e nem sempre você tem, às vezes tem mas já tá tendo

aula de educação física né, então a gente não tem esse espaço físico.[...]"(Silvânia)

A seguir mais uma depoente.

"[...]Não.[...]"

Pesquisadora: Tem algum motivo por não utilizar?

"[...]Ah não sei, acho que nunca pensei nisso, ela não tá dentro da minha prática. Eu utilizo outras né, jogos simbólico, casinha por exemplo, cabeleireiro utilizo assim as vezes ... visual é pouca, o que a gente trabalhava mais antes, que agora não trabalhamos mais né por causa da pandemia que nem o circuito essa parte muito mais de correr. Roda eu trabalhei, roda eu brinco com eles, cantigas de roda, lencinho branco essas coisas assim já brinquei com eles, agora os outros poucas.[...]" (Alana)

Mesmo uma falando que não utiliza as brincadeiras de rua no decorrer da entrevista citou que realizava algumas.

A falta do espaço físico aparece também em outros depoimentos como na primeira, podemos observar.

"[...] Ah fica mais na informação, porque acho que pelo espaço né, acho que não tem espaço pra você brincar de mãe da rua aqui, pique latinha. Eu acho que o espaço deixa um pouquinho né a desejar, brincar essas coisas.[...]"(Maria Carolina)

"[...] Agora o esconde esconde na escola eu nunca tive espaço assim que eu acho inseguro né, porque já é limitado. É mais com bola mesmo, bolinha ao cesto assim que eu comento com eles que a gente brincava, era tudo que era bola sempre foi a minha paixão até hoje eu acho, adoro as brincadeiras de bola com eles eu acho que acabo passando isso para eles né, direcionando mais nas bolas, acho mais possível nos nossos espaços, agora esconde esconde, a de areia né a nossa escola tem aqui o parquinho e a gente brinca e brincava também na areia. Acho que é só que dá pra.[...]" (Raissa)

Kowaltowski (2011) cita que a qualidade do ambiente escolar depende de recursos humanos (alunos, profissionais, grupos de apoio) e aspectos organizacionais (currículo, material didático, mobiliário e equipamentos). Esse local deve ser projetado para atender as necessidades da escola, fatores como: funcionalidade, segurança, acessibilidade, conforto (térmico, acústico) influenciam diretamente na qualidade de ensino.

Evidenciamos por meio dos depoimentos que a falta de espaço para realizar as brincadeiras de rua afetam no desenvolvimento de atividades fora da sala de aula em alguns casos, abaixo veremos depoimentos de professoras que realizam algumas brincadeiras de rua na sala de aula, por exemplo.

"[...] Olha sempre assim quando tem o assunto né de brincadeiras preferidas nas atividades, eles são muito curiosos pra saber a nossa né, a

preferida do professor. Então daí eu já aproveito e comento com eles né, que a minha preferida era bola, e era bola atirada na parede né, eu atirava a bola na parede e não podia deixar a bola cair, era a minha preferida. Então daí eu comento com eles e é uma brincadeira que dá pra fazer com eles, até dentro da sala as vezes né, dependendo do tamanho de atirar a bolinha na parede e segurar com as mãos eles gostam bastante, mas é mais essa, amarelinha né.[...]” (Raissa)

“[...] Olha esse ano mesmo pensando até por causa da pandemia eu usei a amarelinha, só que diferenciada, como meus alunos não sabem números, eu fiz amarelinha com o pé para eles aprenderem o movimento de 1 e 2, porque por enquanto eles não sabiam número e fiz os números para eles pularem com saltadinhos não daí com o movimento de 1 e 2 sempre pular com os dois pezinhos no mesmo quadrado intercalando que seria uma amarelinha adaptada e eu tenho feito isso dentro da sala, então no momento que eles param de às vezes ou até mesmo porque tá muito tempo sentado vamos vamos pular e agora eu acho bonitinho que eles chegam e às vezes eles vão pegar o lápis e pegar o caderno deles e eles vão pulando né, e eu tento ao máximo quando eu consigo por essas brincadeiras porque é o que, pra mim foi muito importante então eu acho importante passar para eles até porque as vezes na casa não tem essa vivência né, mundo tecnologia fica na tecnologia então o que eu consigo fazer com eles eu tento ao máximo ir incluindo essas brincadeiras.[...]”(Beth)

“[...] Sim gosto, dança da cadeira com eles, eu gosto de fazer aquela do vivo morto que eles gostam bastante.[...]” (Mariana)

“[...] Às vezes quando a gente trabalha...brincadeira de roda que às vezes eu uso agora com os pequenos, brincadeira de roda sim. Brincadeira de roda que eu uso parece que as outras brincadeiras nem tanto.[...]”(Thalita)

O planejamento que as profissionais realizam semanalmente possui a orientação para a realização de brincadeiras, mas sem especificar quais brincadeiras ficando a critério das professoras.

Na presente pesquisa indagou-se as brincadeiras de podem contribuir com o processo de inclusão no ambiente escolar

“[...] Ah, eu acho meio difícil dependendo da deficiência. Que nem... pode citar nome? O [...] tinha o [...] né? Tem coisa que não dá pra ele brincar de pega pega, claro que ele se envolvia assim a gente via né, que ele se envolvia, mas eu creio que eu ficaria com receio, de cair, se machucar né, porque eles têm uma certa assim, até onde eles podem ir né, então muita criança a hora que eles começam a ferver, apesar que ele ia de boa né, dificilmente ele caia, mas a deficiência dele era bastante né, no motor então eu acho que ficaria um pouco com medo com receio, por conta disso de ele se machucar, mas alguma coisa dá sim, um pega pega, um pique esconde, eu acho que dá propor algumas coisas dá sim pra incluir eles. [...]”(Maria Carolina)

Na frase utilizada acima “criança a hora que eles começam a ferver” podemos corroborar com Freire (2017, p.14) o simples fato de as crianças saírem da sala de

aula para o pátio torna-as incontrolláveis para os procedimentos habituais utilizados pelas professoras para manter a disciplina.

O movimento é visto muitas vezes como um descontrolo das crianças dessa forma segundo Freire (2017, p.17)

Talvez não haja uma consciência clara por parte da escola quanto ao carácter pático do jogo, mas, certamente há uma intuição, pelo menos, baseada na observação pura e simples de crianças ou adolescentes brincando, quanto aos riscos implicados no ato de jogar.

Seguem partes dos depoimentos onde as professoras destacam a relevância das brincadeiras no processo de inclusão.

“[...] Ah eu acho que pode sim, porque toda brincadeira é muito...eles aprendem brincando né, nessa idade, no lúdico eu acho que dá pra incluir sim. Né, que nem essas umas que eu falei mesmo de bola ,que nem essas que eu vivenciei eu acho né, adaptado às vezes mas acho possível sim. Acho que dá pra incluir sim [...]” (Raissa)

“[...] Sim, porque a interação das, onde ocorre a interação das crianças na brincadeira né, por isso é importante.[...]” (Silvânia)

“[...] Ah eu acredito que sim viu, porque é um momento assim, é de descoberta mesmo deles, de estar junto, de as vezes dependendo da brincadeira você precisa do outro né, e tudo que voce...voce pega um pega pega é toque né. é você correr atrás do amigo estar junto eu acho que contribui sim até pra você trazer esse laço de afinidade entre as crianças né, esse cuidado eu acredito que tudo dá pra ser adaptado né, acho que contribui sim.[...]” (Beth)

Vasconcellos (1992) a construção do conhecimento ocorre pela relação do sujeito com os outros e com o mundo a partir de suas ações motora, perceptiva ou reflexiva.

O autor aponta que a práxis é uma categoria para a construção do conhecimento.

Dessa maneira o professor pode propiciar não somente a transferência de conteúdos, mas sim ações pedagógicas que permitam que os sujeitos envolvidos nesse processo se relacionem com o mundo que lhe cercam.

“[...] Acho que sim porque na brincadeira né tudo é mais fácil. Acho que é possível sim, daí vai brincar né. Na brincadeira tudo, na verdade todo mundo é igual né, mas na brincadeira acho que a gente percebe menos talvez, eu acho as diferenças, acho que fica, percebe menos.[...]” (Marivana)

“[...] Sim, você vai adaptar a brincadeira de acordo com o seu aluno né. Acho que sim, dá pra fazer pensando no aluno de inclusão da pra você adaptar, você tem que adaptar né. Em tudo na verdade né, ele não consegue pular corda, então o que ele consegue fazer passar, dar passos em cima da corda é isso que ele vai fazer, né. É uma maneira, você tem

que pensar em uma maneira de incluir aquela criança que senão você não está incluindo e ta excluindo. Acho que dá.[...]"(Mariana)

"[...] Com certeza, quando eles estão brincando eles se unem mais, não é? Eu acho que sim.[...]"(Thalita)

Perante os discursos das professoras Raissa, Silvânia, Beth, Marivana, Mariana e Thalita as brincadeiras de rua podem sim contribuir com a inclusão na escola.

Mediante o exposto Freire (2011, p.25) destaca que a vantagem do trabalho lúdico é que o prazer conferido pela atividade é muito motivador e estimula a criança a superar dificuldades que normalmente não superaria em outras circunstâncias.

6 Considerações Finais

Para dar início a esta seção retoma-se os objetivos que se formaram tendo seu viés nas brincadeiras de rua e na inclusão no ambiente escolar. O presente estudo teve algumas hipóteses como: Professores Escolares desconsideram a inclusão de crianças com deficiência por intermédio das brincadeiras de rua. Professores Escolares atuam plenamente com as brincadeiras de rua como princípio de inclusão. O Sistema Escolar não propicia a inclusão.

Do objetivo geral da pesquisa: analisar os processos educativos desencadeados pelas brincadeiras de rua na perspectiva da inclusão entre crianças com e sem deficiência na educação física escolar, conforme a percepção dos professores de Educação Infantil, verificamos no âmbito da pesquisa que as brincadeiras de rua são conhecidas por esses profissionais e valorizados para o contexto educacional em questão, e que os mesmos não correlacionam com a inclusão escolar e sentem dificuldades em desenvolver essa temática.

Consequentemente pesquisamos focando nos objetivos propostos na pesquisa com brincadeiras de rua, onde enfatizamos a temática inclusão. Analisamos que as brincadeiras tradicionais podem contribuir de modo positivo para a construção de uma escola mais inclusiva, por meio de práticas corporais que condizem com a realidade daquele grupo cultural.

Ao adentrar nas situações didáticas com as crianças nosso objetivo foi de que eles pudessem acessar um rico repertório de brincadeiras de rua que antes eram desconhecidos pela maioria e sendo imprescindível que se aborde essa temática com as crianças não somente para disseminar informações verídicas a respeito de cada deficiência e/ou limitação, mas também no sentido de poder valorizar as diferenças e valores da nossa sociedade e que o brincar deve estar presente na vida de todas as crianças independente das condições físicas, psicológicas e ou sociais que possuem.

Ressalto a importância das crianças no processo de inclusão escolar, dar voz a elas nos permite aprender diariamente e vai além do que podemos planejar. É uma troca entre crianças/crianças e crianças/professora.

Durante o percurso pudemos observar que as crianças já tinham tido pelo menos uma vez, alguma experiência com as brincadeiras de rua como, pega pega,

pular corda, esconde esconde e carrinho de rolimã, e que a maioria identificava a deficiência apenas nos aspectos físicos quando era alguém amputado por exemplo.

Diante das vivências tivemos contato direto com a diversidade do grupo, no qual ressignificamos que a maneira pela qual um faz diferente dos outros é a maneira de ser do outro e isso não há nada em perder e sim ganhar novas possibilidades.

Em suma, a minha práxis pedagógica (ora como pesquisadora de mestrado profissional) enriqueceu meu conhecimento e me permitiu desenvolver novas práticas na minha jornada profissional, proporcionando crescimento profissional e pessoal. Resultando em mim um propósito de continuar trilhando esse caminho em busca de novos conhecimentos.

Os Produtos Educacionais (Apêndice A) propiciaram uma nova perspectiva para fomentar a inclusão de crianças com deficiências e/ou limitações por intermédio das brincadeiras de rua que são patrimônio cultural brasileiro.

Portanto, finalizamos esta pesquisa com a expectativa de contribuir com a Educação e considera-se que novos estudos sejam realizados para possibilitar a mudança do atual cenário educacional, em que a inclusão embora não seja algo recente ainda é um tema complexo de ser desenvolvido em nossa sociedade para que dessa forma melhore a qualidade de ensino.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. S.; DUARTE, E. Educação Inclusiva: Um Estudo na área da Educação Física. Rev. Bras. Ed. Esp. Marília, v. 11, n. 2, p. 223-240. mai-ago, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/rL3CHBMyYt5zQmjftwLswtx/?lang=pt> Acesso em: 20 jan. 2022.

ARANHA, M. S. F. Integração social do deficiente: análise conceitual e metodológica. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 63-70, ago. 1995. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1995000200008 .Acesso em: 24 fev. 2021.

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU. "Declaração Universal dos Direitos Humanos". 217 (III) A. Paris, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> . Acesso em: 3 fev. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm . Acesso em: 2 jun. 2020.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. – 4. ed. – Brasília, DF : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/580393/Estatuto_crianca_adolescente_4ed.pdf . Acesso em: 16 fev. 2022.

BRASIL. IBGE. Censo Demográfico, 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf . Acesso em: 17 ago. 2021.

BRASIL. IBGE. Pessoas com Deficiência, 2010. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html> . Acesso em: 17 ago. 2021.

BRASIL. IBGE. Perfil das crianças do Brasil, 2018. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/2697-ie-ibge-educa/jovens/materias-especiais/20786-perfil-das-criancas-brasileiras.html> . Acesso em: 17 ago. 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2021. Brasília, DF: Inep, 2021. Disponível em : https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2021.pdf . Acesso em: 3 fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil. Brasília,DF: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em: 25 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. COVID-19 no Brasil. Brasília,DF: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html Acesso em: 25 jun. 2022.

BRASIL. LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm . Acesso em: 2 jun. 2020.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm . Acesso em: 2 jun. 2020.

BRASIL. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm . Acesso em: 16 fev. 2022.

BRASIL. LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm . Acesso em: 21 mai. 2022.

BRASIL. DECRETO Nº 10.502, DE 30 DE SETEMBRO DE 2020. Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Brasília, DF, 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10502.htm . Acesso em: 15 fev. 2021.

BRASIL. DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Brasília, DF, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso em: 21 mai. 2022.

BRASIL. DECRETO Nº 4448, DE 16 DE DEZEMBRO DE 2020. Dispõe sobre a adoção da administração pública municipal direta e indireta, de medidas temporais e emergenciais de prevenção de contágio do COVID-19 (novo coronavírus) bem como recomendação no setor público e privado. Cerqueira César, SP, 2020. Disponível em: <https://www.cerqueiracesar.sp.gov.br/legislacao/detalhe/4266/pnbspldquodispoe-sobre-a-adocao-no-ambito-da-administracao-publica-municipal-direta-e-indireta-de-medidas-temporais-e-emergenciais-de-prevencao-de-contagio-do-covid-19-novo-coronavirus-bem-como-recomendacao-no-setor-publico-e-privadordquop/> Acesso em: 25 jun. 2022.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12657-parametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series> Acesso em: 19 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. RESOLUÇÃO Nº 5, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2009. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF, 2009. Disponível em: http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf . Acesso em: 19 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. RESOLUÇÃO Nº 7, DE 14 DE DEZEMBRO DE 2010. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Brasília, DF, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf . Acesso em: 19 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_sit_e.pdf . Acesso em: 7 fev. 2021.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação. PNEE: Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida/ Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação – Brasília; MEC. SEMESP. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Principais Indicadores da Educação de Pessoas com Deficiência. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17655-secadi-principais-indicadores-da-educacao-especial&category_slug=junho-2015-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 16 ago. 2021.

BRASILEIRO, A.M. M. Como produzir textos acadêmicos e científicos. – São Paulo: Contexto, 2021. 272 p.

CAPELLINI, V. L. M. F.; RODRIGUES, O. M. P. R. Educação Inclusiva: fundamentos históricos, conceituais e legais. Bauru: UNESP/FC, 2012. (Coleção: Práticas educacionais inclusivas). 222 p. il. V. 2

CORDEIRO. C. T.; OLIVEIRA. I. R. S. Educação e políticas inclusivas: ressignificando a diversidade. Londrina : Syntagma Editores, 2020.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca – Espanha, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> . Acesso em: 03 fev. 2021.

FACION, J. R. Inclusão escolar e suas implicações [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2012. – (Série Inclusão Escolar).

FRANCO, M. A. S. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FREIRE, J. B. Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física. 1. Ed. São Paulo: Scipione, 2011.

FREIRE, J. B. O jogo [livro eletrônico]: entre o riso e o choro. Campinas, SP : Autores Associados, 2017. – (Coleção educação física e esportes).

FRIEDMANN, A. Jogos Tradicionais. Série Idéias, São Paulo: FDE, n.7, p. 54-61. 1995. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_07_p054-061_c.pdf . Acesso em: 18 fev. 2022.

FRIEDMANN, A. O desenvolvimento da criança através do brincar. São Paulo: Moderna, 2006.

FRIEDMANN, A. O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

Gil, Antonio Carlos. Como fazer pesquisa qualitativa – 1. ed. – Barueri [SP] : Atlas, 2021.

HARARI, Y. N. Notas sobre a pandemia: E breves lições para o mundo pós-coronavírus (artigos e entrevistas). Companhia das Letras; 1ª edição, 2020. E-book.

HUIZINGA, J. H. L. O jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2000. Disponível em: http://jnsilva.ludicum.org/Huizinga_HomoLudens.pdf . Acesso em: 24 fev. 2022.

IMBERNÓN, F. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção questões da nossa época; v.14).

Kail, R. V. A criança. tradução Claudia Sant’Ana Martins; revisão técnica Lucia Maria Franco da Silva e José Fernando B. Lomônaco. –São Paulo : Prentice Hall, 2004.

KISHIMOTO, T. M. BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. In: I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais, 2010, Belo Horizonte Anais [...]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/16110-i-seminario-nacional-do-curriculo-em-movimento> . Acesso em: 18 fev. 2022.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil .Edição revista. – São Paulo, SP : Cengage Learning, 2016. 72 p.

KLISYS, A. Quer jogar? Edições Sesc SP; 1ª edição, 2015. E-book.

KOWALTOWSKI, DORIS C. C. K. Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna , 2003.

MANTOAN, M. T. E. O desafio das diferenças nas escolas. 5. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2013.

NISTA-PICCOLO,V. L; MOREIRA, W. W. Corpo em movimento na educação infantil. 1. ed. São Paulo: Telos, 2012.

NEIRA, MARCOS GARCIA. Educação Física Cultural: carta de navegação. ARQUIVOS em MOVIMENTO, v.12, n.2, p.82-103, Jul/Dez 2016.

NEIRA, MARCOS GARCIA. Educação Física cultural : o currículo em ação — São Paulo: Labrador, 2017. 215 p.: il., color

NEIRA, MARCOS GARCIA. Educação física cultural: inspiração e prática pedagógica - 2. ed. - Jundiaí [SP]: Paco, 2019.

MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., and SEGATA, J., eds. Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5708-032-0.

Lüdke, M; André, M.E.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas - São Paulo: EPU, 1986.

PALFREY, J.; GASSER. U. Nascidos na era digital [recurso eletrônico] : entendendo a primeira geração de nativos digitais ; tradução: Magda França Lopes ; revisão técnica: Paulo Gileno Cysneiros. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2011.

Pedro, K. M; Chacon, M. C. M. Informativo sobre Competências Digitais e Segurança na Internet: Orientações para pais, professores e estudantes. Marília, 2016.

Prensky, M. Digital Natives, Digital Immigrants. MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October 2001. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> Acesso em: 15 fev. 2022.

Richardson, Roberto Jarry. Pesquisa social : métodos e técnicas. – 4. ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo : Atlas, 2017.

ROPOLI, E. A. *et al.* A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010.

SANTOS, M. P. *et al.* O Index para a Inclusão como Instrumento de Pesquisa: uma Análise Crítica. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 20, n. 4, p. 485-496, Out.-Dez., 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/rL3CHBMyYt5zQmjftwLswtx/?lang=pt> . Acesso em: 14 jan. 2022.

SÃO PAULO (ESTADO). Resolução Seduc,de 14-10-2021 Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/lise/sislegis/detresol.asp?strAto=20211014>. Acesso em: 16 fev. 2022.

SASSAKI, R. K. Inclusão: Construindo Um a Sociedade Para Todos. 7ª edição. Rio de Janeiro: WVA, 2006, 176p.

Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/educacao-sp-anuncia-volta-obrigatoria-aulas-partir-dia-18-de-outubro/> Acesso em: 3 nov. 2021.

SILVA, W. C. *et al.* Explorando os impactos na saúde mental de crianças durante a pandemia de covid-19. *International Journal of Development Research*, Vol. 11, Issue, 04, p. 46248-46253, Abril, 2021. Disponível em: http://www.journalijdr.com/sites/default/files/issue-pdf/21683_0.pdf Acesso em: 17 fev. 2022.

TEBALDI, M. Formação continuada em educação física e inclusão do deficiente no ensino regular sob a ótica de professores. Orientadora: Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger. 2014. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2014.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Metodologia Dialética em Sala de Aula. In: *Revista de Educação AEC*. Brasília: abril de 1992 (n. 83)

WINNICK, J. P.; PORRETA, D. L. *Adapted Physical Education and Sport*. Sixth Edition – Human Kinetics, 2017.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Imago, 1975.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Delineamento do Produto

Os produtos educacionais propostos consistem em um vídeo documentário e um Jogo de Tabuleiro sobre as brincadeiras tradicionais abordando aspectos sobre inclusão.

Título do produto

Vídeo documentário: Brincadeiras em Ação

T J T Diversão e Inclusão (Tabuleiro de Jogos Tradicionais).

Resumo do produto

Primeiramente foi elaborado o vídeo educacional intitulado Brincadeiras em Ação. No qual as próprias crianças foram protagonistas e abordaram as vivências das brincadeiras de rua nas aulas de Educação Física com o intuito de auxiliar no processo de inclusão e ressignificar essa prática cultural brasileira. Foi desenvolvido em uma escola do interior Paulista para turmas de Educação Infantil com crianças com e sem deficiências.

O mesmo foi executado conforme o projeto e posteriormente com o vídeo finalizado observamos que o mesmo não estava de acordo com as necessidades do produto educacional.

Disponibilizamos o link do vídeo para acesso: <https://youtu.be/8YAV8dxVXQ8>

O segundo produto é um Jogo de Tabuleiro que é um recurso pedagógico voltado para o ensino da temática de brincadeiras de rua e inclusão. Disponível para as crianças e adultos que tenham o interesse em abordar essas vivências para que tenham contato com outras culturas, tradições e valores como respeito, tolerância, empatia, solidariedade, entre outros.

Com o passar dos tempos muitas brincadeiras deixaram de serem praticadas, algumas foram se modificando e outras foram sendo criadas para atender novas realidades. Sendo assim algumas brincadeiras de gerações passadas são desconhecidas atualmente pelas crianças e abordar essa temática trará novas possibilidades de diversão, interação e divulgação cultural.

Diagnóstico local

A unidade escolar do município de Cerqueira César se localiza na zona urbana, em 2021 havia matriculadas aproximadamente 161 crianças da Educação Infantil (03 a 05 anos) em período integral. A escola atende crianças do próprio bairro e também de outros. A maioria são filhos de trabalhadores do setor público e privado.

Partindo da necessidade de se realizar a verdadeira inclusão e não somente a integração da criança com deficiência no ambiente escolar, esperou-se enfrentar essa problemática.

Público-alvo

Crianças de 03 a 05 anos do Ensino Infantil. Esse público é o qual eu atuo desde o início da minha jornada docente e como é a incorporação na vida escolar da criança devemos abordar assuntos como a inclusão de início para que possa: contribuir e agregar valores para os pequenos e desconstruir o preconceito.

As crianças se desenvolvem e se superam a cada dia, a cada fase. São protagonistas de histórias reais e podem nos ensinar muito.

Objetivos do produto

Geral

O objetivo geral deste produto é fomentar a inclusão no ambiente escolar e propagar as brincadeiras de rua.

Específicos

Os objetivos específicos são de selecionar as brincadeiras de rua; elaborar o roteiro do vídeo e a estrutura do jogo, e montar o tabuleiro e os elementos que irão compor esse último produto.

Metodologia de desenvolvimento do produto

A filmagem do vídeo seguiu um roteiro pré elaborado constando as vivências das brincadeiras presente na pesquisa, as entrevistas das crianças com funcionários.

A produção do Tabuleiro de Jogos Tradicionais ocorreu e 3 etapas:

Selecionar as brincadeiras que constaram e foram desenvolvidas durante a pesquisa.

Partindo dos diálogos que ocorreram durante as aulas/ pesquisa definir termos como: quais os tipos de deficiências, os símbolos, conceitos e etc deveriam compor o jogo.

Fase de execução do protótipo.

Por último a versão final do Tabuleiro de Jogos Tradicionais.



ORIENTAÇÕES

Tabuleiro de Jogos Tradicionais

T J T DIVERSÃO E INCLUSÃO

Hora de brincar e descobrir um novo universo de possibilidades.

Bem-vindos!

É uma alegria ter a participação de vocês nesse jogo.

O T J T foi feito com muito carinho para vocês se divertirem e acessar conhecimentos sobre a inclusão.

A cada jogada do dado, descubra uma nova brincadeira. esportes adaptados, conceitos, símbolos e deficiências.

Este trabalho é fruto da dissertação de mestrado intitulada “BRINCADEIRAS DE RUA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Vivências e Inclusão”

A expectativa é que este produto educacional contribua para a inspiração de professores para construírem suas práticas pedagógicas na Educação Infantil, ou mesmo em outros níveis de ensino.

Realização
unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

 **Docência para
Educação Básica**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Faculdade de Ciências - Câmpus de Bauru

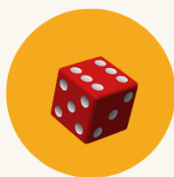
Eliziane Cristina Pereira Valentim Ferreira
Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger



Contém no jogo



1 Tabuleiro



1 Dado



4 Pinos
Coloridos



5 Envelopes
com Cartões

OBJETIVO DO JOGO



Trilhar o caminho em busca de brincadeiras de rua e conhecimentos acerca do universo da inclusão.

IDADE RECOMENDADA



A partir dos 3 anos de idade com auxílio de um adulto

NÚMERO DE JOGADORES



Em turma ou mínimo de 4 jogadores



Como Jogar

Se o jogo for acontecer em turma escolha 1 pino para percorrer a trilha.

Se jogar individualmente cada 1 escolhe seu pino.

Após a escolha jogue o dado para ver o número correspondente de "casas" que irá andar.

Por exemplo: joguei o dado e parou no 4, você andará 4 casas e seguirá as informações correspondente a essa "casa" e assim sucessivamente vai avançando no jogo até chegar ao final.

Informações correspondente ao número das casas

1- ENVELOPE AMARELO

PEGUE UM CARTÃO E VEJA QUAL É A PALAVRA.

2-ENVELOPE LARANJA

QUE TAL DESCOBRIR AS CARACTERISTICAS DESSA DEFICIÊNCIA.

3- ENVELOPE AZUL

AGORA SORTEI UMA BRINCADEIRA E SE DIVIRTA.

4- ENVELOPE ROSA PINK

VOCÊ JÁ VIU ESSE SIMBOLO EM ALGUM LOCAL?

5- ENVELOPE AMARELO

ESSA PALAVRA É NOVA PARA VOCÊ?



6- AVANCE 1 CASA.

7- ENVELOPE ROSA CLARO
DESCUBRA QUAL É A MODALIDADE ESPORTIVA.

8- ENVELOPE ROSA PINK
DEPOIS DE VER O SÍMBOLO SABE IDENTIFICAR DO QUE SE TRATA?

9- ENVELOPE LARANJA
NA ESCOLA TEM ALGUÉM COM ALGUMA DEFICIÊNCIA?

10- ENVELOPE AMARELO
QUAL É A PALAVRA? JÁ CONHECIA?

11- ENVELOPE AZUL
ESSA BRINCADEIRA CONTRIBUI PARA INCLUIR CRIANÇAS DEFICIENTES?

12- PULE PARA A CASA 15.

13- ENVELOPE ROSA CLARO
ESSE ESPORTE É INDIVIDUAL OU COLETIVO?

14- ENVELOPE AMARELO
ESSE CONCEITO É BOM OU RUIM?

15- ENVELOPE AMARELO
O QUE SIGNIFICA ESSA PALAVRA?

16- ENVELOPE LARANJA
VOCÊ CONHECE ALGUÉM COM ESSA DEFICIÊNCIA?



17- JOGUE NOVAMENTE O DADO, MAS ANTES ANDE ALGUNS SEGUNDOS DE OLHOS FECHADOS E DIGA O QUE VOCÊ SENTIU COM ESSA EXPERIÊNCIA.

18- ENVELOPE AMARELO
QUAL É A NOVA PALAVRA?

19- ENVELOPE AZUL
VAMOS BRINCAR?

20- COMO CONVERSAR COM UMA PESSOA SURDA?

21- ENVELOPE LARANJA
VOCÊ SABE O QUE É ESSA DEFICIÊNCIA?

22- ENVELOPE AMARELO
DESCUBRA O QUE ESSA PALAVRA SIGNIFICA.

23- ENVELOPE AZUL
JÁ OUVIU FALAR DESSA BRINCADEIRA?

24- VOLTE 1 CASA.

25- ENVELOPE AMARELO
JÁ OUVIU ESSA PALAVRA?

26- ENVELOPE ROSA CLARO
VAMOS CONHECER ESSE ESPORTE?



27- JOGUE NOVAMENTE O DADO, MAS ANTES TENHA SE LOCOMOVER COM APENAS 1 PÉ NO CHÃO E DIGA O QUE VOCÊ SENTIU COM ESSA EXPERIÊNCIA.

28- ENVELOPE AZUL

CONHECE OUTRA FORMA DE BRINCAR ESSA BRINCADEIRA?

29- VÁ PARA A PRÓXIMA CASA.

30- ENVELOPE ROSA CLARO

QUAL A DEFICIÊNCIA DE QUEM PRATICA ESSE ESPORTE?

31- ENVELOPE AMARELO

PEGUE 1 CARTÃO E VEJA O QUE DIZ.

32- ENVELOPE ROSA PINK

SEM VER O NOME SABE IDENTIFICAR QUAL É A DEFICIÊNCIA QUE SE REFERE?

33- ENVELOPE ROSA CLARO

JÁ CONHECIA ESSA MODALIDADE?

34- ENVELOPE AMARELO

JÁ OUVIU ALGUÉM FALANDO ISSO?

BOM JOGO

TJT

DIVERSÃO E INCLUSÃO



TABULEIRO DE JOGOS TRADICIONAIS



NO ENVELOPE CORRESPONDENTE AS **BRINCADEIRAS DE RUA** CONSTARÁ COMO
BRINCAR DE:

CABRA CEGA
MÃE DA RUA
PEGA PEGA QUEIMOU
PULAR CORDA
PULAR ELÁSTICO



NO ENVELOPE CORRESPONDENTE AS **DEFICIÊNCIAS** CONSTARÁ INFORMAÇÕES
SOBRE:

DEFICIÊNCIA AUDITIVA
DEFICIÊNCIA FÍSICA
DEFICIÊNCIA INTELCTUAL
DEFICIÊNCIA VISUAL



NO ENVELOPE CORRESPONDENTE A **CONCEITO** CONSTARÁ SIGNIFICADO DE:

DEFICIÊNCIA INCLUSÃO ACESSIBILIDADE GENTILEZA RESPEITO
SOLIDARIEDADE COOPERAÇÃO PRECONCEITO EMPATIA



NO ENVELOPE CORRESPONDENTE A ESPORTES ADAPTADOS CONSTARÁ
INFORMAÇÕES SOBRE:

ATLETISMO

BASQUETE DE CADEIRA DE RODAS

FUTEBOL DE CEGOS

GOALBALL

JUDÔ

NATAÇÃO

TÊNIS DE MESA



NO ENVELOPE CORRESPONDENTE A SÍMBOLOS CONSTARÁ AS SEGUINTE
IMAGENS:



REFERÊNCIA

Banco de fotos. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/>. Acesso em: 05 jul. 2022.

Comitê Paralímpico Brasileiro. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/>. Acesso em: 05 jul. 2022.

Galeria virtual. Comitê Paralímpico Brasileiro. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/cpboficial/albums>. Acesso em: 06 jul. 2022.

Guia de Rodas. Você sabe quais são os Símbolos de Acessibilidade e para que servem?. Disponível em: <https://guiaderodas.com/voce-sabe-quais-sao-os-simbolos-de-acessibilidade-e-para-que-servem/>. Acesso em 02 jul. 2022.

KLISYS, A. Quer jogar? Edições Sesc SP; 1ª edição, 2015. E-book.

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E VÍDEO (PARA PAIS E/OU RESPONSÁVEIS)

Seu filho (a) esta sendo convidado a participar do trabalho intitulado BRINCADEIRAS DE RUA COMO PRÁTICAS EDUCATIVAS E INCLUSIVAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL. O objetivo da pesquisa é contribuir com novas abordagens em relação às práticas educativas inclusivas por intermédio das Brincadeiras de rua, contribuindo com o resgate histórico e fomentando a inclusão na Educação Infantil. Como resultado da pesquisa será feito um vídeo contendo exemplos de vivências das brincadeiras de rua na escola. As filmagens durante as aulas na escola farão parte deste vídeo educacional, portanto a imagem do seu/sua filho (a) estará no vídeo. Se ele (a) sentir qualquer desconforto ou tiver alguma dúvida sobre a pesquisa, vocês poderão procurar a professora/pesquisadora Eliziane Cristina Pereira Valentim Ferreira, sob a orientação da Profa. Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger pessoalmente ou pelo telefone (14) 997235049. Qualquer problema entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, Faculdade de Ciências, UNESP-Bauru; Coordenador: Prof. Dr. Mário Lázaro Camargo; Fone: (14) 3103-9400; E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br, Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01; Bairro: Vargem Limpa; 17033-360-Bauru/SP; Telefone: (14) 3103-6000; Fax: (14) 3103-6000.

Deste modo, eu _____,
CPF: _____, RG: _____, residente e domiciliado (a)
à Av/Rua _____
Cidade: _____ AUTORIZO, através do presente termo, a utilização
da imagem do meu/minha filho (a) _____ nesta
pesquisa e tenho ciência de que a imagem pode ser utilizada para fins científicos e
de estudos (tese, livros, artigos, reuniões científicas, slides e vídeos), em favor dos
pesquisadores da pesquisa acima especificados, sem quaisquer ônus financeiro a
nenhuma das partes.

Assinatura dos pais e/ou responsáveis do(a) participante

Assinatura da professora/pesquisadora

Cerqueira César, ____ de _____ de 20____.

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para professores e funcionários

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Resolução n° 466/2012 e 510/2016 – Conselho Nacional de Saúde

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **BRINCADEIRAS DE RUA COMO PRÁTICAS EDUCATIVAS E INCLUSIVAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL**. Sua participação consiste em se deixar entrevistar e gravar o áudio da entrevista sobre sua prática profissional. Em nenhum momento você será identificado(a). Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto ou ganho financeiro por participar da pesquisa e sua participação apresenta riscos mínimos associados a possíveis desconfortos aos assuntos abordados na pesquisa. Caso isso ocorra, você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento, bem como recusar-se a responder uma questão específica. Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar em qualquer momento. O motivo que nos leva a realizar tal pesquisa parte do seguinte problema: trata-se de analisar se e como professores escolares lidam e propiciam a inclusão de crianças deficientes por intermédio das brincadeiras de rua na Educação Infantil. Questiono: Professores Escolares desconsideram a inclusão de crianças deficientes por intermédio das brincadeiras de rua? Professores Escolares atuam plenamente com as brincadeiras de rua como princípio de inclusão? O Sistema Escolar não propicia a inclusão? A pesquisa tem por objetivos: a) Identificar crianças com deficiências; b) Evidenciar se e como Professores atuam com: inclusão, crianças deficientes e brincadeiras de rua; c) Produzir um vídeo educacional voltado ao ensino aprendizagem de Brincadeiras de rua, a fim de propagar essas vivências lúdicas no contexto educacional. Traz como benefício novas abordagens em relação às práticas educativas inclusivas por intermédio das Brincadeiras de rua, contribuindo com o resgate histórico e fomentando a inclusão na Educação Infantil. Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. A participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios. O pesquisador tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Deste modo, tendo total conhecimento do exposto neste termo, eu (Nome completo), _____, me comprometo

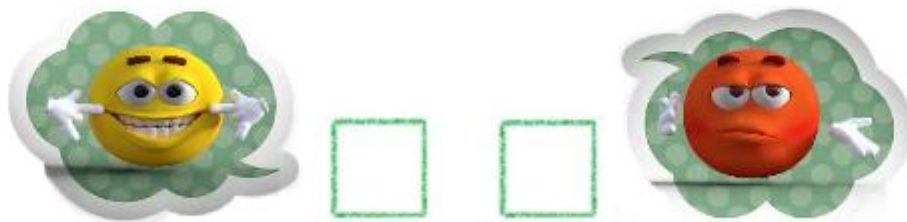
a participar como voluntário(a) da referida investigação de autoria e execução da Profa. Mestranda Eliziane Cristina Pereira Valentim Ferreira, sob orientação da Profa. Dra. Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger, junto ao Programa de Pós-graduação em Docência para Educação Básica, curso de Mestrado Profissional UNESP/Bauru. Concordo que os resultados da referida pesquisa sejam divulgados, uma vez que a identidade dos envolvidos será preservada. Os dados da investigação ficarão guardados em local seguro como forma de garantir o que é firmado no termo em questão.

Qualquer problema entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, Faculdade de Ciências, UNESP/Bauru; Coordenador: Prof. Dr. Mário Lázaro Camargo; Fone: (14) 3103-9400; E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br, Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01; Bairro: Vargem Limpa; 17033-360-Bauru-SP; Telefone: (14) 3103-6000; Fax: (14) 3103-6000.

Assinatura do(a) participante da pesquisa

Cerqueira César, ____ de _____ de 20 ____.

Profa. Mestranda Eliziane Cristina Pereira Valentim Ferreira
e-mail: eliziane.ferreira@unesp.br
Tel: (14) 997235049

APÊNDICE D - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PARA CRIANÇAS EDUCAÇÃO INFANTIL)**

Nome: _____

Cerqueira César, ____ de _____ de 20__

APÊNDICE E - Questionário entrevista das crianças**VOCÊ BRINCAVA NA RUA QUANDO ERA CRIANÇA?**

SE SIM, QUAIS BRINCADEIRAS?

COM QUEM BRINCAVA?

ALGUÉM TINHA ALGUMA DEFICIÊNCIA, LIMITAÇÕES? QUAIS?



SE NÃO, O POR QUÊ?

ENTREVISTADO:

APÊNDICE F - Formulário do Google para os pais

19/05/2022 07:06

Pesquisa Brincadeiras de Rua

Pesquisa Brincadeiras de Rua

Através da sua resposta vamos averiguar aspectos da infância desta geração.

***Obrigatório**

1. Nome do seu filho (a): *

2. Seu filho (a) brinca na rua? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim *Pular para a pergunta 3*

☐ Não *Pular para a pergunta 7*

3. Com que frequência? *

4. Com quem brinca? *

5. Quais brincadeiras? *

19/05/2022 07:06

Pesquisa Brincadeiras de Rua

6. Alguém tem alguma deficiência/ limitação? Qual? *

Pular para a pergunta 8

7. Por quê? *

8. Quais das opções abaixo seu filho (a) utiliza ? *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Televisão
- ☐ Computador/ Notebook
- ☐ Tablet
- ☐ Celular
- ☐ Não faz uso de telas

9. Com que frequência?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Regularmente
- ☐ Raramente
- ☐ Nunca

19/05/2022 07:06

Pesquisa Brincadeiras de Rua

10. Seu filho (a) tem acesso à internet? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim *Pular para a pergunta 11*

☐ Não *Pular para a pergunta 13*

11. O que seu filho (a) gosta de acessar? *

12. Ele (a) acessa: *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sozinho (a)

☐ Acompanhado (a)

13. Quais canais, desenhos e/ ou filmes seu filho (a) gosta de assistir? *

19/05/2022 07:06

Pesquisa Brincadeiras de Rua

14. Quais são as brincadeiras e/ ou brinquedos favoritos do seu filho (a)? *

15. O que seu filho (a) gosta de fazer no tempo livre? *

16. Seu filho (a) tem alguma das dificuldades abaixo: *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Visual
☐ Auditiva
☐ Motora
☐ Intelectual
☐ Nenhuma

17. Seu filho (a) fez ou faz algum tratamento de saúde? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim *Pular para a pergunta 18*
☐ Não *Pular para a pergunta 19*

19/05/2022 07:06

Pesquisa Brincadeiras de Rua

18. Qual tratamento? *

19. Algo que você gostaria de relatar? *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google

Formulários

APÊNDICE G - Roteiro da Entrevista



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



ROTEIRO DA ENTREVISTA - PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Data: Tempo de Entrevista:

Nome:

Idade:

Formação Profissional

Curso:

Local de Formação:

Ano em que se formou:

Pós – Graduação:

Tempo de atuação nesta Rede Municipal:

Tempo de atuação nesta Escola:

- 1- Sobre a inclusão de crianças deficientes ocorre nessa unidade escolar? Justifique sua resposta.
- 2- Você já atuou com esse público? Se sim, como foi a experiência? Se não, você se sente capacitado?
- 3- Como as crianças lidam com o processo de inclusão?
- 4- Você acha importante desenvolver essa temática com as crianças?
- 5- Sobre as brincadeiras de rua, qual você tem conhecimento?
- 6- Você utiliza as brincadeiras de rua como conteúdo educacional?
- 7- Para você, as brincadeiras de rua podem contribuir com o processo de inclusão no ambiente escolar?

APÊNDICE H - Transcrições das entrevistas Professores de Educação Infantil

Entrevista 1

Data: 09/11/2021

Tempo de Entrevista: 09'10"

Nome: Maria Carolina **Idade:** 49 anos

Formação Profissional

Curso: Pedagogia

Local de Formação: Fasesp

Ano em que se formou: 2012

Pós – Graduação: Educação Infantil / Educação Especial / Alfabetização e Letramento

Tempo de atuação nesta Rede Municipal: 8 anos

Tempo de atuação nesta Escola: 7 anos

Pesquisadora: Sobre a inclusão das crianças com deficiência ocorre nesta unidade escolar? Justifique a sua resposta?

Maria Carolina: Pouco bem pouco né, ocorre sim pouco, mas a gente, por mais que você faça pós a realidade é outra falta né, então, mas ocorre aqui sim só que o recurso é pouco, falta recursos pra gente receber essas crianças. Assim como estrutura né, a gente dá um jeito né, mas assim como lidar com eles, uma pessoa para auxiliar que não tem como ficar com uma criança de inclusão sozinha na sala com os outros, então isso aí eu creio que é difícil, pra mim é difícil, não tenho medo de pegar, pegaria sabe assim de boa, mas eu ficaria com receio, porque por isso entendeu por não ter um auxiliar ou alguém para ajudar.

Pesquisadora: Você já atuou com esse público? Se sim, como foi a experiência? Se não, você se sente capacitada?

Maria Carolina: Não com laudo não. Assim a gente não pode, a gente não tem formação específica pra tar né falando a criança tem esse problema o que não tem, mas a gente um pouco da pós né, mas eu acredito que se eu pegasse as minhas, os meus estudos daria sim, só que tem que estudar mais né, porque a pós é muito rápida assim a gente fez mais por distância também né, EAD então eu creio que teria que estudar mais a fundo.

Pesquisadora: Você acha que a teoria é uma coisa e a prática é outra?

Maria Carolina: Totalmente diferente, totalmente. Porque cada criança é única, cada problema é único, pra você saber tudo, não tinha não ia ter como, é difícil.

Pesquisadora: Como as crianças lidam com esse processo de inclusão? Como você enxerga isso?

Maria Carolina: Aqui na escola? Super de boa. Super eles aceitam, eles ajudam. Uma gracinha, eu não vejo nada, que eles assim não aceitem ou rejeite alguma coisa. Acho que eles aceitam de boa.

Pesquisadora: Você acha importante desenvolver essa temática com as crianças?

Maria Carolina: Sobre? Ah muito. Eu acho, não com esse nome né, não sei, acho que eles não iriam entender, mas conversar sim sobre as diferenças a gente já faz isso né. Eu acho essencial falar isso pra crianças, por conta disso né, pela demanda né, que pode vir acontecer. Não tem muito aqui, mas tem alguns casos, então ele tem que estar ciente disso né, de cuidado mesmo de amor né, tem que passar isso para eles.

Pesquisadora: Sobre as brincadeiras de rua, qual você tem conhecimento? Pensá lá um pouquinho na sua infância, nas suas formações.

Maria Carolina: Mãe da rua, é pique esconde né. Elástico que a gente brincava bastante na rua, amarelinha, pega pega. Pique latinha que joga bola assim, também já brinquei bastante, queimada, que eu me lembre assim.

Pesquisadora: Você utiliza as brincadeiras de rua como conteúdo educacional?

Maria Carolina: Alguma coisa sim, o que dá a gente fala né, porque é bom a gente ter tido esse contato pra poder falar com mais propriedade pra eles né, com sentimento, pra passar pra eles, eu sim trabalho.

Pesquisadora: Eles tem um momento também para brincar depois essas brincadeiras ou fica só mesmo na informação?

Maria Carolina: Ah fica mais na informação, porque acho que pelo espaço né, acho que não tem espaço pra você brincar de mãe da rua aqui, pique latinha. Eu acho que o espaço deixa um pouquinho né a desejar, brincar essas coisas.

Pesquisadora: Para você, as brincadeiras de rua podem contribuir com o processo de inclusão no ambiente escolar?

Maria Carolina: Acredito que sim. De inclusão?

Pesquisadora: De inclusão. Igual como ela pode estar contribuindo com a inclusão. O que você acha? Vamos pensar que a gente tem um aluno aqui com algum tipo de deficiência.

Maria Carolina: Ah, eu acho meio difícil dependendo da deficiência. Que nem... pode citar nome? O [...] tinha o [...] né? Tem coisa que não dá pra ele brincar de pega pega, claro que ele se envolvia assim a gente via né, que ele se envolvia, mas eu creio que eu ficaria com receio, de cair, se machucar né, porque eles têm uma certa assim, até onde eles podem ir né, então muita criança a hora que eles começam a ferver, apesar que ele ia de boa né, dificilmente ele caia, mas a deficiência dele era bastante né, no motor então eu acho que ficaria um pouco com medo com receio, por conta disso de ele se machucar, mas alguma coisa dá sim, um pega pega, um pique esconde, eu acho que dá propor algumas coisas dá sim pra incluir eles. Acho que é isso né, que você queria saber?

Pesquisadora: Isso, isso.

Maria Carolina: Acho que dá sim.

Pesquisadora: Do que eu não falei você sente alguma coisa que eu não perguntei e que você gostaria de falar sobre inclusão, pode ficar a vontade.

Maria Carolina: Acredito que é isso aí mesmo né, a gente tem um certo receio um pouco de medo. De... tá lidando né com a situação, porque cada um é um, cada deficiência é uma, acredito que teria que ter alguém para nos auxiliar principalmente na sala assim né, aqui fora ainda tem né, aqui fora na escola tem, mas dentro mesmo da sala que a atenção é maior é mais voltada pra eles, mas o pouco que a gente tem, eu acredito, eu tenho receio, mas acho que eu pegaria sim, não acharia (som). Acho que dava pra encarar sim que até a gente tem que conhecer né, preciso conhecer a criança o jeitinho né, porque eu não vejo problema nenhum, porque sempre passei nas salas deles né, eu não vi problema nenhum, é que a gente precisa estudar mais, estar buscando mais conhecimento né pra lidar com as situações, mas acho que daria sim, pra gente. Eu acho que eu faria, eu gostaria até sabe de poder, apesar desse receio, mas acho que hoje tem tanta pesquisa né a gente busca, google a gente vai atrás.

Pesquisadora: É uma forma de estar aí encarando uma realidade e descobrindo

Maria Carolina: Sim, porque se a gente ficar com esse receio e deixar aflorar, coitadinho deles né, não vai querer, ninguém quer. Então mas eu não tenho medo, tenho receio assim claro acho que normal pra todo mundo né, mas eu ia buscar, eu ia buscar aprender.

Pesquisadora: Muito bom, obrigada tia [...]

Maria Carolina: Imagina

Entrevista 2

Data: 09/11/2021

Tempo de Entrevista: 14'25"

Nome: Raissa **Idade:** 59 anos

Formação Profissional

Curso: Magistério / Pedagogia

Local de Formação: Avaré

Ano em que se formou: 2008

Pós – Graduação: Psicopedagogia Institucional / Deficiência Intelectual

Tempo de atuação nesta Rede Municipal: 9 anos

Tempo de atuação nesta Escola: 9 anos

Pesquisadora: Sobre a inclusão das crianças com deficiência você acha que ocorre nesta unidade escolar? Justifica pra mim o que você acha?

Raissa: Nessa aqui assim, as crianças é já tive uma aluna né, que foi a [...] né. Eu sinto que foi se não ocorreu da forma que ela merecia vamos dizer assim né, mas eu acho que foi feito sim o que é possível, é porque dentro da sala de aula a gente inclusive as crianças ajudava né a professora também quando ela precisa, e fora né o trabalho de educação física foi feito né Eliziane, aquele trabalho de o projeto né que você fez , então eu acho que nossa escola trata sim com carinho as crianças com deficiência né , que necessitam das necessidades especiais pode ser que nós não acertamos 100% né de repente poderia, mas eu acho que daí talvez seja porque a gente precisava né não sei de um tempo maior sei lá, eu acho eu sinto que foi possível pra ajudar a gente né para incluir acho que foi feito bastante coisa eu lembro até do aparelhinho né que você ajudou a montar né Eliziane o “andador” né acho que foi feito com carinho bastante o máximo né do que dava pra gente.

Pesquisadora: Ali dentro das nossas possibilidades.

Raissa: Dentro das, isso dentro das nossas possibilidades

Pesquisadora: E você já atuou com esse público né? E como foi essa experiência?

Raissa: Olha a [...] com a [...] já foi um pouco mais tranquilo, porque como eu trabalho lá também na outra escola eu tive aluna já cadeirante, como assim... com... parte de mobilidade assim bem severa mesmo né, que não conseguia nem os bracinhos assim. Então foi, é uma vivência assim olha, eu mesmo fazendo a pós graduação pra ver se né, se eu agregava mais alguma coisa de conhecimento para eu poder trabalhar com essas crianças, eu acho que o que mais a gente consegue quando a gente trabalha com o coração mesmo, se fosse a minha filha, se fosse o meu filho o que que eu gostaria que ele né, de que forma que eu gostaria que eles tivessem sendo atendidos né, então eu acho assim que inclusão ainda tem muito, eu tenho muito que aprender mas do que eu busquei até agora também não encontrei assim muita coisa a mais do que a gente já né participa com as crianças, então eu ainda se tem mais coisas para aprender eu ainda preciso pesquisar, mas do que eu aprendi na pós graduação no dia a dia assim é que a gente trabalhando com o coração sabe, porque essa criança ela ensina muito pra gente né? Que a gente reclama às vezes a toa então eu aprendi muito com meus alunos nesse sentido de deixar de reclamar sabe? E fazer para eles o melhor e fazendo com o coração eu acho que a gente não deixa a desejar, porque eles eram felizes na sala de aula, então pra mim a experiência assim foi muito boa, mas não vou negar que no começo do ano a gente olha e fala meu Deus será que eu vou dar conta? como é que vou fazer né, porque a minha primeira aluna lá na outra escola que era assim severa ela não conseguia, ela não tinha nem o pegar, eu não sabia porque eu dava o caderninho para os outros e ela ficava desesperada, daí eu pensava como é que eu vou trabalhar com essa criança né, daí esperamos os especialistas né da educação especial vieram visitar a escola né e dar algumas dicas mais ainda fica faltando muita coisa porque você tá ali né o ano todo né um período com aquela criança então, não foi fácil no começo, mas hoje já estou tranquila eu recebo tranquilo as crianças. Não é difícil? Não sei, é coração mesmo Eliziane. Não sei se estou conseguindo responder o que você tá , estou falando por mim, mas eu já tive várias crianças né com diversas necessidades, então mas assim todas elas eu acho que consegui colocar alguma coisinha né de que eles tivessem se sentido acolhidos dentro da sala de aula.

Pesquisadora: Como você acha que as crianças lidam com esse processo de inclusão?

Raissa: Nossa as crianças são super tranquilas quanto a isso. Elas dão assim, é como se... o exemplo assim pra gente, sabe é fantástico eu acho, que as crianças são fantásticas para incluir esses amiguinhos. São coisas assim que a gente aprende com elas, porque é tudo tão natural, tudo tão tranquilo que a gente fica meu Deus eu preocupada em conversar com o grupo antes daquela criança chegar, explicar que aquela criança tem algumas necessidades diferentes, mas eles são super tranquilos quanto a isso. Inclusive assim ideias que eles dão que a gente às vezes na hora da interação assim coisas que às vezes o professor ficou semana toda pensando, às vezes um amiguinho consegue agir de uma forma. Aconteceu isso comigo, da criança querer brincar eu não sabia como colocar aquela criança brincar, mas daí eles vem acolhem e brincam e faz aquela criança feliz .. você fica olhando e fala meu Deus né, aprendendo com as crianças.

Pesquisadora: Você acha importante desenvolver essa temática com as crianças?

Raissa: Sim né, é importante sim. Importante. Eu acho que, é apesar deles serem tão naturais assim né, mas eu acho que pra que eles compreendam né, que só as vezes, pra contextualizar mesmo, pra falar do assunto né, tem livrinhos de história que a gente lê né, para depois poder trabalhar com o assunto acho sim importante, necessário né.

Pesquisadora: Sobre as brincadeiras de rua, qual você tem conhecimento? Pode ser lá da sua infância, pode ser aqui do seu trabalho que você desenvolve.

Raissa: Assim da minha infância, como a gente não tinha assim muito brinquedo, era mais pega pega, esconde esconde, brincadeiras com bola inclusive as bolas de meias né, restos e sobras de meias que já não davam mais. Que mais... amarelinha e também a bolinha de gude, eu sempre amei a bolinha de gude, inclusive na escola mesmo antes de eu entrar pra escola a gente brincava muito de bolinha de gude esperando né abrir o portão da escola, essas coisas. Fazia aquelas covinhas e chamava de picova, não sei se isso era o nome. Era mais isso bola, bolinha e a gente não tinha muito disponível brinquedos né, bicicleta por exemplo eu amava mas a gente não tinha acesso. Mas brincar na areia né a gente brincava muito né fazer forminha, cobrir as formas, as pernas, essas coisas de escrever na areia, desenhar na areia. Tempo bom hein, saudade (risos).

Pesquisadora: Você utiliza essas brincadeiras mais especificamente de rua como conteúdo das suas aulas?

Raissa: Olha sempre assim quando tem o assunto né de brincadeiras preferidas nas atividades, eles são muito curiosos pra saber a nossa né, a preferida do professor. Então daí eu já aproveito e comento com eles né, que a minha preferida era bola, e era bola atirada na parede né, eu atirava a bola na parede e não podia deixar a bola cair, era a minha preferida. Então daí eu comento com eles e é uma brincadeira que dá pra fazer com eles, até dentro da sala as vezes né, dependendo do tamanho de atirar a bolinha na parede e segurar com as mãos eles gostam bastante ,mas é mais essa, amarelinha né. Agora o esconde esconde na escola eu nunca tive espaço assim que eu acho inseguro né, porque já é limitado. É mais com bola mesmo, bolinha ao

cesto assim que eu comento com eles que a gente brincava, era tudo que era bola sempre foi a minha paixão até hoje eu acho, adoro as brincadeiras de bola com eles eu acho que acabo passando isso para eles né, direcionando mais nas bolas, acho mais possível nos nossos espaços, agora esconde esconde, a de areia né a nossa escola tem aqui o parquinho e a gente brinca e brincava também na areia. Acho que é só que dá pra.

Pesquisadora: Para você as brincadeiras de rua elas podem contribuir ali com o processo de inclusão aqui no ambiente escolar?

Raissa: Ah eu acho que pode sim, porque toda brincadeira é muito...eles aprendem brincando né, nessa idade, no lúdico eu acho que dá pra incluir sim. Né, que nem essas umas que eu falei mesmo de bola ,que nem essas que eu vivenciei eu acho né, adaptado às vezes mas acho possível sim. Acho que dá pra incluir sim

Pesquisadora: Tem alguma coisa que eu não abordei, mas você tenha vontade de falar em relação à inclusão? Pode ficar à vontade.

Raissa: Eu só penso assim, como que eu tava falando né de trabalhar com o coração, não que...só colocando assim um fechamento, que eu não sei se eu fui clara. No coração que eu falo não que algum professor ou alguém não trabalhe com o coração, não é isso. Mas é colocar o coração assim para perceber se aquela criança está feliz naquele grupo, na hora daquela atividade é nesse sentido, sabe, de perceber. Então se eles estão feliz, tão compreendendo, tão conseguindo fazer alguma coisa, que o olhinho brilha é nesse sentido que quando as vezes se a gente não colocar o coração para perceber se a criança está feliz, não está sendo incluso na minha opinião, é nesse sentido, só pra eu dar, eu não sou muito boa.

Pesquisadora: Tá ótimo. É a sua experiência.

Raissa: É sim.

Entrevista 3

Data: 09/11/2021 **Tempo de Entrevista:** 03'52"

Nome: Silvânia **Idade:** 36 anos

Formação Profissional

Curso: Pedagogia **Local de Formação:** Avaré - SP

Ano em que se formou: 2007

Pós – Graduação: Educação Especial

Tempo de atuação nesta Rede Municipal: 5 anos

Tempo de atuação nesta Escola: 2 meses

Pesquisadora: Sobre a inclusão de crianças com deficiência, mesmo que seja pouco tempo que você está aqui, você acha que ocorre nessa escola? E Justifique?

Silvânia: Hum! Eu não vi nenhuma criança com deficiência ainda nessa escola ,mas eu acredito que ocorra a inclusão sim.

Pesquisadora: Você já atuou com esse público? Se sim, como que foi essa experiência? Se não, você se sente capacitada?

Silvânia: Ainda não atuei. É... eu acho que na verdade é, a gente aprende na prática né a, pra saber se eu vou saber, é trabalhar com essa criança ou não né, é difícil falar se eu vou conseguir ou não é que nem dar aula você na faculdade você aprende na teoria mas quando você vai ver na prática é diferente né, você aprende na prática , então não posso te responder porque ainda não atuei com esse público.

Pesquisadora: Mas ali diante né do seu preparo que você já buscou uma pós disso você se sente capaz?

Silvânia: Sim, me sinto capacitada. (Fez algumas afirmações durante a pergunta)

Pesquisadora: E como você acha que as crianças elas lidam com esse processo de inclusão?

Silvânia: Eu acho que pra criança é mais fácil né, porque a criança ela ainda é inocente, acho que existe mais preconceito de um deficiente do adulto do que da criança , pra criança ela vai ser igual a elas mesmo tendo alguma ...limitação né eu acho que as crianças acolhem sim, crianças com deficiências eu não sei acredito que sim.

Pesquisadora: E você acha que é importante desenvolver essa temática com elas?

Silvânia: Eu acredito que sim é importante ainda mais quando você tem na sala de aula um né.

Pesquisadora: Sobre as brincadeiras de rua, qual você tem conhecimento?

Silvânia: Esconde esconde, bugalha (cinco marias) de pega pega... essas.

Pesquisadora: Você utiliza as brincadeiras como conteúdo?

Silvânia: Não, não utilizo. Porque as brincadeiras já são mais direcionadas são jogos simbólicos, é peças de encaixe, não utilizo brincadeiras de rua e também porque a brincadeira de rua você tem que ter um espaço físico né pra levar as crianças e nem sempre você tem, às vezes tem mas já tá tendo aula de educação física né, então a gente não tem esse espaço físico.

Pesquisadora: Para você essas brincadeiras elas podem contribuir aqui com o processo de inclusão na escola?

Silvânia: Sim, porque a interação das, onde ocorre a interação das crianças na brincadeira né, por isso é importante.

Pesquisadora: Quer falar alguma coisa em relação a esse tema?

Silvânia: Não

Pesquisadora: Então tá joia, muito obrigada viu.

Silvânia: De nada.

Entrevista 4

Data: 09/11/2021 **Tempo de Entrevista:** 07'51"

Nome: Beth **Idade:** 34 anos

Formação Profissional

Curso:Pedagogia **Local de Formação:** Frea - Avaré

Ano em que se formou: 2006

Pós – Graduação: Psicopedagogia

Tempo de atuação nesta Rede Municipal: 7 anos

Tempo de atuação nesta Escola:

Pesquisadora: Sobre a inclusão de crianças com deficiência, você acha que ocorre nesta unidade escolar? Daí justificar.

Beth: Acredito que sim dentro do possível né, é sempre que teve alguma criança com alguma dificuldade foi tentado ao máximo né que ele conseguisse participar de todas as atividade nunca, até hoje eu não vi nenhuma criança que tivesse tido alguma dificuldade que não participou de alguma aula dos especialista ou junto com os coleguinhas sempre foi possível.

Pesquisadora: Você já atuou com esse público? Se sim, como foi essa experiência? Se não, você se sente capacitada?

Beth: Olha diretamente assim ter um aluno, é.. com algum... especial não não trabalhei diretamente acompanhei mais o trabalho né dos professores, não não tive essa experiência. É dá um pouquinho de frio na barriga porque a gente não, é o que você tá é uma coisa nova vamos dizer assim, apesar de já tar um tempo ai falando de inclusão mas ele é novo e nem sempre você tem um suporte, dependendo do que a criança tem você não tem aquele suporte ali na escola de profissional com mais experiência né, então é aquela busca né então é somente vivendo pra (risos) pra saber pra conseguir saber.

Pesquisadora: Mas você se sente capacitada, você acha?

Beth: Ah eu acredito que né dependendo, é o que eu to falando depende do que a criança tenha né, é eu eu substitui numa sala com autista por exemplo, ele geralmente é uma criança que você consegue dependendo do grau do autismo você consegue normalmente ele me aceitou na sala assim não tive problema dei a aula sabe, então dependendo do que tenha eu acredito que é possível sim dá pra, dá pra dar aula sim.

Pesquisadora: E como as crianças lidam com esse processo?

Beth: Fala as crianças?

Pesquisadora: Os amigos né, os colegas...as crianças da escola como que você acha que elas lidam?

Beth: Olha... eu não vi nenhum... não não eram meus alunos né, mais eu acho que as crianças pelo contrário sempre queriam ajudar né, eles tem um um que de ajudar aquele amigo de ajudar as crianças levam de boa, apesar porque tem que ter esse trabalho o professor já avisa, já explica o que o amigo vai precisar o que eles podem ajudar o que não né, aqui na escola pelo o que eu vi aqui não tivemos problema com os amigos com as outras crianças eles aceitavam e sempre incluíam e entendiam, as vezes a atividade tinha que ser adaptada né pro coleguinha poder participar e eles também participar.

Pesquisadora: E você acha que é importante desenvolver essa temática com as crianças?

Beth: Eu acho sim, até pra não criar preconceito, né porque quando você trabalha isso você mostra quando ele se depara com o coleguinha ou mesmo com o adulto que tem um problema ele não vai ser aquele “ai mas ele é diferente né”, não ele vai entender que tem uma dificuldade a mais, mas que dá pra brincar dá fazer as coisas normalmente né pode tratar a pessoa normalmente né eu acho muito interessante sim.

Pesquisadora: Sobre as brincadeiras de rua, qual você tem conhecimento?

Beth: Brincadeira de rua? ahhh da época da infância (risos) a gente ainda brincava na rua né. Ai gostava do bets, amarelinha, pular corda (risos) isso eu fiz muito (risos).

Pesquisadora: Alguma a mais que você lembre?

Beth: ah, bola né, em geral né, a gente inventava muita brincadeira com bola, esconde esconde, essas brincadeiras, pega pega e brinca na rua.

Pesquisadora: Você utiliza essas brincadeiras de rua como conteúdo educacional ali das suas aulas?

Beth: Olha esse ano mesmo pensando até por causa da pandemia eu usei a amarelinha, só que diferenciada como meus alunos não sabem números, eu fiz amarelinha com o pé para eles aprenderem o movimento de 1 e 2, porque por enquanto eles não sabiam número e fiz os números para eles pularem com saltinhos não dai com o movimento de 1 e 2 sempre pular com os dois pezinhos no mesmo quadrado intercalando que seria uma amarelinha adaptada e eu tenho feito isso dentro da sala, então no momento que eles param de às vezes ou até mesmo porque tá muito tempo sentado vamos vamos pular e agora eu acho bonitinho que eles chegam e às vezes eles vão pegar o lápis e pegar o caderno deles e eles vão pulando né, e eu tento ao máximo quando eu consigo por essas brincadeiras porque é o que, pra mim foi muito importante então eu acho importante passar para eles até porque as vezes na casa não tem essa vivência né, mundo tecnologia fica na tecnologia então o que eu consigo fazer com eles eu tento ao máximo ir incluindo essas brincadeiras.

Pesquisadora: Então você proporciona para eles?

Beth: Ah eu tento (risos)

Pesquisadora: Pra você as brincadeiras de rua, você acha que elas podem estar contribuindo com o processo de inclusão na escola?

Beth: Ah eu acredito que sim viu, porque é um momento assim, é de descoberta mesmo deles, de estar junto, de as vezes dependendo da brincadeira você precisa do outro né, e tudo que voce...voce pega um pega pega é toque né. é você correr atrás do amigo estar junto eu acho que contribui sim até pra você trazer esse laço de afinidade entre as crianças né, esse cuidado eu acredito que tudo dá pra ser adaptado né, acho que contribui sim.

Pesquisadora: Você tem alguma coisa que eu não abordei, mas que você tenha aí uma vontade de estar falando em relação à inclusão? Algum sentimento?

Beth: Ah..eu pensei inclusão ela é um projeto bom, eu acho que é uma coisa que tem que existir, mas que ainda falta muita estrutura e no geral assim não da nossa unidade, mas eu falo assim esse acompanhamento as vezes de eu ver a criança aqui mas pra quem que eu corro pedir, porque na nossa formação vamos dizer assim não teve esse passo a passo né, e às vezes você pega uma criança especial e você não tem pra onde correr né, então eu acho que falta um olhar assim , de ter mais recursos, mais especialistas, esse professor tá com tal aluno lá e ter alguém em que eu possa ter suporte né, isso é uma deficiência na nossa educação porque o projeto da inclusão é bom, porém ainda falta esse recurso, as vezes a criança é posta aqui e inclusão não acontece por não ter essa assistência por não ter é, se o professor também às vezes dependendo ali ta com muito aluno na sala nem todo lugar consegue fazer opa tem uma criança especial que eu tenho que diminuir a quantidade de aluno ou não, não tem esse olhar né, não digo em todos os lugares mas eu acho que ainda é uma deficiência da nossa educação teria que ser olhado com mais cautela vamos dizer assim né, daria para melhorar o trabalho de inclusão.

Pesquisadora: Obrigada tia [...].

Beth: Risos

Entrevista 5

Data: 09/11/2021

Tempo de Entrevista: 06'58"

Nome: Marivana **Idade:** 46 anos

Formação Profissional

Curso: Magistério/ Pedagogia

Local de Formação: Avaré

Ano em que se formou: -

Pós – Graduação: Psicopedagogia

Tempo de atuação nesta Rede Municipal: 26 anos

Tempo de atuação nesta Escola: 20 anos

Pesquisadora: Sobre a inclusão das crianças com deficiência você acha que ocorre aqui na escola? Justifique por favor?

Marivana: Eu acho que a gente não teve muitas crianças né, deficientes da inclusão. Mas acho que a inclusão que a gente teve foi mais motor, a parte motora eu acho que começou com os gêmeos que foi em [...], porque antes disso a gente não teve. Talvez porque? Porque antes era separado ia tudo pra APAE né, tinha qualquer deficiência, qualquer dificuldade as vezes até uma dificuldade mesmo, ia pra direto para APAE nem ficava né, não vinha pra rede regular. Então acho que começou acho que em 2017 mesmo com os gêmeos que começaram a vir [...] A gente não tava preparado né, pra questão do espaço físico, parte física que nós tivemos que fazer uma rampa né, mais motor. Depois veio a [...] que é motor, [...] motor né, acho que foi mais parte motora mesmo essa inclusão. Eu acho que é mais fácil quando Educação Infantil, porque as crianças eu falei que eu acho que eles, não sei senão, não tem aquele preconceito, não tem aquele rótulo ainda né, então algumas só que percebe né, o resto passa despercebido ou eles ajuda o amigo porque o amigo tá precisando de ajuda. Como o menino precisa de ajuda pra pintar, ele também precisa de ajuda pra andar e acho que ele caminha e a professora vai explicando né, acho que, mais ou menos por aí.

Pesquisadora: Aqui né, como você está à frente da gestão da escola você acha que seus professores são capacitados para estar atendendo as necessidades?

Marivana: Então a gente tá falando de parte motora que é mais fácil do que quando vai falar da parte intelectual né, mas eu acho que sim.

Pesquisadora: Você já atuou com esse público? Se sim, como foi a experiência? Se não, você se sente capacitada?

Marivana: Não não, nunca trabalhei com. Não sei, não se eu me sinto capacitada, nunca. Eu acho que a gente vai, eu acho que quando a gente tem um desafio desse a gente vai correr atrás né, então talvez eu não saiba o que faça hoje mas a gente vai procurar né, pesquisar, estudar pra poder fazer um trabalho bom.

Pesquisadora: Você já falou um pouquinho, mas como as crianças lidam com esse processo de inclusão? Como você vê isso?

Marivana: Então eu acho que nessa idade nessa fase de maternal que quando entra uma deficiência, um aluno ele já vai entrar lá no maternal, então 3 aninhos né já começa a conviver, a professora já vai orientando já vai falando né que o amigo precisa de uma ajuda aqui ou ali, eles vão seguindo. Depois seguem 1º etapa já estão acostumados que veio do maternal, segue pra 2ª eu acho que é mais tranquilo. Eu falei que é uma escola pequena né, que tem 160 alunos. Então uma escola pequena eu acho que é mais fácil né, eles todos se conhecem então todos se tratam pelo nome, então ele sabe que o amigo da sala tal precisa de ajuda e o maiorzinho vai lá e ajuda né, não tem problema.

Pesquisadora: Você acha importante desenvolver essa temática com as crianças?

Marivana: Acho que sim. Né porque depois eles vão, de pequeno já vai né, vai vendo já vai respeitando o amigo e levando isso pro fundamental e pra vida né, começar de pequeno.

Pesquisadora: Sobre as brincadeiras de rua, qual você tem conhecimento?

Marivana: Brincadeiras de rua que eu brincava?

Pesquisadora: Que você tem conhecimento, às vezes até que você não brincou mas que você conhece.

Marivana: Queimada, bets né o taco, esconde esconde, pega pega, vivo morto essas brincadeiras de rua.

Pesquisadora: Você utiliza essas brincadeiras de rua como conteúdo educacional, quando você estava em sala de aula ?

Marivana: Eu acho que não. Eu acho que sim né, na hora que a gente vai brincar né, a gente sempre vem na hora da brincadeira, um vivo morto a gente faz na sala, a questão da amarelinha eu não tinha pensado na amarelinha e agora que eu lembrei da amarelinha, daí você vai trabalhar letra e número você já aproveita a brincadeira para colocar o conteúdo que a gente quer né.

Pesquisadora: Aqui na escola né, vamos pensar assim no currículo. Você acha que as professoras são direcionadas a também trabalhar com essas brincadeiras ou fica meio em aberto, elas que escolhem?

Marivana: Eu acho que elas que escolhem, né. Não é, a gente não direciona, a gente não tem nada nem no nosso, falar a gente faz o seminário e coloca tudo o que vai fazer na semana e a gente tem brincadeiras, mas não assim brincadeiras de, brincadeiras de rua que é chamado, não a gente não tem nesse formato não. Elas acho que ,elas já colocam por rotina né, acho que já conhece já põem, vamos fazer isso, mas não que seja orientado não.

Pesquisadora: Para você as brincadeiras. Você acha que elas podem estar contribuindo com o processo de inclusão aqui na escola?

Marivana: Acho que sim porque na brincadeira né tudo é mais fácil. Acho que é possível sim, daí vai brincar né. Na brincadeira tudo, na verdade todo mundo é igual né, mas na brincadeira acho que a gente percebe menos talvez, eu acho as diferenças, acho que fica, percebe menos.

Pesquisadora: Do que eu não perguntei, que eu não falei você tem vontade de dizer algo sobre esse tema?

Marivana: Não, acho que não.

Pesquisadora: Tranquilo.

Marivana: Certinho (risos).

Pesquisadora: Então tá jóia.

Entrevista 6

Data: 16/11/2021

Tempo de Entrevista: 09'11''

Nome: Alana **Idade:** 36 anos

Formação Profissional

Curso: Letras / Pedagogia

Local de Formação: Frea

Ano em que se formou: 2007

Pós – Graduação: Psicopedagogia/ Literatura Brasileira / Educação Especial Inclusiva na Educação

Tempo de atuação nesta Rede Municipal: 11 anos

Tempo de atuação nesta Escola: 11 anos

Pesquisadora: Sobre a inclusão de crianças com deficiência ocorre nesta unidade escolar? Justifique sua resposta?

Alana: Então na verdade eu não sei falar em termos de que, se for por exemplo educação infantil em termos de: ah, vamos colocar socialização. Socialização seria inclusão? Porque se for socialização por inclusão alguns alunos que eu já peguei deu certo, por exemplo o [...] tinha um autismo leve, então no caso dele, ele participava de todas as atividades, brincava ia pro parque. A [...] tinha mielomeningocele então o que acontecia era mais o problema motor, então nesse caso também deu certo, porque ela participava de todas as atividades, ela ia ao parque claro com os devidos cuidados né, seguravamos e ajudavamos tudo certinho. Atualmente por exemplo tem uma Surda né. É Surda que fala? Então a [...] que é Surda no caso, as atividades, todas as atividades que envolvem jogos... fonológicos que envolve consciência fonológica que exige o campo visual articulatório daí ela fica de fora, só que em termos de socialização ela socializa com as crianças, porque a gente tenta fazer mais ou menos por gestos. Então nem sei responder se há a inclusão ou não. Por exemplo eu diria que parcial algumas crianças sim outras crianças não e nem todos os quesitos. Porque eu acho que falta uma pergunta também, em que? o que seria inclusão? Em que ela deveria ser incluída, né? Em quais tipos de atividades, igual a [...] se você for pegar por exemplo a coordenação motora fina ela é inclusa se for pegar as atividades de pintura ela é inclusa, agora se for atividades que envolvam essa questão da articulação fono articulatória, daí não porque ela não escuta.

Pesquisadora: Mas vamos pensar assim em inclusão em relação a sua prática, então o que você passa para todas as crianças é igual você passa para a [...] consegue atender a [...]?

Alana: Eu consigo atender a [...] nas questões como eu falei de socialização, na questão da alfabetização não.

Pesquisadora: O ensino aprendizagem não?

Alana: Não. O ensino aprendizagem quando ele foca por exemplo em contagem, não. O que eu consigo fazer com ela por exemplo é mostrar cores só que é muito difícil né, ela conhece as cores eu coloco é tipo o nome das cores com as cores e mostro pra ela, mas não sei se ela aprende.

Pesquisadora: A pergunta a seguir é se você já atuou com esse público? Se sim, como foi a experiência? Se não, você se sente capacitada?

Alana: Não capacitada não. Igual eu falei porque é muito amplo, tudo é muito amplo se eu for pegar a [...] por exemplo ela foi totalmente incluída, ela não deveria nem fazer por exemplo uma atividade fora né, eu diria uma atividade, ela não necessitaria o porque cognitivo dela foi preservado a coordenação motora dela ela dificultava o processo dela andar, porém ela andava. Ela não precisaria correr, né ela não poderia correr seria perigoso, então ela não corria, só que nem todas as coisas exigem correr, por exemplo parque todo o resto. Então ok. Agora algumas, vamos supor se eu pegasse igual lá na outra “escola” que eu vejo, que eu vejo tem uma criança que tem é paralisia cerebral, então ela não mexe nada, ela só mexe, ela baba o tempo todo ela só mexe a mão, então nesse caso eu nem saberia o que fazer só que eu nunca tive esse contato com essa pessoa. Os que eu tive eu consegui, alguns, o mais difícil é a [...] porque só funciona a parte da brincadeira, da socialização, agora da aprendizagem se você for pegar por exemplo qualquer coisa que envolva né, igual escrita o que é escrita transcrição do som não tem como, porque ela não escuta, não sei como desenvolver.

Pesquisadora: Como as crianças lidam com esse processo de inclusão ?

Alana: Melhores do que os adultos, porque elas encontram formas de conversar com a [...] que nem a gente entende, por exemplo ali, outro dia ela veio e falou assim para [...] a [...] pegou no braço da [...] eu falei como você sabe, porque ela fez assim (mostrou o movimento e o som). Para eles é muito natural a socialização né, no caso.

Pesquisadora: Você acha importante desenvolver essa temática com as crianças?

Alana: Ah eu acho né, porque assim que eles chegam eles já notam assim que ela é um pouco diferente deles, mas depois de um certo tempo eles percebem, eles levam de boa, eles sempre se ajustam, acho que a criança tem essa possibilidade de se ajustar melhor que o adulto. Eles se ajustam mais a ela né, porque eles sabem inclusive o que ela fala assim oh (estalar de dedos), sem nem precisar, as vezes ela grita, ela tá lá naquela carteira né, eu não sei nem o que que é, “ah que ela não quer sentar ali, ela quer sentar na outra”, isso é tudo a criança. Acho que é interessante falar isso pra eles, deixar mais natural. Eu acho interessante falar para as crianças isso, mas acho que pelo menos o contato que eu tive com as crianças pequenas eu acho que é muito mais natural do que talvez se fosse com criança mais velha, porque todos aqui, todos os pequenos, eles não tem problema nenhum. Eu não vi, por exemplo, se viu? A gente nunca vê né. Eu pelo menos nunca presenciei um preconceito contra a [...] eles nem sabem, existe um certo respeito e um certo cuidado deles com ela.

Pesquisadora: Sobre as brincadeiras de rua, qual você tem conhecimento?

Alana: Ah, fala quais são as brincadeiras de rua.

Pesquisadora: Pensa aí [...] o que você já conhece aí, que você já viu , que você já brincou?

Alana: Que eu brinquei na rua? Esconde esconde, pega pega, passa anel, pular corda, jogar bola.

Pesquisadora: Você utiliza as brincadeiras de rua como conteúdo educacional?

Alana: Não.

Pesquisadora: Tem algum motivo por não utilizar?

Alana: Ah não sei, acho que nunca pensei nisso, ela não tá dentro da minha prática. Eu utilizo outras né, jogos simbólico, casinha por exemplo, cabeleireiro utilizo assim as vezes ... visual é pouca, o que a gente trabalhava mais antes, que agora não trabalhamos mais né por causa da pandemia que nem o circuito essa parte muito mais de correr. Roda eu trabalhei, roda eu brinco com eles, cantigas de roda, lencinho branco essas coisas assim já brinquei com eles, agora os outros poucas.

Pesquisadora: Para você, as brincadeiras de rua podem contribuir com o processo de inclusão no ambiente escolar?

Alana: Com o processo de inclusão, no caso se eu for colocar a [...] Ah, eu acho que sim. É porque eles brincam aqui, não eu não sei a brincadeira de rua né teriam regras ?

Pesquisadora: Qualquer uma [...] vamos pensar no pega pega, você acha que ela é capaz de compreender, de entender e as crianças participar?

Alana: Sim

Pesquisadora: Você acha isso importante para elas?

Alana: Acho e eles tem aula de recreação com você né?

Pesquisadora: Sim sim

Pesquisadora: Caso eu não abordei alguma coisa que você tenha interesse em falar em relação à inclusão ou algum ponto de vista?

Alana: Não

Pesquisadora: Não, somente isso? Ta joia, muito obrigada.

Alana: De nada

Entrevista 7

Data: 16/11/2021

Tempo de Entrevista: 07'30"

Nome: Mariana **Idade:** 45 anos

Formação Profissional

Curso: Pedagogia **Local de Formação:** Faculdade de Pinhais

Ano em que se formou: 2013

Pós – Graduação: Literatura Infantil / Alfabetização em Matemática /Educação Inclusiva com ênfase em deficiência Intelectual

Tempo de atuação nesta Rede Municipal: 8 anos

Tempo de atuação nesta Escola: 7 anos

Pesquisadora: Sobre a inclusão de crianças com deficiência ocorre nesta unidade escolar? Justifique ?

Mariana: Se ocorre a inclusão. Aí, a gente tem aluno que precisava ser incluído, mas isso nem sempre acontece né, eles são incluídos mas não tem, muitas vezes a gente não tem, como fazer diferença para que esse aluno se desenvolva igual uma criança normal. Porque muitas vezes a gente não tem. Aah não é nem a, não que a diretora não dê o suporte, mas não tem meios, eu falo muitas vezes falta os meios para fazer.

Pesquisadora: Você acredita que por exemplo, família é todo um conjunto?

?: Todo um conjunto, todo um conjunto.

Pesquisadora: Você já atuou com esse público? Se sim, como foi a experiência? Se não, você se sente capacitado?

Mariana: Não, eu acho que falta formação. Quando você vê um aluno que precisa de inclusão ou vamos falar uma criança com alguma deficiência você já fica, ai meu Deus o que eu vou fazer como vai ser, depois você acaba é aprendendo ali com a situação e sabendo fazer, mas no momento assusta porque acho que falta a formação, acho que falta isso né.

Pesquisadora: Nesse momento aqui que você já teve toda de experiência nesses 8 anos você já atuou com algum público de inclusão?

Mariana: A[...] que a gente teve que é era física né, que fui professora dela. Acho que só. E os gêmeos que também foram meus antes de estar aqui, na creche eles foram da minha sala, os dois então também exigia um trabalho diferenciado com eles, por conta de não andar, depois né por conta da dificuldade de pegar né, um deles tinha um a deficiência intelectual um pouco menor né, então já trabalhei sim.

Pesquisadora: Como as crianças lidam com esse processo de inclusão?

Mariana: A criança que está sendo incluída ou os, os que estão fora da inclusão os amigos normais vamos falar assim, eles são super prestativos né, nossa eles acostumam com e ajudam bastante tentam fazer tudo que você ensina, ah não pode segurar deixe ele andar sozinho eles aprendem bastante isso né. E o incluído também ele é muito esforçado geralmente muito assim, os que eu tive geralmente quando tem uma limitação de, eu posso fazer tudo isso vem da família, lembra a [...] que a mãe falava ai não pode isso, não pode aquilo e a menina podia fazer tudo né. A que eu

tive que era deficiência Surdo a mãe falava que não queria a interprete a mãe falava, acho que então muitas vezes essa limitação vem da família daí e não da criança daí.

Pesquisadora: Você acha importante desenvolver essa temática com as crianças?

Mariana: Super. Até pra que eles não tenha o preconceito mesmo, mas a criança a primeiro momento ela olha diferente né. A primeiro momento o que é ai vou fazer, a [...] por exemplo eles queriam pegar o andador dela com ela e levar, não você tem que deixar a criança fazer então é importante eu acho e até pra entender as diferenças né

Pesquisadora: Sobre as brincadeiras de rua, qual você tem conhecimento?

Mariana: Brincadeiras de rua, ixxi. Corda, pega pega, queimada a gente brincava muito de queimada, esconde esconde, são muitas (risos)

Pesquisadora: Você utiliza alguma brincadeiras de rua como conteúdo educacional?

Mariana: Sim gosto, dança da cadeira com eles, eu gosto de fazer aquela do vivo morto que eles gostam bastante.

Pesquisadora: Para você, as brincadeiras de rua podem contribuir com o processo de inclusão dentro da escola?

Mariana: Sim, você vai adaptar a brincadeira de acordo com o seu aluno né. Acho que sim, dá pra fazer pensando no aluno de inclusão da pra você adaptar, você tem que adaptar né. Em tudo na verdade né, ele não consegue pular corda, então o que ele consegue fazer passar, dar passos em cima da corda é isso que ele vai fazer, né. É uma maneira, você tem que pensar em uma maneira de incluir aquela criança que senão você não está incluindo e ta excluindo. Acho que dá.

Pesquisadora: Essas são as perguntinhas da nossa conversa, tem alguma coisa a mais que você queira falar em relação à inclusão ou algum ponto de vista que eu não abordei?

Mariana: Não acho que é isso mesmo, só acho que falta muito, falta muito o investimento no professor, para ele ter mais conhecimento sobre isso né. Porque quando você fala de um aluno de inclusão ninguém quer, primeiro lugar ninguém quer, todo mundo tem medo, porque talvez não tenha essa formação, você faz uma pós mas na formação você não tem muita coisa, quando você faz a faculdade a impressão que dá é que você vai pegar todos os alunos iguaizinhos, sentadinhos e não é assim né, então acho que essa parte falha, e a parte social que é a infraestrutura né, porque que parece que tudo funciona, mas não funciona né, um acompanhante, a pessoa que vai estar junto pra ajudar se a criança precisar, os banheiros adaptados, tudo que a criança precisa muitas vezes não tem né, as vezes é feito pra receber a criança mas a escola não tem. Então eu acho que falha bastante ,eu acho que é uma coisa que não sei se a gente consegue, mas é uma coisa que deveria acontecer é acho que uma parte importante. Isso?

Pesquisadora: Isso, muito obrigada tia [...]

Mariana: De nada.

Entrevista 8

Data: 16/11/2021

Tempo de Entrevista: 06'25"

Nome: Thalita **Idade:** 54 anos

Formação Profissional

Curso: Magistério/ Pedagogia

Local de Formação: Avaré

Ano em que se formou: -

Pós – Graduação: Psicopedagogia

Tempo de atuação nesta Rede Municipal: 31 anos

Tempo de atuação nesta Escola: 9 anos

Pesquisadora: Sobre a inclusão de crianças com deficiência ocorre nesta unidade escolar? Justifique?

Thalita: Ocorre, ocorre. Pela necessidade das crianças né, e também pelo aprendizado delas, a importância delas estarem juntas com as outras crianças né, de uma forma diferente das outras mas elas também aprendem.

Pesquisadora: Você já trabalhou com esse público? Se sim, como foi a experiência? Se não, você se sente capacitado?

Thalita: Eu às vezes, eu não me sinto capacitada, as vezes eu me sinto muito insegura quando vem uma criança assim. Até aconteceu uma vez um caso, que eu trabalhava com o primeiro ano em uma outra escola e um aluninho que ele dava trabalho, dava trabalho, dava trabalho acabou conhecendo as letrinhas do alfabeto, conhecendo os números né, até fazia. Mas um dia nós fomos na praça e ele aprontou tanto, tanto sabe quando você pega na mãozinha, falei agora nós vamos pra sala, que eu já tava (barulho com a boca) peguei na mãozinha dele e ele veio todo feliz segurando na minha mão sabe, eu falei nossa olha a maneira de ver né. Pra ele acabou sendo um prêmio, aí eu fiquei assim, sabe meio... meio sem chão aquele dia, sabe.

Pesquisadora: Foi algo bem singelo, mas que pra ele.

Thalita: É, que pra ele eu falei nós vamos pra sala, era pra ser uma dificuldade pra ele foi uma nossa, uma vitória sabe. Eu falei nossa olha uma coisa tão né, que às vezes passa despercebido né, pra gente né, às vezes tá precisando não tanto, tá precisando de outra coisa né, que às vezes a gente acabe né.

Pesquisadora: Como as crianças lidam com esse processo de inclusão aqui na escola, como você vê isso?

Thalita: Eu acho que elas lidam bem, elas acolhem bem, ajudam, né. Para as crianças eu não acho que seja tão difícil né, tive aquela aluninha surda né, mas as crianças parecem que conversavam, batiam na mãozinha e elas interagiam com as outras

crianças numa boa. A dificuldade às vezes maior é da gente, como que eu vou passar o conteúdo pra essa criança.

Pesquisadora: Você acha importante desenvolver essa temática com as crianças?

Thalita: Essa temática, com as crianças.

Pesquisadora: Você acha que é importante ensinar sobre inclusão para eles?

Thalita: Ai eu não sei se você, falar assim eu acho que inclusão tá bom a pessoa deficiente, tem aquele outro que às vezes é mais... eu acho que, eu acho que não sei, eu acho que você tem que falar pra acolher de uma forma geral todo mundo.

Pesquisadora: Todas as diferenças

Thalita: Todas as diferenças isso. Todas as diferenças é bem isso, né. Porque ninguém é igual né. Você pode né, às vezes se fala, alguém fala um pro outro: olha no espelho tem alguém igual? Cada um com a sua beleza. Eu sempre tento passar isso pros meus alunos, que cada um tem a sua beleza, mesmo quando sabe mais uma coisa e o outro não sabe. Sabe, às vezes ele sabe mais aquilo e o outro sabe mais outra coisa, né.

Pesquisadora: Sobre as brincadeiras de rua, qual você tem conhecimento?

Thalita: Brincadeira de rua?

Pesquisadora: Que você brincava, não sei se brincava?

Thalita: A gente brincava de queimada que mais, bets, esconde esconde era mais isso.

Pesquisadora: Você utiliza alguma dessas brincadeiras de rua como conteúdo educacional?

Thalita: As vezes quando a gente trabalha...brincadeira de roda que às vezes eu uso agora com os pequenos, brincadeira de roda sim. Brincadeira de roda que eu uso parece que as outras brincadeiras nem tanto.

Pesquisadora: Para você, as brincadeiras elas podem ali estar contribuindo com o processo de inclusão na escola?

Thalita: Com certeza, quando eles estão brincando eles se unem mais, não é? Eu acho que sim.

Pesquisadora: Das perguntas que eu não fiz aqui né caso passou alguma coisa, tem algo que você queira falar em relação à inclusão?

Thalita: Acho que não. Só isso mesmo.

Pesquisadora: Obrigada tia [...]

Thalita: Imagina.

APÊNDICE I – Questionário Unidade Escolar



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



Questionário Unidade Escolar

Data: 20/12/2021

Escola: EMEI Profª Marieta Rolim de Moura

Etapas de Ensino: Maternal II, 1ª e 2ª Etapa da Educação Infantil.

Período: Integral

- 1- Quantas crianças estão matriculadas nessa Unidade Escolar? (idade/ nível de ensino)

Estão matriculados nessa U.E. 161 alunos sendo:

Maternal II- 52 alunos (3 anos)

1ª Etapa- 56 alunos (4 anos)

2ª Etapa -53 alunos (5 anos)

- 2- Quantas crianças possuem alguma deficiência? Quais deficiências? (idade/ nível de ensino)

Uma aluna da 2ª Etapa apresenta surdez severa.

- 3- Nas turmas que possuem crianças com deficiência, os professores tem alguém para auxiliá-los? Se sim, quem auxilia? Se não, por quê?

Não. A escola não conta com profissional saiba Libras.

- 4- Qual sistema e /ou plataforma digital a Escola utiliza para registrar as informações/ dados dessa unidade? Quem tem acesso?

A escola registra as informações no google drive. A Secretaria Municipal de Educação tem acesso a todas as informações.

- 5- Quantos funcionários possuem nessa Unidade Escolar? (função/ nível de ensino)

Essa U.E. conta com 12 funcionários sendo:

- Servidor geral - 03 (Ensino Médio)
- Monitor Escolar - 05 (Ensino Médio)
- A.D.I. - 02 (Ensino Superior)
- Merendeira - 01 (Ensino Médio)
- Secretária de Escola - 01(Ensino Médio)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



6- Quantos professores compõem a Escola? (área de atuação)

A escola conta com 11 professores sendo:

- 03 professores nos Maternais
- 03 professores nas 1ª Etapas
- 03 professores nas 2ª Etapas
- 01 especialista Educação física
- 01 especialista Arte

7- Caso necessário a Escola possui algum auxílio especializado da área da saúde que atendam os alunos encaminhados? Se sim, qual? Pertence a qual secretaria?

Não.

8- Existe algum impedimento para se obter informações essenciais a respeito das crianças?

O maior problema é a falta de diagnósticos.

9- Alguma informação relevante sobre a Unidade Escolar?

Respondente: Marivana

Tempo de atuação/ função nesta Escola: Atuo há 26 anos na Educação e há 13 anos na gestão dessa Unidade Escolar.

APÊNDICE J – Questionário para a Secretaria Municipal de Educação



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



Questionário para a Secretaria Municipal de Educação de Cerqueira César

1- O município possui quantas escolas? (nomes/ níveis/ período)

3 EMEIEF + 2 EMEI + 3 Creches = 8

2- Quantos professores compõem a rede de ensino?

128 professores total (sendo que desses 23 tem 2 cargos e 10 são gestores)

3- Quantos professores especialistas de Educação Física?

6 efetivos + 3 contratados

4- Quantas aulas de Educação Física semanais por turma?

1 aula Ensino Fundamental e 3 aulas Educação Infantil

5- Quantas crianças estão matriculadas na rede? (idade/ nível de ensino)

Berçário I - 44 (0 a 1)

Berçário II - 77 (1 a 2 anos)

Maternal I - 134 (2 a 3 anos)

Maternal II - 188 (3 anos)

1ª Etapa - 221 (4 anos)

2ª Etapa - 257 (5 anos)

1º Ano - 241 (6anos)

2º Ano - 246 (7 anos)

3º Ano - 275 (8 anos)

4º Ano - 282 (9 anos)

5º Ano - 239 (10 anos)

Total de alunos - 2205

6- Quantas crianças possuem alguma deficiência? Quais deficiências? (idade/ nível de ensino)

1 surdez

8 Deficiência intelectual

2 baixa visão e outras

7 autistas

2 deficiência física e outras



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



7- Nas turmas que possuem crianças com deficiência, os professores tem alguém para auxiliá-los?

Sim

8- Alguma informação relevante sobre a educação do município?

REDE MUNICIPAL DE ENSINO

Creche

PROFESSORA CONCEICAO AVELLAR CAMPOS BRITO
PROFESSORA MARIA JULIETA ZALOTI
PROFESSORA SEBASTIANA FRANCO DE OLIVEIRA

EMEI

APARECIDA MATEUS ROLIM
PROFESSORA MARIETA ROLIM DE MOURA

EMEIEF

PROFESSOR AVELINO PEREIRA
PROFESSORA MARIA JOSE FRANCA NOGUEIRA
ZELY MEIRA CACCIOLARI

Respondido em: 19 de novembro de 2021

Novas perguntas enviadas em: 23 de novembro de 2021

1. Nas turmas que possuem crianças com deficiência, quem auxilia esses professores? (de acordo com as seguintes deficiências: 1 Surdez/ 8 Deficiência Intelectual/ 2 Baixa Visão e outras/ 7 Autistas/ 2 Deficiência Física e outras).
2. O município possui alguma instituição com profissionais da área da saúde que atendam os alunos encaminhados pelas unidades escolares? Se sim, qual? Pertence a qual secretaria?

Resposta: 24 de novembro de 2021

Os alunos com deficiência são acompanhados por uma ADI (Auxiliar de Desenvolvimento Infantil).

Os alunos são atendidos nos Postos de Saúde (Fono e psicóloga, Equipe mínima onde podem ser encaminhados a médicos da área). Também são encaminhados ao Centrinho (APAE) para esses atendimentos.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



Nova questão enviada em: 30 de novembro de 2021

1. Gostaria de saber se a criança com surdez tem o auxílio de 1 interprete e tradutor de LIBRAS? Se sim, desde quando? Caso não, o por quê?

Resposta: 01 de dezembro de 2021

O aluno com surdez tem o auxílio de interprete e tradutor de Libras. Acredito que faz uns 4 anos.

Informações disponibilizadas pela Supervisora de Ensino.

APÊNDICE K - Cronograma das aulas

04/11/2021

- Explicação referente a pesquisa e convite a turma escolhida

08/11/2021

- Disponibilizado o termo de autorização para que as crianças entregassem aos pais e/ou responsáveis

09/11/2021

- Início da pesquisa em sala de aula
- TALE preenchido
- Crianças realizam entrevistas com as funcionárias na escola
- Crianças recebem o questionário para realizarem a entrevista em casa com seus familiares
- Em HTPC realizei a Entrevista com as professoras

11/11/2021

- Conversa em sala sobre as informações coletadas com o questionário

16/11/2021

- Conversa no pátio e vivencia da brincadeira elástico
- Em HTPC realizei a Entrevista com as professoras

18/11/2021

- Apresentação de vídeos de algumas brincadeiras com diversidade cultural, (sujeitos, localidade e formas de brincar) – vivencia da brincadeira pular corda e pega pega queimou

23/11/2021

- Vivencia da brincadeira mãe da rua e cabra cega

25/11/2021

- Convite entregue com informações da data da filmagem

29/11/2021

- Filmagem do documentário

02/08/2022

- Aplicação do Jogo de Tabuleiro com as Turmas nas aulas de Educação Física

*As aulas de Educação Física são realizadas por essa turma:

Terças-feiras (2 aulas)

Quintas-feiras (1 aula)

Tempo de aula 50 minutos

ANEXOS

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: BRINCADEIRAS DE RUA COMO PRÁTICAS EDUCATIVAS E INCLUSIVAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL

Pesquisador: ELIZIANE CRISTINA PEREIRA VALENTIM FERREIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 40153520.0.0000.5398

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.483.981

Apresentação do Projeto:

Como informado pelo pesquisador responsável no Projeto de Pesquisa e Documento de Informações Básicas, gerado por meio dos dados fornecidos no ato do preenchimento da Plataforma Brasil, "o início da vida escolar da criança propicia novas vivências, aprendizagens, desafios e dentro desse ambiente ela passa a ter diferentes relacionamentos e a conviver diariamente com outros indivíduos. Por se tratar de um local multicultural e com centenas de sujeitos é provável que se tenha a presença de crianças que possuam alguma deficiência. Nesse processo é imprescindível que se tenha uma Educação de qualidade e inclusiva. As brincadeiras de rua são propostas lúdicas que apresentam características positivas dentro do processo ensino aprendizagem, mas quando atrelado a inclusão é escasso na literatura. Nesse sentido na presente pesquisa-ação objetiva-se resgate histórico e analisar as implicações na aprendizagem do princípio de inclusão, e sob o enfoque qualitativo verificar se os: Professores Escolares desconsideram a inclusão de crianças deficientes por intermédio das brincadeiras de rua; Professores Escolares atuam plenamente com as brincadeiras de rua como princípio de inclusão; O Sistema Escolar não propicia a inclusão. No qual objetiva-se analisar se e como professores escolares lidam e propiciam a inclusão de crianças deficientes por intermédio das brincadeiras de rua? Para tanto, realizar-se-á revisão da literatura abordando os significados dos Jogos e Brincadeiras da/na Educação Infantil; Inclusão; Jogos

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 4.483.981

Populares e Brincadeiras de Rua. A pesquisa será orientada pelo método da história do tempo presente e o instrumento para a coleta de dados utilizar-se-á da técnica de entrevista semi-estruturada. A discussão dos dados se dará por intermédio do método Análise de Conteúdo. E como produto será produzido um vídeo educacional inicialmente intitulado: Brincadeiras em Ação, a partir da prática realizadas em aulas de Educação Física durante o processo da pesquisa".

Objetivo da Pesquisa:

Como informado pelo pesquisador responsável no Projeto de Pesquisa e Documento de Informações Básicas, gerado por meio dos dados fornecidos no ato do preenchimento da Plataforma Brasil, "Objetivo Primário: Contribuir com a inclusão da criança deficiente por intermédio das brincadeiras de rua. Objetivo Secundário: Identificar crianças com deficiências; Evidenciar se e como Professores atuam com: inclusão, crianças deficientes e brincadeiras de rua; e Produzir vídeo educacional".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Como informado pelo pesquisador responsável no Projeto de Pesquisa e Documento de Informações Básicas, gerado por meio dos dados fornecidos no ato do preenchimento da Plataforma Brasil, "Riscos: Trata-se de um estudo de história oral, portanto ao entrevistar os professores e/ou diretores há possibilidade de riscos mínimos associados a possíveis desconfortos aos assuntos abordados na pesquisa. Benefícios: O estudo pretende apresentar as brincadeiras de rua como conteúdo das aulas de Educação Física, contribuir com o resgate histórico e fomentar a inclusão no ambiente escolar, e ampliar a revisão da literatura pertinente ao assunto. Disponibilização do acervo para a formação e atuação de profissionais da Educação Física escolar".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa se mostra relevante social e cientificamente, além de apresentada por meio do projeto de forma coerente em relação aos aspectos éticos, ou seja, em conformidade com as resoluções vigentes, a saber: 466/12 e 510/16, do CNS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados e conforme as Resoluções 466/12 e 510/16 do CNS.

Recomendações:

Nenhuma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO**



Continuação do Parecer: 4.483.981

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto considerado "aprovado" por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1660905.pdf	12/11/2020 14:49:09		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_AUTORIZACAO.pdf	12/11/2020 14:45:45	ELIZIANE CRISTINA PEREIRA VALENTIM FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TC_AUTORIZACAO.pdf	12/11/2020 14:43:09	ELIZIANE CRISTINA PEREIRA VALENTIM FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	12/11/2020 14:38:44	ELIZIANE CRISTINA PEREIRA VALENTIM FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	12/11/2020 14:38:29	ELIZIANE CRISTINA PEREIRA VALENTIM FERREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa.pdf	12/11/2020 14:37:06	ELIZIANE CRISTINA PEREIRA VALENTIM FERREIRA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_ROSTO.pdf	12/11/2020 14:24:57	ELIZIANE CRISTINA PEREIRA VALENTIM FERREIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepesquisa.fc@unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



Continuação do Parecer: 4.483.981

BAURU, 23 de Dezembro de 2020

Assinado por:
Mário Lázaro Camargo
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO **CEP:** 17.033-360
UF: SP **Município:** BAURU
Telefone: (14)3103-9400 **Fax:** (14)3103-9400 **E-mail:** cepsquisa.fc@unesp.br